O MUNDO VINDOURO

ENTREVISTADO

SUSAN G. HORN

Tradução:
AMADEU ANTÓNIO

O MUNDO VINDOURO ENTREVISTADO

PELA Sr.ª S. G. HORN AUTORA DE "STRANGE VISITORS" (VISITANTES ESTRANHOS)

"E muitas vezes, desse outro mundo neste Alguns vislumbres de grandes almas idas podem brilhar." — J. Russell Lowell

UM VOLUME PUBLICADO EM COMEMORAÇÃO DA BENEVOLÊNCIA DE HENRY J. HORN.

PREFÁCIO

Ao chamar a atenção do leitor para as páginas seguintes, são necessárias algumas palavras explicativas. O conteúdo foi transmitido pela senhora-sensitiva que, enquanto num estado mental passivo, entrou em transe pelos autores dos artigos aqui contidos. Nesta condição anormal, sem qualquer concepção prévia do que seria proferido, as frases que compõem estas comunicações caíram dos seus lábios e foram registadas por um amanuense que estava sentado ao seu lado. A notável obra intitulada *Strange Visitors* é da mesma autora. Foi publicada há alguns anos, e as muitas edições exigidas pelo público evidenciaram o interesse generalizado que estas produções maravilhosas estão a criar.

UMA EMINENTE RECOMENDAÇÃO

O que o Ilustre Arthur MacArthur, Antigo Juiz do Supremo Tribunal, Diz sobre "O Mundo Vindouro Entrevistado".

"O Mundo Vindouro Entrevistado", pela Sr.ª S. G. Horn, é um livro de poder e interesse para todos aqueles que se inclinam para o estudo dos fenómenos espirituais, ou que desejam saber algo sobre os sublimes ensinamentos que provêm do intercurso sobrenatural. As revelações são de um carácter tão extraordinário que a atenção não é apenas atraída pela natureza das comunicações, mas a mente enche-se de espanto perante a amplitude do pensamento e as grandiosas visões que são apresentadas da vida invisível.

As comunicações variam de acordo com o carácter do comunicador, e cada um relata uma experiência própria. Por exemplo, o poeta Longfellow, quando a letargia que por alguns segundos entorpecera os seus sentidos passou, ouviu um grande coro de vozes cantando palavras tiradas do seu próprio *Salmo da Vida*.

De Quincey descobre que os esplendores nas visões de um comedor de ópio empalidecem perante as realidades transcendentes que se abrem à visão

de um espírito na Terra das Almas, e Darwin afirma que, se tivesse podido viver mais cem anos, teria sido capaz de demonstrar a evolução de um anjo a partir de um homem. O livro é composto por comunicações recebidas através da mediunidade da Sr.ª Horn, enquanto em estado de transe, e revela a influência de uma ordem elevada de inteligência espiritual em cada página. As cenas descritas e o vívido espetáculo da vida Celestial são cheios de grandeza e recordam as passagens mais elevadas da nossa melhor poesia. Nada pode ser mais belo do que a descrição dos lares dos nossos amigos falecidos. A vida de utilidade que levam é muito diferente das visões correntes sobre esse assunto.

Em vez da suposta indolência da vida espiritual, cada um está constantemente empregado em algum trabalho de autoaperfeiçoamento ou em algum esforço para o bem geral. Ticiano pinta no seu lar espiritual entre as estrelas, onde tem um estúdio, e a sua cor esplêndida realiza o ideal naquela terra de amor e beleza; a alma patriota de Lincoln ama e vigia o país pelo qual perdeu a vida, e John Stuart Mill, que não conseguia encontrar prova de qualquer vida além desta na terra, revela o princípio imortal gravado no seu espírito que o torna imortal. De facto, em todos estes esboços maravilhosos, a mente percebe a plena grandeza do seu próprio destino e o grande futuro no qual viverá para sempre.

Cenas de beleza insuperável e uma perspetiva ilimitada das atividades do homem são reveladas nesta nova esfera de existência, e não se pode deixar de sentir que se estão a ler mensagens de verdade simples e honesta de quem fala, e sabe e vê o que relata. É um pensamento animador que brota na mente após a leitura deste livro. As belezas da vida no mundo do espírito são abertas ao nosso olhar, e as várias mudanças operadas nas visões e opiniões que eram mantidas na terra pelos maiores pensadores mostram quão longe o conhecimento e a ciência estiveram de compreender as leis das esferas espirituais, e quão mais grandiosa a existência é quando se torna imortal. O humilde e o grande muitas vezes invertem posições, e as desigualdades das condições terrenas são retificadas por um equilíbrio justo e equitativo, que tem por fundamento o trabalho e o valor que marcaram a vida de cada membro da família humana.

Que estas páginas sejam lidas com candura, e o ceticismo e o ateísmo converter-se-iam em crença, e um sentido devocional de reverência e alegria tomaria o lugar da hesitação; e mesmo o cristão professo verá as suas dúvidas sobre o futuro varridas, e as suas visões da bondade eterna de Deus corroboradas pelas garantias mais infalíveis. Não há fase de hesitação ou indiferença filosófica que não fosse sobressaltada por este poderoso anúncio do universo desconhecido e invisível, e se os devotos da ciência lessem e ponderassem estas páginas maravilhosas, o seu desdém transformar-se-ia em

temor e admiração perante o grandioso mundo de vida e sabedoria que elas revelam. A alma que pode contemplar estas mensagens de amor e verdade sem emoção não está em condições de receber a prova de alguém que se levantasse do túmulo para testificar as mesmas coisas, pois há um ar de realidade e naturalidade que atrai os sentimentos comuns do nosso melhor eu contra todas as sugestões de preconceito ou tradição. O mundo dos sentidos é confrontado com a revelação direta de uma forma de vida superior.

Aqueles que viveram grandes vidas aqui em baixo voltam para nos informar da sua experiência lá, e para nos dar a garantia das suas grandes almas de que ainda vivem, e que o mundo do espírito é tão real como este; dão os seus nomes, afirmam as suas visões, relatam os factos, tudo em perfeita conformidade com os seus dons e peculiaridades individuais, e apelam aos seus amigos que permanecem cá em baixo para que leiam e acreditem como se estivessem com eles face a face, à maneira do intercurso terreno, e este apelo transcendente é expresso em termos tão requintados e apropriados que mostram que apenas os sábios, os dotados e os cultos são os autores destas passagens divinas.

O filósofo, o poeta, o homem de letras, o orador, o estadista e o teólogo, o que duvida, o religioso e o incrédulo unem-se neste grande testemunho da existência eterna da alma. É uma nobre comitiva de génio, saber e carácter perante a maior e mais grandiosa verdade que qualquer um deles jamais examinou ou proclamou, e eles vêm agora da sua gloriosa morada para comunicar as boas novas da imortalidade a todos os filhos dos homens. Concluímos dizendo que os raros dons mediúnicos da Sr.ª Horn são singularmente isentos de qualquer motivo egoísta ou mercenário.

Ela exerce-os para o bem dos seus amigos e raramente aparece em trabalho público. O seu carácter gentil e amável é um testemunho da natureza exaltada da inteligência que a controla, e da pureza e boa-fé de tudo o que aparece neste volume. Arthur MacArthur, LL. D. Washington, D. C., 10 de Setembro de 1890.

UM FEITO LOUVÁVEL

Através da generosidade de Henry J. Horn, podemos apresentar "O Mundo Vindouro Entrevistado", um excelente livro, aos nossos milhares de assinantes a um custo nominal, quando acompanhado por uma assinatura anual do *The Progressive Thinker*. Ele ofereceu-nos as placas estereotipadas e nós, por nossa vez, enviaremos o livro a um preço ao alcance de todos — o simples custo de impressão, papel, selos, etc. Agradecemos sinceramente ao Sr. Horn por esta manifestação do seu espírito benevolente. O mundo espiritual

também lhe agradecerá, tal como os milhares que lerão esta obra notável. J. H. FRANCIS. Editor do *The Progressive Thinker*.

O MUNDO VINDOURO

SABEMOS algo deste mundo, das suas maneiras e costumes; mas do próximo — quão pouca, quão escassa é a nossa informação! E, no entanto, os nossos amigos deixam o nosso lado ano após ano e partem para a Terra Invisível. Como chegam lá?, questionamos. Caminham, cavalgam ou voam? Têm corpos individualizados ou são meras almas, sem forma nem substância? Vivem lá como pássaros no ar, ou habitam em casas como nós, os civilizados da terra? Florescem flores e crescem árvores lá? E se as árvores prosperam, como os antigos profetas parecem ter descoberto, podem ser cortadas e transformadas em artigos de utilidade, como aqui?

Podem os habitantes desse mundo invisível fazer mesas, cadeiras e pianos, bem como harpas de ouro? Ou estão tão familiarizados com os segredos da natureza que podem criar estas formas desejáveis a partir dos elementos por um esforço de vontade? Mantêm os seus órgãos de visão, de audição e de fala? Se falam, têm línguas e palatos? E, se assim for, podem saborear, comer ou beber? Como é relatado no Antigo Testamento, "O Senhor sentiu um cheiro suave" do sacrifício de Noé. Anjos (espíritos) comeram com Abraão quando lhe foi prometido um filho na sua velhice, e Sara, escutando por trás das dobras da tenda, riu incredulamente. Se têm forma e proporção, têm o hábito de se vestirem como nós?

Os antigos clarividentes descrevem-nos como "vestidos de vestes brancas"; e nós, nos nossos estados de transe e em sonhos, vimo-los em vestimentas habituais. De onde obtêm eles essas túnicas? Como é fabricado o tecido? Pode ser removido à vontade, ou é uma adenda ao espírito como as asas de uma borboleta? O que é o estado de transe e como é induzido pelos habitantes do Mundo Vindouro? A médium descreve assim esta condição: Aproximo-me do estado de transe até com relutância, e um sentimento de temor invade-me ao entrar nesta condição misteriosa. O quarto onde estou desaparece; os amigos que me rodeiam parecem afastados a uma distância imensurável — já não fazem parte de mim; pareço estar a cair pelo espaço; tudo é escuridão ao meu redor, quando subitamente o ar se torna iluminado, como pontos de luz flutuantes, cada um cintilando com um esplendor dourado.

O que transparece ao meu redor só sei como uma pessoa que dorme numa carruagem ou num vagão de comboio tem consciência de que está a viajar — levanta as pálpebras pesadas e fecha-as sobre o conhecimento de que uma floresta de árvores ladeia a estrada — que colinas, planícies e rios sorridentes delimitam a distância, e no entanto dorme. Como são produzidas

na clarividente as sensações assim descritas? Todas estas perguntas afluem à mente da médium, e é no esforço de lhes responder que os espíritos dão os seguintes relatos: —

A INGLATERRA E A RAINHA

PRÍNCIPE ALBERTO. Este espírito genial foi um dos primeiros a aparecer. Tínhamos ouvido falar da crença da Rainha Vitória no intercurso espiritual, e tinham-nos dito que, na sua própria mesa privada, ela mandava pôr talheres para o Príncipe (o seu marido) como quando ele vivia na terra, e que, quando ela jantava ou tomava o pequeno-almoço sozinha, a cadeira dele era colocada em frente à dela, e que assim a sua doce vida doméstica continuava entre os dois mundos. Desejávamos saber até que ponto ele percebia esta amorosa atenção da sua esposa e também saber que posição os monarcas ocupavam no mundo vindouro. Em resposta aos nossos pensamentos, o Príncipe Alberto controlou a médium e deu o seguinte relato da sua condição e maneira de passar o tempo. A sua influência era digna e, contudo, animadora; conversava naturalmente e respondia às perguntas com aparente prazer.

Dezembro de 1876.

VÓS, que visitastes aquela pilha antiga que é o Castelo de Windsor, que caminhastes pelos seus aposentos de estado, vistes os salões de banquete e as capelas fantasmagóricas dos nossos antepassados, não podeis perceber que, invisível, caminhei ao vosso lado e vos acompanhei no vosso passeio pelas salas*, pensando nos muitos dias felizes que passei com Vitória e os nossos filhos neste e noutros palácios da querida velha Inglaterra.

**Referindo-se a uma visita feita pelo Editor ao Castelo de Windsor.*

Amo a Inglaterra e estou interessado no seu bem-estar, não como governante, mas como conselheiro e amigo. Vigio os conselhos da Rainha e faço parte do Gabinete. Assisto ao Parlamento, acompanhado por vezes pelos Lordes Brougham e Palmerston, e outros que fizeram dos assuntos de Estado o seu estudo em vida. Encontrei lá, de tempos a tempos, Pitt e Fox, o Duque de Wellington e muitos mais que ainda sentem interesse pelo bem-estar da sua terra natal. Pessoalmente, acompanho a Rainha diariamente; tão fortes são os seus poderes mediúnicos, tão perfeita é a união entre nós dois, que sinto como se nunca tivéssemos sido separados.

Vivo, por assim dizer, em dois mundos! Vitória contou ao público sobre o nosso lar feliz nas Highlands. Ela deleita-se na vida natural e simples e pensa, como eu, que o monarca ideal deve ser um com o povo, não acima dele. A Rainha ama Balmoral, e é porque o meu espírito pode visitar sem entraves aquele lugar montanhoso e livre que ela é atraída para lá. Se o público

pudesse entender a verdadeira razão da sua escolha, deixaria de a criticar. Uma parte do tempo passado entre montanhas ajuda a desenvolver um amor pela liberdade e um verdadeiro conhecimento da igualdade natural entre os homens. Os espíritos também podem aproximar-se dos mortais mais intimamente em terrenos elevados, e é por estas razões que a Rainha ama Balmoral, e é por isto que o verdadeiro britânico ama explorar os cumes das montanhas. Alguns dos súbditos de Vitória censuram-na por não sustentar a dignidade da nação através de exibição externa; mas os cortejos da corte são meros passatempos para os ignorantes e tendem a cegar e subjugar os oprimidos pelo brilho e esplendor da pompa.

Uma nação cultivada e equilibrada deve elevar-se acima do mero brilho infantil, e a Inglaterra está gradualmente a fazer isso. Penso que a Rainha tem razão ao retirar-se de espetáculos que servem o propósito de desviar a mente das suas verdadeiras necessidades e de uma compreensão correta da sua condição. Houve um tempo em que exibições bárbaras eram acompanhamentos necessários ao carro triunfal do conquistador. Não que eu deseje depreciar o prazer onde ele tende a revigorar e restaurar energias demasiado taxadas; mas um gasto inútil de riqueza em cortejos, no fim, apenas debilita o povo e enfraquece-o tanto no corpo como na mente. Antes do nosso tempo, muitos reis e rainhas reinaram na Inglaterra, e tive a rara felicidade de encontrar vários deles na vida espiritual. Mas serão eles ainda reis e rainhas? Não; muitos aprenderam que não estavam aptos para as posições que ocupavam na terra. Apenas alguns entre eles possuíam mentes de grande compreensão; apenas alguns foram capazes de olhar além de si mesmos e perceber as necessidades do povo sobre o qual reinavam.

O nosso infeliz primo, Carlos I, perdeu a vida porque pensou apenas nas suas necessidades imediatas e não quis ouvir os pedidos do seu povo. Encontrei-o na vida espiritual, um homem mudado. O progresso e o desenvolvimento da raça humana é a lei do Universo. O Mundo Espiritual controla a terra; estende a sua mão invisível e arranca do trono o potentado que esmagaria o povo e lhe tiraria a sua duramente ganha migalha, ou que o empurraria de volta para as cavernas escuras da ignorância. Esta é a força oculta que derruba nações e impérios! Foi este poderoso poder espiritual que levou Maria Antonieta ao bloco de execução e arrancou a águia triunfante do estandarte de Napoleão!

6 *O Mundo Vindouro*

Infeliz Maria Antonieta! Os seus sofrimentos na terra, em certa medida, expiaram o seu orgulho de poder! Vi-a na vida espiritual, embelezada pela dor, educada pela triste experiência; vivendo uma vida tranquila e sem incidentes num lar tranquilo; já não rainha! já não odiada nem desprezada! Vi Maria

Stuart, outra rainha infeliz, mas possuidora de uma natureza mais fina do que Maria Antonieta, uma mulher amorosa, embora errada. Ela leva uma vida de caridade mais ativa do que a outra Maria. Possuidora de uma forte natureza amorosa e de um poder magnético subtil, faz-se sentir tanto no Mundo Espiritual como na terra. Não tinha desejo de oprimir o povo; foi apenas desviada pelos seus anseios por uma natureza mais forte que a sua para a sustentar, e pelo seu desejo de ser amada e admirada. Os dois Napoleões estão juntos na vida espiritual. São homens do povo. Embora temporariamente cegados pelo poder, visavam a elevação das massas. Quando apertaram o seu domínio sobre o povo, este foi afrouxado pelo poder espiritual, e agora são verdadeiros democratas.

Têm muitos adeptos no mundo que habitam e ainda são líderes. Possuidores de uma energia tremenda, podem realizar um grande bem; as suas visões são amplas e não autocentradas; e, embora mantenham o olho na França, visitam outras nações e estudam diferentes modos de governo. Este maravilhoso panorama da vida interessa-me profundamente. A História aqui caminha diante de mim, não em forma de livro, mas vestida e viva. Desejo informar as pessoas que ocupam cargos de responsabilidade na terra sobre o facto importante de que aqueles que governaram reinos na vida não podem regressar à terra e comunicar os seus pensamentos mais facilmente do que aqueles que ocuparam a posição mais humilde.

Diz-se que a morte é um nivelador de distinções, e assim seria se a educação e a informação que adquirimos na terra não nos acompanhassem para a segunda fase da existência. Seja um homem rei ou plebeu, se educar a sua mente e desenvolver as suas faculdades morais, colherá o benefício dos seus esforços terrenos no estado posterior. Tal tem sido a minha feliz experiência. Regozijo-me por ter dedicado a minha atenção às belas-artes, ao estudo das belas-artes e à economia política, e por ter usado os meus esforços para defender o bem-estar do povo sobre o qual Vitória reinou. Ao educar assim a minha mente e elevar a minha alma, preparei-me para um gozo equânime no mundo espiritual.

Os meus dotes ajudaram-me aqui; os sentimentos de fé e confiança num Poder Supremo, e o amor pela humanidade que a verdadeira natureza feminina da minha Consorte fomentou, ajudaram-me a assegurar emprego para as minhas faculdades nesta Terra da Imortalidade! Embora este seja um mundo de luz e beleza, as velhas associações vivem ativamente no meu peito, e os laços familiares sobrevivem à dissolução do corpo material; portanto, passo muito do meu tempo na querida velha Inglaterra. Já disse antes: se um governante deixa de cuidar dos interesses das massas — se esquece que foi colocado no poder como guia e pai para os seus súbditos — se esquece estas

coisas, será, mais cedo ou mais tarde, arremessado do seu trono e arrancado do solo que lhe parece tão firme.

O passo da Justiça parece lento a alcançar algumas nações, enquanto ultrapassa outras com rapidez; mas, embora seja retardado por algum tempo, não pode ser evitado. Já alcançou os domínios Papais; o seu passo abala agora o trono do império Otomano!* Onde quer que haja opressão — onde quer que haja uma tentativa de deter a mão do

**Este artigo foi transmitido cerca de cinco meses antes da Guerra Russo-Turca.*

Progresso e impor a ignorância — aí aparecerá a Justiça sob a forma de revolução e guerra; está predestinado. Na América, os vossos governantes detêm um poder de curta duração; mas, tão certo como haver qualquer tentativa de oprimir os pobres, de reter a influência das escolas públicas e da educação universal, de retirar a qualquer porção dos habitantes as suas justas prerrogativas, ou de oprimir de qualquer forma as massas, sentireis a influência desse poder espiritual, que regula os governos e os reinos da terra, repreendendo-vos e conduzindo-vos através da escuridão para uma forma mais elevada de governo!

ESBOÇO DA VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

HARRIET MARTINEAU

A notícia da partida de Harriet Martineau da terra chegara à América; a pergunta feita era: — Viria ela descrever a sua entrada no Próximo Mundo através da médium? — iria ela, que acreditava não haver um além, dizer ao mundo como resolveu o problema da existência futura? Ela veio como um suave raio de luar; a sua influência era a de uma natureza tranquila e satisfeita, em harmonia com a sua vida espiritual, feliz por transmitir informações e regozijada por viver e falar novamente no Próximo Mundo, e feliz por desfazer, tanto quanto estivesse ao seu alcance, a influência perniciosa da sua teoria da morte eterna; embora, como ela diz, as opiniões que expressou tenham estimulado as pessoas a investigar e a deitar fora os credos apodrecidos do passado.

NA última parte da minha vida na terra, aceitei a teoria da não existência da alma, exposta por esses eminentes investigadores das causas naturais, a saber: Darwin, Huxley, Arnold, Comte e Herbert Spencer. Simpatizei mais ansiosamente com as suas visões na medida em que descobri que os credos dos teólogos relativos à alma e ao seu Criador se tornavam nada mais que fábulas absurdas quando trazidos sob a luz da ciência. Muitos dos anos que

vivi no corpo foram passados em sofrimento físico, mas dediquei-os ao estudo, procurando em vão resolver o enigma da existência; infelizmente! se eu possuía uma alma imortal, falhei em percebê-la, com todas as minhas investigações. Nos primórdios do mesmerismo, tornei-me objeto desse agente maravilhoso, e aprendi então a ação de uma mente sobre outra e o poder da vontade sobre a matéria, e provavelmente ter-me-ia tornado crente na filosofia espiritual que dela nasceu, se tivesse sido possível demonstrar aos meus sentidos a existência do espírito. Olhei para as descobertas na clarividência como a ação subtil de forças não reconhecidas da Natureza, e quanto mais investigava, mais aparente se tornava para mim que os chamados espírito e matéria eram idênticos e, portanto, não imortais. Mas agora descubro que a ciência do controlo magnético, tal como descoberta por Mesmer, e as influências ocultas são tão antigas como o homem, e são o elo de ligação entre o mundo dos espíritos e o mundo da matéria.

Descubro agora que a ação dos passes misteriosos que produzem efeitos tão peculiares na estrutura humana é controlada por leis tão sábias e simples como as que regem a função da respiração. A ciência do mesmerismo não é totalmente compreendida nos dias de hoje, nem é praticada tão eficazmente como era séculos antes da era cristã; se o fosse, a comunicação com o Mundo Espiritual seria de ocorrência mais frequente; é agora uma das artes perdidas, mas está a ser gradualmente restaurada. Poucas pessoas compreendem a razão pela qual a doença é curada por passes magnéticos; tentarei explicar a causa. Existe uma força latente no homem designada pelo grande investigador Reichenbach como força *od*, que aparece como uma luz elétrica que emana do corpo.

O cérebro é o foco desta força e é capaz, pelo seu poder de vontade, de a estender ou contrair. A doença causa um declínio do poder da vontade, seguindo-se a não emissão da luz em certas porções do corpo; o médico mesmérico infunde a sua aura e poder de vontade na porção negativa do corpo do paciente, a força *od* torna-se igualmente distribuída e a saúde é o resultado. Mas, no que respeita a estes assuntos, eu apenas tateava na escuridão enquanto estava na terra. Agora tudo mudou, e "quão grande é a mudança!" Desde que entrei no Mundo Espiritual, as minhas faculdades de audição e paladar foram restauradas e, como um novo ser, comecei uma nova esfera de existência. Quão belo é este Mundo Espiritual, nenhuma língua o pode dizer!

Gostaria de descrever as sensações que senti ao fechar os meus olhos na terra, esperando recuar para a escuridão total e a aniquilação, quando me encontrei consciente numa atmosfera de luz e no meio de uma paisagem da mais maravilhosa beleza! À distância, erguiam-se os pináculos elevados, as torres e os contornos ténues de uma vasta cidade; que, cintilando na luz da manhã, parecia feita de alabastro, ágata e pérola, real e contudo irreal, como

alguma fantasmagoria deslumbrante! Fui levada para esta cidade, onde encontrei Fourier, Shelley, Comte, Mary Wollstonecraft, Mesmer, Hume, Hugh Miller, Buckle, Paine e muitos outros pensadores da Europa e da América. Os questionadores ávidos da imortalidade enquanto na terra, os humanitários e os reformadores socialistas, encontrei-os aqui associados. Habitam numa comunidade Arcádia, entre flores, fontes e campos cultivados, cada um acrescentando a sua quota de trabalho e conhecimento ao todo. Assisti a um entretenimento realizado num templo moldado segundo um modelo grego, adornado com pinturas e estatuária, e ouvi acordes de uma orquestra composta pelos vários instrumentos de música que foram construídos em todas as eras do mundo! Sons arrebatadores encheram os meus ouvidos! Poderia verdadeiramente ser chamada a "música das esferas".

A surpresa que acompanhou a minha entrada neste mundo notável tem sido tão avassaladora que me sinto mal capaz de fazer justiça ao assunto, e apenas posso esperar dar uma pálida ideia da felicidade que realizei ao despertar para um segundo estado. Os meus hábitos literários e as enfermidades do corpo induziram-me a procurar uma vida retirada na terra. Em Ambleside, tinha prazer em ver os meus amigos e receber os meus associados escolhidos, mas amava a reclusão de uma vida no campo e a quietude do meu próprio gabinete, e evitava a sociedade em geral e as excitações das viagens; mas desde que entrei no Mundo Espiritual, renunciei de bom grado aos meus hábitos de reclusão. Abençoada com vida e vigor renovados, acompanhei os meus amigos espirituais em muitas excursões agradáveis e instrutivas. Aqueles dos meus amigos que outrora me consideraram perdida devido à minha Infidelidade, têm sido naturalmente assíduos em mostrar-me as vantagens e belezas deste lar eterno!

Entre estes, nomearei Miss Brontë, Dickens, Mrs. Gaskell, Robert Chambers e Wordsworth, que ficaram genuinamente gratos ao bom Senhor por permitir que a minha mente duvidosa provasse as glórias deste estado supernal. Seria uma tarefa fastidiosa mencionar todas as pessoas que vi e com quem conversei; os meus antigos confederados antiesclavagistas apressaram-se a dar-me as boas-vindas a esta terra de liberdade; mas o espaço e o tempo obrigam-me a abster-me de entrar em mais detalhes pessoais. Dizem-me que o Mundo Espiritual é muitas vezes maior do que a terra, e as suas cidades são muito mais numerosas e extensas. Muitos amigos bondosos, que se sentiram gratos pelos meus esforços públicos para ajudar as classes trabalhadoras pobres de Inglaterra, uniram-se para construir uma morada para mim aqui.

Fica numa localidade muito bela, conhecida como o Lar Jardim Vitória (*Victoria Garden Home*), e está rodeada por alguns acres de terra. O Príncipe Alberto é um dos fundadores desta comunidade. O local é magnífico, e a terra é ondulada e encantadoramente diversificada. Cada propriedade é dotada de

numerosos acres de terra, mais ou menos de acordo com a capacidade do ocupante para os cultivar. Espera-se que a parte que detém um destes domínios cuide anualmente do conforto e da felicidade de seis a oito almas sem abrigo e desafortunadas que possam fazer a sua saída da terra durante cada ano. Perguntareis naturalmente como o Príncipe Alberto se tornou possuidor desta propriedade, uma vez que um príncipe, ao entrar no Mundo Espiritual, não assume uma posição mais elevada do que o mais humilde trabalhador?

É verdade que o seu nascimento não lhe deu qualquer prerrogativa, mas os seus esforços em prol dos súbditos da Rainha, e o incentivo e simpatia que deu às belas-artes e à literatura (em vez de passar o seu tempo em prazeres ociosos, como fazem demasiados príncipes), criaram para ele na vida espiritual um círculo de mentes inteligentes que decidiram fazer dele o seu líder. A terra escolhida estava desocupada; os fundadores plantaram-na e embelezaram-na da mesma forma que a terra na terra é tornada bela e frutífera; e formaram-na num "Lar Jardim". O solo do globo espiritual é de uma profundidade de composto aluvial maior do que a do vosso planeta, e depósitos de ardósia e pedra são raros.

Os seus constituintes químicos diferem materialmente dos da terra, e o crescimento da vegetação é estimulado pela condição magnética peculiar do nosso ar num grau desconhecido para os agricultores do vosso mundo: tanto assim que os médiuns, ao descreverem os nossos produtos, frequentemente afirmam que são produzidos por um mero esforço da mente, tão milagrosamente rápido é o seu crescimento. As residências são de vários estilos de arquitetura, mas os tipos Oriental e Grego prevalecem. Aquelas pessoas que trouxeram consigo um amor por qualquer habitação ou vivenda particular, construíram fac-símiles das mesmas, mas na maioria dos casos os desenhos são novos e adaptados ao clima salubre com que somos abençoados.

Mas a glória suprema do lugar é um magnífico templo, grandioso em proporções e harmonioso no desenho, que se ergue sobre uma eminência imponente, como Júpiter sobre o Monte Olimpo; nele, os grandes, os sábios e os bons congregam-se e enviam as suas inspirações à humanidade, tal como os deuses faziam nas eras fabulosas do mundo. Neste templo encontramo-nos, conversamos e estudamos como os estudantes faziam nos dias dourados de Atenas. Aqui tenho visto reunidas muitas das maiores mentes da Inglaterra — Byron, Scott, Shelley, Mrs. Browning, Coleridge, Charles Lamb, Leigh Hunt; também Mesmer, Fourier, Faraday, Reichenbach e hordas de agitadores, estadistas e poetas que partiram do velho mundo insatisfeitos com a vida e inquietos nos seus objetivos por uma condição superior da humanidade, e que vivem aqui uma vida mais feliz e harmoniosa. Aqui, também, encontrei pintores

— Reynolds, Haydon, Blake e Turner; também os escultores Canova, Powers e Thorwaldsen; e aqui, também, em tempos determinados, reúnem-se as mentes mais avançadas que atingiram um estado de existência superior. Há uma peculiaridade que observei na vida espiritual: é que os espíritos evitam viver por qualquer longo período de tempo num só lugar. Como consequência, intercambiam visitas com comunidades vizinhas e organizam povoados entre espíritos de uma nação e língua diferentes. Os espíritos levam consigo para o Próximo Mundo as suas próprias peculiaridades de dialeto (pois a memória é fortalecida pela morte), mas não posso entrar nas minúcias do seu modo de viver e formas de fala, pois isso envolveria assuntos que encheriam um volume; mas direi que o que é conhecido como a ciência socialista da vida prevalece aqui.

Quando a boa soberana da Inglaterra, a Rainha Vitória, deixar a sua esfera de existência terrena, encontrará um belo lar preparado para ela pelo Príncipe Alberto, neste LAR VITÓRIA. Como afirmei, não se presta homenagem à posição aqui, apenas ao valor. Vitória mostrou sempre um apreço por esse facto espiritual. Ela opõe-se à falsa pompa e à exibição desnecessária, e está apta, além de qualquer soberano na terra, a entrar no pleno gozo da vida espiritual. Esperando que os pobres trabalhadores e os artesãos inteligentes da terra possam compreender rapidamente as vantagens da associação e cooperação, encerro o meu esboço da vida no mundo espiritual.

REFORMA NA VIDA ESPIRITUAL

CHARLES KINGSLEY

Estávamos ansiosos por ter uma entrevista com o autor de "Alton Locke", de quem tínhamos ouvido falar tantas vezes. Ele veio, acompanhado por um grupo de amigos. O seu espírito tinha um ar nobre e benéfico, e ele falou com profundo sentimento sobre o assunto da condição dos criminosos no outro mundo; os seus pensamentos pareciam demasiado avassaladores para a sua expressão, e foi com dificuldade que transmitiu os seus sentimentos exaltados através da médium. Tendo entrado num mundo algo diferente da sua preconceção, e ultrapassando-o de longe na sua variedade ilimitada, não conseguia encontrar palavras humanas para transmitir os pensamentos que pressionavam o seu espírito. De acordo com os sentimentos filantrópicos que o moviam na terra, expressou mais interesse na condição do imenso número de espíritos depravados e ignorantes que afluem às margens do próximo mundo do que na daqueles mais felizmente situados.

SEMPRE senti um profundo interesse pelas classes trabalhadoras e acreditei que muitos humildes alfaiates ou sapateiros poderiam, se as

circunstâncias favorecessem o progresso, exibir a sabedoria de um Newton, a filantropia de um Howard ou a bravura de um Nelson. Nos meus passeios pelo campo, muitas vezes pensei ter visto "algum manso e inglório Milton" espreitando do exterior baço de um humilde camponês, esperando apenas pelo golpe de mestre do Destino para revelar o seu génio. Mas embora eu creia assim numa habilidade não desenvolvida entre as classes baixas de Inglaterra, e pense que se circunstâncias gentis as tivessem nutrido, muitos entre eles dariam frutos bons e abundantes, contudo vi um vasto número mergulhado na ignorância e no crime, que herdaram males que nenhum meio envolvente afortunado poderia erradicar; e temo, por factos que chegaram à minha observação, que tais pessoas, ao entrarem no Mundo Espiritual, se tornem mais fixas nos seus males.

Pode não ser geralmente conhecido que a terra está rodeada por uma cintura que, aos espíritos que se aproximam, parece uma nebulosa luminosa. Estende-se logo além da atmosfera da terra e é a morada temporária da maioria das pessoas após o falecimento do corpo. Nesta camada de terra espiritualizada congrega-se a maioria dos homens desafortunados do vosso planeta que cresceram para ser bêbedos, vigaristas, jogadores e vilões. Congregam-se neste lugar, não porque sejam forçados a fazê-lo, mas pelos seus hábitos não têm desejo de se misturar com uma classe melhor de sociedade. Visitei esta cintura logo após a minha partida da terra. Tão grande é a sua extensão que parece um mundo, e cada nação tem nela o seu representante. Os habitantes estão em estreita proximidade com a terra, e é através deles que se dão as materializações e manifestações físicas, e todas as comunicações de ordem grosseira.

De cada lado desta zona estende-se um deserto, um ermo sombrio, e para aqui dirigem-se os espíritos infelizes que desejam eludir o companheirismo — seres miseráveis que levaram as suas mentes a tal estado mental que preferem viver neste deserto a associarem-se com os seus semelhantes. Há muito poucas pessoas que não possam ser tocadas pelas belezas da natureza e despertadas pela simpatia de um coração humano, mas há algumas, infelizmente! e elas regressam à terra e dão descrições mórbidas dos seus lares espirituais.

A maioria dos homens torna-se melhor através de condições melhoradas, por meios envolventes brilhantes e alegres; objetos belos de forma e cor educam homens e mulheres para uma expansão simétrica, mas o olho deve ser educado para perceber e o coração para apreciar, antes que estas vantagens possam ser plenamente desfrutadas. Em Inglaterra, muitos homens verdadeiramente nobres têm-se esforçado desta forma para educar os corações e as mentes das classes baixas. Abriram parques e construíram casas de desenho artístico, para desenvolver os instintos superiores dos

pobres. As fábricas também têm sido usadas com o propósito de fabricar pratos e canecas para o campesinato, embelezados com flores adoráveis e cenas pitorescas, para despertar o amor pelo belo nas suas mentes sobrecarregadas e melhorar os seus hábitos em geral. Mas pouco pode ser feito de cada vez; o trabalho de reforma é muito lento naqueles que herdaram apetites depravados e gostos brutais.

Muitas vezes leva-se uma vida inteira para quebrar um hábito adquirido em poucos anos. É por esta razão que os criminosos não são imediatamente beneficiados no Mundo Espiritual; embora o seu meio envolvente possa ser melhor, infelizmente, eles carregam consigo as suas velhas inclinações terrenas. Se um homem tem amor pelo vício na terra e encoraja esse amor por vários anos, a mera mudança de mundos não provocará uma mudança nos seus desejos e hábitos. Chegará o tempo em que os nossos legisladores estarão melhor informados sobre questões psicológicas e deixarão de enviar criminosos para o Mundo Espiritual como forma de punição; passarão a compreender que os infratores podem ser reformados ao serem colocados em condições melhores e mais saudáveis na terra.

As prisões deveriam estar rodeadas por acres de terra cultivável, e horas de recreio e estudo deveriam ser concedidas ao criminoso mais endurecido. É apenas através de um tratamento gentil que a reforma radical pode ser alcançada; e, a menos que um homem possa ser inteiramente reformado, ele regressará à terra e instigará os seus companheiros no crime a males maiores do que ele próprio cometera: pois é uma lei que, quando um espírito se desencarna e fica livre da matéria grosseira, o seu poder aumenta. A vida espiritual é como um grande mar, com muitos portos, muitas enseadas e diferentes margens; algumas terras belas e sorridentes, acolhendo o viajante, e alguns baixios estéreis e desolados e ilhas baixas cercadas de rochas, e algumas costas frias e lúgubres, como as costas de Labrador.

Cada homem é, felizmente, criado com um instinto de preservação da vida e um desejo de ajudar o seu semelhante. Estes dois princípios são as chaves para a imortalidade, pois nenhum poder supremo pode salvar um homem da destruição; mas o seu próprio desejo de sobrevivência e o amor bondoso dos espíritos que ele possa atrair salvá-lo-ão de uma carreira descendente no Mundo Espiritual que seria semelhante à perdição. Quantas raças de homens se encontram no Mundo Espiritual! Que vasta variedade de humanidade!

Quão grandioso e sábio é o arranjo da vida eterna — quão variadas as suas intermináveis mudanças de existência! Embora tenhamos desejado muitas vezes poder escrever um livro informando os nossos semelhantes sobre as maravilhas que vimos, e embora ensinamentos erróneos que ouvimos ser

dados nos tenham desanimado às vezes e, noutras vezes, nos tenham feito sorrir, contudo sabemos que, no fim, todos vós alcançareis a mesma meta, embora por caminhos diferentes, e todos, a seu tempo, respirareis o ar destas [esferas] eternas.

OS DOIS ESTADOS:
O REAL E IDEAL

JUIZ EDMONDS

A médium, depois de ter lido um discurso do juiz Edmonds feito por intermédio da Sra Cora Richmond, inquiriu o ilustre juiz quanto à razão da descrição que fez da vida do espírito por meio dessa talentosa médium se revelava diferente do que descrevera e transmitira através de si própria; e enquanto se encontrava sentada à mesa, recebeu a seguinte comunicação em resposta à sua pergunta.

Foi-me dirigida a pergunta: "Como poderá justificar a diversidade das descrições do Mundo Seguinte, feitas por si através de diferentes médiuns? Através de uma você representa-o como uma condição objetiva, e através de uma outra como uma condição subjetiva; numa descreve-a como comportando árvores e flores, colinas e vales, riachos e atmosfera, palácios e cabanas e chalés, "coisas de beleza tal que representam uma alegria perene," e muitos dos acessórios científicos e artísticos da vida terrena; ao passo que em outros casos, e através de uma outra médium, você descreve o mundo espiritual como sendo tão subjetivo quanto os nossos próprios sonhos, e os espíritos são descritos como habitando estados criados pelas suas próprias mentes, semelhantes ao estado de uma pessoa insana que se imagina rei, e usa um lenço desbotado ou chapéu rasgado sobre a cabeça como uma coroa, enquanto aqueles que são sãos a contemplam como ela é, uma pobre criatura abandonada num asilo de loucos!

"Os espíritos, dotados de um orgulho exagerado, são descritos como criadores de paredões de gelo em meio aos quais se encerram, do mesmo modo que o inseto coral constrói a sua fortificação preciosa em que se encerra a fim de evitar o inimigo; e diz-se que esses muros, ou estados ou condições se desvanecem ou crescem de acordo com o estado avançado ou retardado do paciente!" Meus amigos e leitores, ambas as descrições são corretas: uma é literal e outra a condição ideal ou da condição alma do 'espírito'.

Mesmo no vosso mundo externo, existem discrepâncias similares na interpretação do carácter, dos lugares e das coisas. Por exemplo, se um habitante de um outro mundo solicitasse a um entusiasta religioso que se

descrevesse a si próprio e ao mundo em que vivia, ele haveria de se descrever a si próprio dizendo que vivia com o Ser Divino, e que estava sempre num estado de oração, por ter sido vil, mas que fora purificado por algum processo misterioso pelo sangue de Cristo! Do vosso mundo maravilhoso ele haveria de falar numa linguagem depreciativa, como "um lugar escuro, um lugar insalubre, um deserto de pecado!" Que impressão acha que tal linguagem transmitiria ao ouvinte?

Por outro lado, um amante da natureza, como Bryant ou Wordsworth, exultaria com a beleza da paisagem, falaria da terra como um lugar de alegria e descrever-se-ia a si próprio como um apreciador do canto dos pássaros, e amante do ar perfumado de rosas! O budista absorto na contemplação religiosa, nunca ergue os olhos do seu livro sagrado, mesmo enquanto caminha, e contempla os homens que passam por ele como fantasmas, enquanto se encontra intoxicado num sonho espiritual de ópio; assim são as freiras pálidas e os sacerdotes austeros da Igreja Católica Romana. Pensa você que eles veem a terra como você a vê?

Eu lembro-me de uma época, há muitos anos atrás, durante a minha vida terrena, em que um certo homem chamado Miller, afirmou que a destruição da terra ocorreria numa determinada data; muitas pessoas deixaram-se empolgar com a ideia, e crendo implicitamente nessa informação, aguardava o terrível momento num estado que beirava a insanidade. Todos os propósitos terrenos se tornaram abomináveis a seus olhos; as casas em que moravam, as roupas que vestiam e os negócios que tratavam tornaram-se desagradáveis e depravados para eles, e aqueles que não podiam acreditar como eles, eram evitados como demónios!

Como acha que essas pessoas teriam descrito o vosso estado terreno a um habitante de Júpiter, de Marte ou de Saturno? Seria possível que eles fizessem uma descrição justa da condição do povo de terra?

Assim, no meu caso, embora eu me esforce por dar uma explicação correta da vida do Espírito através das médiuns que controlo, ainda assim as minhas observações são tingidas pelos seus estados mentais, assim como pela própria condição mental em que me encontro no momento do controlo. Se eu visitar as regiões polares e conversar com o Esquimós, emprego comparações adaptadas ao clima ao qual essas pessoas estejam acostumadas e que sejam capazes de entender; e essas comparações deverão ser muito diferentes das comparações que eu uso para com um habitante dos trópicos.

Tive a felicidade de ver e conversar com Sócrates e Platão, Aristóteles, Pitágoras, Buda, Maomé, Bacon e Voltaire, mas de que modo lhe deverei descrever essas entrevistas? Devo dar-lhe conta do lugar e do momento da

ocorrência? Devo dizer-lhe como estes conhecidos se encontravam vestidos e o aspeto que tinham à minha perceção? Se eu fizer isso, você responderá que a minha descrição é demasiada material. Se eu adotar a linguagem típica oriental, e disser, como no Apocalipse, que eles estavam "vestidos com o sol," e que surgira "um som como que de um vento impetuoso" enquanto eles falavam, algum desses modos de descrição lhe transmitirá uma ideia perfeita do facto à mente?

Torna-se difícil para a maioria dos médiuns transmitir uma impressão natural do mundo espiritual, pois eles terem sido condicionados pela educação religiosa que receberam dos seus antepassados.

Tome o exemplo de um Indiano ou de um Chinês, e ele irá descrever o mundo do Espírito como um mundo de realidades. Mas os nativos da Cristandade há tanto tempo que foram ensinados a encarar a alma como um nada impalpável, um mito, uma chama, algo destituído de forma ou consistência, uma identidade capaz de sentir o ardor de um fogo infernal material sem ser consumida! Por não compreenderem o espírito na sua condição natural.

Monges e padres. Clérigos e dissidentes, ensinaram-lhes a desprezar o corpo como uma forma indigna, que nenhum parentesco ou semelhança tem com a alma. Fomos ensinados que o vestir, e toda a parafernália da civilização são o resultado da Queda Original, e, por isso, deve ser ignorado por um espírito puro e elevado.

As pessoas não se lembram do facto de que toda a maravilhosa maquinaria de design do homem, os aparelhos das forças da natureza empregues na produção de novos resultados, a tecelagem das sedas, das rendas e dos belos objetos, são o resultado dos poderes divinos do homem e que, quanto mais ele progride no desenvolvimento, mais ele se torna capaz de projetar e criar como um verdadeiro deus! No mundo espiritual, as capacidades do homem são multiplicadas por dez, e os objetos que ele projeta aumentam na mesma proporção.

Eu saudei com prazer enquanto estive na terra, esta médium através da qual falo agora, por ter percebido nela a faculdade de receber impressões naturais, e por ter descoberto que através dela, os espíritos poderiam descrever cenas e lugares reais, enquanto através de outras igualmente talentosos eles poderiam apenas descreva semelhanças poéticas e vagas dos factos.

Eu gostaria que você desse atenção ao que vou dizer: lembre-se que no mundo espiritual, assim como na terra material, existem dois estados: o ideal,

visionário, e a condição materialista real, por assim dizer; e que esses estados se acham interligados um com o outro; e que a mente está sempre em busca de uma expressão da ideia que tem por uma forma visível, no mundo espiritual como no vosso mundo; e, como o Criador formou os milhões de mundos objetivos nos céus siderais e todos os objetos naturais que vocês veem na terra, assim irão continuar, como Ele, para formar na vida do Espírito artigos objetivas em resultado do pensamento criativo que têm, e a viver uma vida tão real e objetiva como a que vocês agora vivem na terra.

HOMENS RICOS DE NOVA IORQUE
JUIZ EDMONDS

Imediatamente após o falecimento de Vanderbilt, diversos cavalheiros que o conheceram durante anos no Caminho (de Ferro, conforme se depreende), desejaram que os amigos da médium indagassem a respeito da condição espiritual em que se encontra, e em resposta a essa demanda de informações sobre o seu estado, o Juiz Edmonds controlou a médium e fez o relato que se segue. No decurso das suas observações, ele aparentemente foi interrompido, e a médium não pôde continuar durante um certo tempo. Retomando, o juiz anunciou que Vanderbilt havia entrado na sala, e protestado com ele por causa das declarações que fizera, após o que completou a seguinte narrativa:

Foi-me solicitados que descrevesse a condição de alguns dos homens ricos notáveis de Nova Iorque, e eu, como diz Otelo:

"Falarei deles como eles são; sem exagero algum,
Mas sem malícia.

É contrário, ao propósito geral deste trabalho, que um homem fale por outro; mas, como me foi permitido fazer umas observações, fá-lo-ei tão livremente quanto faria se estivesse a discursar numa sala de aula em Nova Iorque, e me esforçasse por apontar os maus resultados de um certo curso na vida, com o propósito de esclarecer os meus antigos concidadãos, não desejando dizer nada de indelicado ou depreciativo destes senhores que, enquanto na terra, foram meus companheiros citadinos, e que agora são residentes no mundo espiritual, embora numa parte diferente da minha.

A cidade de Spring Garden, onde resido, e da Sociedade de Beulah, de que sou membro (e de que Greeley é presidente) ainda não são suscetíveis de se provar atraentes a homens como Vanderbilt, ou A.T. Stewart; mas se quiserem visitar a cidade que eu habito, ficarei muito encantado em recebê-los.*

CORNELIUS VANDERBILT

Foi comentado em tom de brincadeira por um famoso teólogo, que conseguiu convertidos ao Cristianismo às dúzias, e que pela sua maravilhosa eloquência levou o pecador mais endurecido às lágrimas de arrependimento - ainda que em cuja vida tenha corrido uma corrente bastante contrária à sua instrução e chamado sagrado - foi dito com respeito a ele que ele tinha aberto um bar de ostras no mundo do Espírito! Esse, porém, não é facto literal, o público com graça adapta assim a punição aos seus deméritos, e ao mesmo tempo que o aplaude como um orador, avalia vivamente os pontos fracos que tem como homem.

Da mesma maneira lida a opinião pública com o rei dos caminhos-de-ferro, Vanderbilt, e sarcasticamente especula quanto ao que lugar de honra que o seu arrependimento no leito de morte venha a dar-lhe nas Margens Douradas. Ele fechou a porta dos seus estábulos no seu passo acelerado, virou as costas aos amigos chegados, esvaziou os bolsos de milhões, e começou sozinho e a pé, a sua viagem solitária para um mundo quase desconhecido, onde os homens são levados ao seu verdadeiro valor, e onde vantagens estranhas de riqueza e poder que eles conseguiram na terra, são inteiramente destituídas de valor.

Ontem, uma oração foi feita sobre o corpo de este homem outrora rico, hoje ele é um habitante do mundo do Espírito - pobre e quase sem amigos! Ele terá que começar a sua vida de novo, e desenvolver as suas faculdades superiores, que quase foram suprimidas dentro dele.

Os homens, na vida terrena, sentem uma espécie de satisfação em acreditar que, a seguinte, a justiça seja aplicada, e que o pobre homem se venha a tornar rico, e o homem rico pobre, e que aqueles que agora estão no poder se venham a sentar aos pés daqueles que agora se curvam de uma forma abjeta diante deles. Num certo sentido, essa é uma visão correta do que sucede. Todo homem é aí possuidor daquilo que adquiriu na Terra, mental e moralmente, seja isso bom ou ruim.

O desenvolvimento mental que Vanderbilt alcançou de desenvolver e de se exceder, colocá-lo-iam no mundo espiritual entre os menores dos mais baixos se ele não possuísse algumas outras intuições de aspiração que o salvem da companhia desse tipo. Eu encontrei-me com ele quando chegou aqui; a sua mãe e alguns amigos juntaram-se a ele, mas ele parecia desapontado e destroçado quando o levaram para o seu lar sossegado e humilde.

A sua vida aqui por um tempo será de um treino severo. Ele não pode mais dirigir os seus milhões e controlar e forçar os homens a ceder-lhe a parte de leão. Não foi agradável ver a multidão de espíritos - vítimas do desastre da ponte de Ashtabula, que confrontaram Vanderbilt, e descarregaram a sua censura nele, por não aplicar uma pequena porção da sua imensa riqueza para tornar o seu caminho-de-ferro seguro contra desastres e acidentes, motivado por todo aparato da arte e da invenção.

Não há desculpa para a negligência, o descuido, a falta de supervisão pontes e más, à exceção da pobreza. A falta de sono e comida pode tornar o homem negligente; falta de uma boa aptidão na engenharia pode fazer com que uma ponte se desprenda pela força ou maré, ou pelo peso excessivo que sobre ela seja colocado; mas quando o presidente desse caminho-de-ferro é dono de milhões, tem às suas ordens os melhores engenheiros do mundo. Os seus funcionários deviam ser tão bem pago que a falta de descanso e a falta de comida nunca devessem servir de desculpa para os acidentes. Se um prémio fosse oferecido às pontes construídas, e a vida humana fosse tida como tão preciosa quanto o dinheiro, não teríamos tantos convidados relutantes apressadamente levados para a vida do espírito. Até que o homem aprenda a lidar justamente com os seus semelhantes, ele não poderá ser feliz no mundo do espírito.

Todos os esquemas atuais de negócio e comércio estão errados. Os meios pelos quais um homem obtém riqueza e detém o controlo do mercado, e destrói e oprime o seu vizinho, estão errados; tais práticas não são permitidas no mundo do espírito, e a pessoa que tem nesse tipo de vida descobre que a sua ocupação se desvaneceu embora quando ele atinge o nosso planeta do espírito.

* * *

Lamento dizer que as impressões religiosas de Vanderbilt não eram muito bem fundamentadas. Sustentadas numa incubadora de enfermaria, tinham apenas a existência de um cogumelo e já tinham chegado a um fim prematuro. Ele foi ouvido a praguejar logo após a sua chegada, e a amaldiçoar o seu ministro por não lhe ter dado uma ideia mais verídica do céu.

Os hábitos de uma vida longa não são alterados pela repentina passagem da terra para uma esfera espiritual. Há três dias atrás eu falei-lhes sobre a sua chegada à vida espiritual; ele já está de volta à Terra, numa tentativa de desfazer a sua vontade e de contribuir com novos legados. Ele anda ao redor da casa e dos estábulos ele certa vez possuiu, e em vão a esforçar-se por fazer com que os seus amigos o vejam e ouçam, e está a começar a perceber que a morte não é o *repouso sossegado* nos braços de um Redentor

Crucificado, que dos ensinamentos que lhe foram ministrados nas suas horas de fraqueza ele supusera que fosse!

Fico feliz por dizer que os seus esforços poderão não se revelar inúteis, e que os esforços que faz por remediar os seus erros com toda a probabilidade produzirão algum resultado benéfico da imensa fortuna que ele deixou para trás.*

Vanderbilt era eminentemente um homem de intuições e, se fosse deixado à Natureza, teria tido uma ideia correta acerca da vida espiritual. No entanto, as visões artificiais e falsas do céu, tão em voga entre os cristãos, sufocaram qualquer opinião de senso comum que ele possa ter formado, e transformaram-lhe as ideias e esperanças que adotaram uma via errática. Ele estava bem ciente das manifestações espirituais que ocorriam na terra, mas, infelizmente, as suas comunicações não eram de uma ordem elevada e foram direcionadas para a aquisição de riqueza material. E aqui devo erguer a minha voz contra uma má aplicação grosseira da mediunidade. É verdade que uma classe de espíritos de baixo tipo existem no mundo espiritual. Existem aí vastas multidões de homens sem educação de todas as raças da terra: batoteiros, jogadores, e sensualistas do mais baixo tipo, que se dão por muito satisfeitos por controlar uma médium e disseminar as suas ideias perversas.

Lamento dizer que os ricos de Nova Iorque assumem, na vida espiritual, uma posição mais baixa do que muitos dos ricos nobres homens da Inglaterra. A América, que foi o refúgio do pobre e do oprimido de outros países devia despertar nos corações de todos os que fizeram imensas fortunas nas suas margens protetoras, um desejo de ajudar os errantes sem-abrigo - filhos da labuta e da pobreza, que poderiam ser auxiliados espiritual e materialmente por uma sábia distribuição de uma parte da grande riqueza que eles acumularam.

Homens ricos que na terra não conseguiram acumular tesouros no céu, no mundo espiritual são vagabundos pobres, que subsistem da caridade dos espíritos bondosos, que na terra foram certa vez carregadores humildes e funcionários pobres desses mesmos indivíduos.

**Dito antes do seu testamento ser contestado.*

ALEXANDER TURNEY STEWART

Encontra-se mais agradavelmente situado aqui. Ele criou para ele próprio muitos amigos na vida do espírito pelos esforços que fez por melhorar a condição das mulheres trabalhadoras, e por construir casas baratas e desejáveis para mecânicos, funcionários, e os homens diligentes. Os pontos de vista que tinha da vida empresarial foram rigorosos e duros, mas ele

considerou justamente a ociosidade como a maldição da existência; e uma falta de uma atividade sistemática como causa da maioria das misérias da vida; e nessa opinião ele estava correto; mas o bem que ele poderia ter feito ele deixou por fazer. Todo homem devia considerar-se um representante dos anjos invisíveis e devia dispor dos seus acúmulos em benefício da humanidade.

JOHN JACOB ASTOR

Passou muito do seu tempo na Alemanha e na América; ele encontra-se afortunadamente situado e está a fazer muito bem. Ele frequentemente visita o seu amigo Washington Irving e está a colher os benefícios da biblioteca que ele fundou, como sem dúvida Vanderbilt irá no futuro colher vantagens da faculdade em que ele investiu.

Você sabem que o Novo Testamento diz: "Fazei das riquezas da injustiça para vós amigos; para que, quando as riquezas vos faltarem, eles os recebam nas moradas eternas." Isso é verdade, porque quanto mais amigos fizerem e mantiverem na terra, melhor será para a pessoa quando ele se tornar um habitante do nosso mundo imortal. Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos.

Ele foi um médium e um clarividente, e estava perfeitamente familiarizado com as verdades de que eu lhes estou a dar conta, com que eu desejo que todo homem rico e pobre de Nova Iorque se familiarize de uma forma prática.

IMORTALIDADE

JOHN STUART MILL

Reunimo-nos na nossa sala de estar, sem saber quem, de entre os nomes que selecionámos para contribuir para o nosso novo livro, aceitaria o nosso convite naquela noite, quando a médium caiu em transe, e John Stuart Mill, que tínhamos negligenciado nos nossos convites, apareceu e falou com fervor no tom eloquente que se segue. Ele parecia avassalado pelas maravilhas do Próximo Mundo e encheu a mente da clarividente com questões estupendas. Feliz na sua vida recém-descoberta, o sentimento duplo de alegria pela sua descoberta, e de tristeza por ter tateado na terra durante tanto tempo na escuridão, permeou o seu discurso.

A MINHA vida na terra foi anuviada pela dúvida: a ciência e as forças da Natureza pareciam igualmente conduzir-me à conclusão de que o homem não possuía uma alma imortal. Olhei para a Natureza. As flores brotavam e morriam; as árvores cresciam lentamente e lutavam durante anos com os

elementos, e elas, por sua vez, morriam, e esse era o seu fim. Os animais seguiam os passos da vegetação: as ovelhas tranquilas pastavam os seus poucos e pacíficos dias, e também elas eram convertidas em alimento e passavam da vista para sempre. Assim acontecia com os companheiros do homem, o cavalo e o cão; após servirem os seus senhores por alguns anos obedientes, eles também eram levados como refugo, para não mais regressarem.

Olhei para o homem e procurei ler na sua vida a orientação supervisora de algum Poder Invisível, mas em seu lugar encontrei uma força material empurrando para baixo os fracos, o maior sobrepujando o menor, e nenhuma ajuda divina retificando estes males. Estendi as minhas mãos para o céu, examinei os céus com o telescópio e ali, onde na nossa imaginação, nos nossos sonhos poéticos, tínhamos colocado espíritos, encontrei mundos materiais. Até as estrelas não eram o que pareciam; esses luminares brilhantes que despertavam na mente sentimentos vagos e indefinidos de imortalidade, quando vistos pelo olho da ciência através da poderosa lente da invenção do homem, provaram ser terras materiais como a nossa — matéria girando pelo espaço propelida pela mesma força que propele o nosso próprio planeta, e essa força não era sequer, como supúnhamos, nem como nos fora ensinado pelos teólogos a acreditar ser, "a mão de Deus segurando-os no espaço", mas o resultado de combinações, simples e fáceis de compreender — as leis da atração e da gravitação!

Digo que falhei em encontrar qualquer prova de imortalidade na terra. O homem crescia como a árvore, envelhecia e morria. Aparentemente, seguia o "caminho de toda a terra"; se possuía uma alma imortal, esta era invisível aquando da morte do corpo. Quando estudei a ciência do desenvolvimento e vi que a sobrevivência do mais apto era a regra, e que o homem bom era levado não por ser bom mas por ser fraco, e que nenhum Providência nem poder espiritual poderia evitar este resultado, — quando descobri isto, tornei-me desesperançado; o meu coração ficou entristecido e desencorajado, a vida parecia mal valer a luta contra os eventos adversos que a confrontavam. Mas quando fechei os meus olhos para as desilusões, vexames e dúvidas deste mundo, e os abri noutro — um Mundo de Espíritos — a carga deixou-me, o peso foi retirado do meu coração, as dúvidas e a tristeza desapareceram.

Parecia tão natural reviver, viver novamente, que me maravilhei por alguma vez ter duvidado da imortalidade do homem; e, ao descobri-lo não como um deus, não como um serafim, mas meramente como uma forma refinada de materialidade, o enigma que me intrigava na terra foi resolvido. Os Criadores Universais da humanidade, dos habitantes de sóis e sistemas que giram pelo espaço em números inumeráveis, esses Criadores, repito, são para mim invisíveis. Não conheço as suas partes nem propriedades, mas sei isto:

eles deram o princípio imortal da progressão ao homem, gravaram-no no seu espírito e tornaram-no imortal. Não falarei do carácter deste Mundo Espiritual — dos seus aspetos materiais — outros podem descrevê-lo melhor do que eu; mas dir-vos-ei que cada aspiração atrofiada da alma humana tem aqui uma oportunidade de se expandir e florescer; que os fisicamente fortes, que pela mera força bruta triunfam na terra, são aqui fracos e impotentes, e é a natureza mental e espiritual do homem que é preeminente. Ao campesinato pobre e honesto de Inglaterra, que suporta com paciência e espírito esperançoso o seu destino, eu diria que eles têm aqui melhores lares e posições mais honrosas do que aqueles que os oprimiriam e subjugariam.

A ASSOCIAÇÃO GREELEY
HORACE GREELEY

Com o Sr. G... um cavalheiro que previamente se interessara pela causa do anti-esclavagismo e fora fervoroso defensor do comunismo, após ter apelado e apresentado a si mesmo como especialmente interessado em "Estranhas Visitas," e satisfeito por encontrar informação da condição natural do Mundo Seguinte, a conversa voltou-se para Horace Greeley, o grande jornalista Americano e defensor da reforma agrária; e por o Sr. G que desejar saber que opinião o Sr. Greeley teria do comunismo no mundo espiritual, a médium foi controlada, e o Sr. Greeley falou conforme se segue:

Era um dia frio, húmido e sombrio, e de tal modo que eu dei o meu último olhar ao meu corpo enquanto se encontrava rodeado de flores na Igreja Dr. Chapin. Olhei em volta para a multidão reunida nesse edifício e reconheci muitos velhos amigos - ou melhor, toquei neles e estendi-lhes a mão num último adeus! Eles não perceberam a minha presença; tinham os olhos fixados na forma inerte e sem vida; o corpo espiritual eles não conseguiam ver! Eu sabia que era invisível para eles, por eu não ter ignorado a filosofia espiritual; embora externamente eu a rejeitasse, mentalmente, aceitava-a como uma verdade.

Eu sentia-me contente por estar livre do corpo, pois durante aquela temível campanha presidencial eu tinha sido influenciado por muitas mentes em conflito, e fora forçado a subscrever políticas e ações às quais me opunha. Assediado e fatigado, desapontado com os meus prospetos e humilhado por amigos que me deveriam ter sustentado, ansiava por escapar da terra, tanto mais que não mais retinha a minha capacidade habitual de julgamento; como um leão com um pé numa rede, quanto mais eu me esforçava por me livrar, mais eu me sentia preso nas suas malhas. Olhei de volta para a multidão que se dispersava e percebi que estava livre. Não havia mais nada que me

prendesse à terra e, acompanhado por alguns amigos, parti na minha primeira jornada para o Mundo dos Espíritos.

A atmosfera era pesada, e abrimos caminho através dela com dificuldade. Não fomos direto para cima, como eu tinha imaginado que devíamos fazer, mas tomamos a direção norte sobre a cidade, parando em Chappaqua* para satisfazer o meu desejo de dar um último olhar à minha forma antes de partir, e ver um pouco das minha melhorias. Lágrimas de emoção encheram-me os olhos quando caminhei ao redor da velha casa, vi o chão que eu tinha melhorado, cruzei a pequena ponte, e fui até ao meu outeiro favorito, com cabelos soltos no ar; então percebi que eu não poderia plantar de novo com a minha de forma física, e inventar e embelezar aquela velha fazenda. Margaret Fuller era um daqueles que me acompanhava; ela sempre gostara dos bosques e, ao descobrir que eu estava dominada pelos meus sentimentos, ela incentivou-me a prosseguir a minha jornada.

**O nome indígena da aldeia onde Greeley residira.*

Foi com uma sensação de alívio que nos afastamos por um caminho de luz, embora, na verdade, fosse mais como um rio largo do que como um caminho. Um estrato fresco e balsâmico de ar, como o da nossa floresta no verão, permeava o caminho. Prosseguimos no nosso caminho com uma velocidade crescente, pelo, creio eu, pelo espaço de quinze ou vinte minutos, passando por aquilo que é conhecido como a região estelar, que os astrónomos nos dizem ser um vazio escuro e frio, e que, para as sensações mortais, deveria ser mais frio do que as regiões polares, mas que eu achei favorecido com aquele ar suave como a primavera, causado pela corrente elétrica, que, como a corrente do golfo, fluía diretamente por esta região.

Desde então, percorri esse espaço aberto em menos tempo, mas, nessa minha primeira viagem, acho que se terão passado uns quinze minutos antes que eu visse qualquer habitação ou vida, quando de repente eu pareci ver a Terra a estender-se abaixo de mim - montanhas, rios e folhagens distantes, como um balonista vê espalhada sob o olhar a face da natureza enquanto desce da sua viagem entre as nuvens. Velejamos durante um tempo considerável para um belo país - eu seguindo a orientação dos meus amigos, que se dirigiam para algum bairro familiar onde éramos esperados. Eu notei porções de terra incultas sobre as quais passamos, que apresentavam uma semelhança geral com a terra de que eu acabava de sair.

Logo começamos a descida para uma torre situada sobre uma colina que, ao chegar, descobri ser uma estrutura leve e bonita de um estilo composto de arquitetura. Ele situava-se sobre um extenso pedaço de terra que abraçava

diversos acres, embelezadas por flores e arbustos ornamentais, como de facto, o que vocês chamariam na terra um hotel ou depósito. Pousamos numa das varandas, e entramos através de uma varanda para a parte interna do edifício.

Os pisos da antessala estavam cobertos por uma espécie de seda, bordada com belos desenhos que representavam boas-vindas e saudações de amigos. Dei especial atenção a essa cobertura ou carpete, pois para mim era feita de tecido novo. As paredes tinham espelhos pendurados, que muito se pareciam com aquelas que eu tinha visto na terra, e, ao me olhar a um, eu vi-me refletido, com um aspeto cerca de trinta anos mais jovem, mas ainda natural a memória que tinha de mim próprio. Passamos adiante; uma porta que dava para um aposento contíguo foi aberta e fui imediatamente recebido por uma multidão de amigos, entre os quais estavam Henry Clay e Abraham Lincoln.

Uma multidão de homens de letras, que conheci na minha posição de jornalista durante os últimos vinte anos de minha vida, reuniu-se à minha volta: muitos que haviam desaparecido da terra nas memoráveis batalhas entre o Norte e o Sul. Entre aqueles que eu pessoalmente conhecia, descobri o general Scott; também Richardson, cujo trágico destino se acha presente na memória de muitos.

É quase impossível descrever os sentimentos que me invadiram quando vi tantos rostos familiares que me tinham saído da mente, conforme me parecera, para sempre! E como foi que essa gente apareceu? você poderá perguntar. Será que eles realmente se pareciam com homens que você encontra todos os dias nas ruas ou na permuta? Eu não consegui detetar nenhuma diferença essencial, exceto que elas pareciam mais jovens e menos preocupados.

Depois conversar durante um bocado sobre a condição política dos Estados Unidos e da nomeação do general Grant, que descobri, todos apoiavam com toda a força: "Bem, presidente Greeley," disse o meu velho amigo Abraham Lincoln, de maneira jocosa; "como não pudemos fazê-lo presidente dos Estados Unidos, vamos fazer de si Presidente da nossa Sociedade Agrícola, e diretor de uma comunidade que estará mais em harmonia com os seus pontos de vista e desenvolvimento do que a ocupação da Casa Branca teria sido."

Eles então propuseram levar-me a ver essa comunidade agrícola. Eu concordei com a proposta, e fomos para fora do prédio, descemos uma escadaria magnífica, construída numa variedade de pedra de cor de açafrão pálido. Ao comentar a beleza peculiar e polidez da pedra, um da companhia informou-me que era uma mera composição, e que os princípios da natureza

eram tão bem compreendidos no mundo espiritual que quase qualquer pedra preciosa ou mármore poderia ser imitada pelos espíritos.

Em ambos os lados dos largos degraus, sobre pedestais enormes, encontrava-se um imenso globo, um encimado por um pássaro estilo Fénix, o outro por um navio artisticamente concebido - um a representar o mundo espiritual e o outro o mundo material. Uma longa avenida, proveniente dessa entrada, que se estendia até os portões, encontrava-se pavimentada através do centro com uma composição similar altamente polida com desenhos alegóricos incrustados, em tons de um violeta claro e rosa. Em ambos os lados desta avenida cresciam árvores de uma luz e folhagem de penas, cujos ramos arqueados se reuniam e formavam um belo pálio sobre o caminho.

A distâncias regulares por essa estrada larga tinham sido colocadas figuras erguidas sobre pedestais, a representar os animais nativos da América. Eu examinei tudo cuidadosamente. Em cada um dos lados do caminho, para além destas imagens esculpidas, viam-se leitos compostos por um curto tipo de relva arroxeada. Essas pastagens achavam-se adornadas por magníficas fontes. Um grupo de cisnes de mármore formava a base de um deles, e a água jorrava dos seus vários bicos; no centro, acima deles, erguia-se uma espécie de avestruz colossal, com a cabeça e o pescoço estendidos para o alto, a jorrar água em quantidades a uma imensa altura.

Um outro lema era composto de flores; lírios de lagoa colossais, com as folhas interligadas, a formar a base, uma variedade graciosa do jarro formava a coluna central, água que jorrava a partir do cálice elevado.

Eu fui muito desviado por essas fontes extraordinárias, e o fluxo constante de água ao mesmo tempo surpreendeu-me e encantou-me, por nunca ter pensado na probabilidade de ver a água num local espiritual.

Ao chegar aos portões encontramos uma carruagem bonita aberta à espera; estava forrada com um material branco cravo, com flores douradas gravadas. Essa carruagem era movida por um dispositivo mecânico que não descreverei agora, carregava-a uma força elétrica pelo chão tão suavemente quanto um par de cavalos. A estrada estava boa e o aspeto do país fresco, verde e agradável aos olhar. O sol espiritual brilhava intensamente, enquanto o termómetro marcava, quero dizer, cerca de vinte e seis a trinta e dois graus, com uma brisa de ar agradável a soprar sobre nós. O ar apresentava um aroma perfumado e refrescante, mais do que qualquer campo de feno recém cortado que eu já houvesse cheirado na Terra.

Cerca de uma hora de viagem por essa estrada magnífica trouxe-nos ao nosso destino onde descemos; o nosso grupo consistia de Henry Clay, Daniel

Webster, A. Lincoln e eu, cada um ardente amante da agricultura, e com agradáveis felicitações eles me apresentaram a minha fazenda.

Entramos por uma entrada aberta, e procedemos até uma casa. Eu mal podia acreditar no que os meus olhos me mostravam, que se parecia de novo com o meu antigo lugar em Chappaqua! O terreno era o mesmo; algumas dos melhoramentos que eu fizera surgiram diante de mim. "Como diabo sucede isto?" disse eu a Henry Clay. "Isto parece uma reprodução fiel de Chappaqua!"

"Parte disso é o trabalho dos seus amigos e parte do seu próprio esforço. Muitas vezes, quando você pensava estar na sua própria cama a sonhar com os melhoramentos que pretendia fazer na sua fazenda, você estava realmente a trabalhar aqui. Uma quantidade de anos antes de você deixar a Terra, você, sem dúvida, notou quão abstrato você se tornara; tornava-se a cada dia mais difícil despertá-lo do seu estado anterior de atividade. Bem, essa condição devia-se ao facto do seu espírito se encontrar aqui, ocupado a preparar uma casa antes da sua chegada."

Isso pareceu-me uma afirmação notável. Aqui, ao que parece, qual sonâmbulo, tinha eu andado e trabalhado durante o meu sono! "Os outros fazem o mesmo?" perguntei.

"Com certeza que muitos fazem; mas se a humanidade ao menos tivesse consciência dessa habilidade, eles trabalhariam de maneira mais inteligente e produziriam melhores resultados."

"Durante anos a fio na Terra," disse Lincoln, "você defendeu a doutrina de que os jovens capazes e cheios de energia deveriam deixar as cidades sobrelotadas e 'ir para o Oeste' ("Vá para o oeste, jovem!"). Bem, aqueles entre os jovens que eram trabalhadores e digno, e que foram apartados da vida pelos acidentes da guerra e da doença, foram trazidos para esta associação em seu nome; nós denominámo-la A Radiante Associação Casa de Greeley. É um nome estranho, mas apropriado, já que cada hora aqui passada é feliz. Aqueles que preferem chamá-la pela sua designação mais poética chamam-lhe "Beulah." E então ele foi ao redor do terreno a mostrar-mo.

Antes de eu entrar numa descrição detalhada do lugar, devo introduzir algo sobre o clima desta terra favorecida. O nosso clima é muito mais equivalente ao da Terra, devido a causas locais, revolução peculiar que fazemos em torno do nosso sol e às influências magnéticas e elétricas que predominam. Alguns dos cereais criados na Terra não são cultivados aqui; outros desconhecidos de vós tomam o seu lugar. Nós não temos a criação de animais de grande porte que nos forneça alimento como vocês possuem.

A carne não é de todo usada no mundo espiritual enquanto artigo de dieta; nós vivemos de fruta, etc. O cenário natural aqui é tão semelhante ao da Terra, que se espera encontrar uma semelhança em todos os aspetos; mas existe uma diferença radical. Descobri que a associação compreendia cerca de dez mil acres de terra e contava com mais de cem residências: belos lugares rurais, cada parque ou terreno contendo uma fonte; um córrego largo que atravessa uma parte da propriedade e belas pontes que a atravessam a distâncias regulares.

O elemento de trabalho desta comunidade é composto em grande parte por rapazes que, neste agradável lar, seguem uma das mais nobres atividades em que o homem é capaz de se envolver. O sistema pelo qual esta gente é apresentada à comunidade e a uma determinada profissão, é o admirável que passo a descrever:

Um certo número de indivíduos é selecionados a partir da sociedade de tempos a tempos, e é-lhes atribuído o dever de visitar a Terra, e de estudar o carácter e a vida de qualquer das partes a quem eles possam ser atraídos, ou, de quem eles possam acidentalmente ouvir, com vista à sua elegibilidade como membros; e se, na opinião do bando, for considerado sábio atribuir um lugar futuro ao indivíduo na sociedade dos "lares felizes," uma porção de terra será separado para ele ou ela, e uma habitação ou materiais para uma moradia apropriada é destinado a seu uso. No momento da sua partida da terra, eles serão atendidos e escoltados até às suas casas aqui, e ocupar-se-ão direta e ativamente. Eles sentem-se tão satisfeitos que não podem ser persuadidos a deixar a comunidade.

Quanto a mim, embora esteja aqui há pouco tempo, não gostaria de trocar de lugar com ninguém que conheça. Eu tenho tanto ocupação como lazer. Além do negócio de supervisionar esta sociedade, estou empenhado em editar um artigo espiritual, pois achava impossível renunciar aos meus velhos hábitos e ocupações; portanto, para satisfazer as demandas dos amigos, as necessidades da sociedade e as minhas próprias inclinações, assumi o cargo de redator do *The Spiritual Tribune*. Como você perceberá, eu aderi ao velho favorito nome. Ele é publicado na cidade de Spring-Garden, a cerca de dezasseis quilómetros da minha casa comunitária.

Não muito tempo antes de eu fixar aqui residência, duas amigas muito queridas minhas vieram residir neste local. São mulheres talentosas e sinceras, e bem conhecidas no mundo literário por seus poemas puros e doces. Quando foi entendido no mundo espiritual que elas estavam prestes a deixar a Terra, foi construída uma residência bonita para elas, numa parte retirada destes terrenos, por amigos familiarizados com os seus gostos e necessidades.

Cada amigo e admirador contribuiu com algum presente útil e, assim, a pequena morada foi mobiliada. Foi formada uma biblioteca de escolha por muitos amigos que doaram livros. Uma senhora artista qualquer fez uma doação de belos pratos em espírito, mais elegantes do que a porcelana de Sevres, segundo me disseram, transparentes como uma teia de aranha, e decorados em encantadoras cores - cujo projeto foi todo manufaturado. As sacadas e os pórticos da residência foram adornados com plantas floridas e, quando tudo estava completo, amigos que haviam prestado assistência a essas irmãs, Alice e Phoebe Gary - trouxeram uma apenas da Terra para a sua linda casa. Por mais bela que fosse, para ela era desolada; ela ansiava pela sua irmã, sua amiga e companheira de tantos anos.

Ela não conseguia descansar satisfeita; era impossível desviar-lhe a ideia. O desejo que sentia era tão forte, a agonia da separação tão intensa, que foi sentida pela irmã solitária na sua habitação remoto lá longe na terra, pelo que ela teve uma queda e atrofiou, e em breve as duas, que haviam passado muitos anos juntos na vida, foram reunidas no mundo do espírito. Um dos meus maiores prazeres é visitar o seu bonito chalé e encontrar neles simpatia feminina e interesse em todos os projetos nobres e úteis. As suas aspirações poéticas inspiram-me felicidade. Dou o exemplo delas como um exemplo de como aqueles que são dignos se encontram no mundo espiritual.

Eu gostaria de dizer umas palavras sobre o monumento bonito que os meus irmãos e colaboradores na arte da impressão me trouxeram à memória. Sinto-me sobrecarregado de emoção quando penso no tributo que pagaram àquele que desejara ser mais digno do seu nobre ato.

Eu assisti a apresentação em Greenwood. Não eu sozinho, mas na companhia de alguns milhares de espíritos. Eu fiquei acima da colina, a olhar para o mar - um espírito invisível - e escutei as palavras que saíram da boca do orador (Bayard Taylor). Tive a satisfação de recordar que o tinha ajudado no seu início de carreira. Espero que esse monumento possa inspirar aqueles que possam tomar o meu lugar na terra para ajudar aqueles que estão a lutar com a vida e as suas dificuldades.

Desejara que a cabeça de bronze pudesse falar aos jovens que povoam as vossas grandes cidades, e dizer-lhes para ir para voltarem às suas fazendas, às herdades dos seus pais, ou para atacarem, quais pioneiros ousados, o Faroeste, e lá, com as próprias mãos, construir casas para si e para as famílias. Se o vosso governo ajudasse os seus rapazes a abrirem caminho e a estabelecer-se no deserto e usassem o dinheiro que agora gastam na luta contra os Índios e outras causas pecaminosas, e o gastassem na força e no vigor do país, veriam que em pouco tempo a América floresceria como um

segundo Paraíso; e que a carência e o crime em breve diminuiriam na vossa terra justa.

Eu desejo que o que eu digo chegue a todos os cantos da nossa nação, e que aqueles que se desesperam em terra e são ateus, e que duvidam da existência de um estado futuro, venham a saber de mim que o mundo espiritual é um mundo de beleza e uso, e que todo o conhecimento que obtêm na Terra, ser-lhes-á mais do que rentável a seguir.

EVOLUÇÃO
PROF. AGASSIZ

Quando Prof. Agassiz falou através da médium, a favorita teoria da evolução estava a ser proposto pelo mundo científico. Um dos adeptos eruditos Ingleses desse tema tinha acabado de visitar as margens do Novo Mundo, e o clero Americano tremia diante da nova teoria, e de todos os púlpitos da terra, os discursos trovejaram num esforço por levar as descobertas da Ciência a conformar-se com as tradições da Bíblia Cristã, e para nosso espanto, o Professor fez a seguinte descrição bastante surpreendente da nossa origem.

Eu venho da minha casa na ilha ao chamado da ciência, na esperança de acrescentar algo à informação já obtida. Esta senhora, com os olhos vendados e hipnotizada, torna-se sensível às forças invisíveis, e nesta condição a sua alma é capaz de viajar através do espaço, e de tomar conhecimento dos factos estranhos não acreditados que estão a ter lugar fora deste plano terreno da existência. Quando retomar o seu estado natural, o conhecimento assim obtido parecer-lhe-á vago e indistinto, mas mesmo enquanto se acha em transe torna-se-lhe difícil descrever perfeitamente aquilo que ela vê, ou repetir adequadamente o que é dito.

Este estado de coisas deve ser levado em conta pelo meu leitor no sentido de entender o assunto de que trato. Apenas recentemente a ciência conseguiu traçar um historial do vosso globo e dos seus habitantes; vocês percebem, pois, que, se é difícil obter conhecimento do mundo em que vivem, deve ser infinitamente mais difícil obter informações de uma região tão remota quanto o mundo que eu habito.

Os geólogos hão de dar-lhes conta de animais gigantescos que viveram na terra há séculos, e de leitos dos rios que secaram e silenciaram para sempre, por reunirem os poderosos fragmentos e ossos fossilizados da fauna de um período geológico há muito extinto, e articularem essas imensas carcaças, de modo que possam ser expostas diante do espectador, formas estranhas, inconcebíveis, repulsivas e demoníacas ao olho não familiarizado com tais criações, que eram familiares o suficiente me relação aos seres

contemporâneos à sua existência. Como no vosso mundo existiram seres que pareceriam criações grotescas e quase impossíveis aos olhos de hoje, assim em toda terra se deu uma série de evoluções similares antes de o homem tomar sua morada nela.

Sendo o homem a perfeição da forma animal (cuja origem é fonte de acesa investigação da parte de arqueólogos e geólogos), cujas faculdades mentais e morais o colocam muito acima dos animais inferiores, isso provoca uma rutura na teoria do desenvolvimento que confunde a mais astuta mente da Nova Escola. As investigações que fiz desde que me tornei um habitante deste mundo superior convenceram-me de que o homem originalmente migrou para a Terra de um planeta superior. Do seu caráter migratório e da tendência de uma raça maior de se assimilar e confraternizar com uma menor, vocês já têm uma verdade que o corrobore na ascensão e queda das nações na terra e os resultados que as acompanham.

Num período remoto este globo foi cercado por uma atmosfera muito diferente da de hoje em dia, em que a atual raça de homens não poderia ter existido. Durante esse período ao qual aludo, a terra foi visitada por seres de um mundo espiritual, atraídos aqui por uma força de atração magnética, que era então um poderoso agente, de cuja força a ciência passa unicamente uma ideia débil ao estudante da Natureza. Influenciados por essa força e pelo espírito de aventura e pelo hábito migratório coexistente com a Natureza, essa colónia de espíritos visitou a vossa terra. Eram homens e mulheres de estrutura gigantesca, e eles estabeleceram-se numa porção de terra que foi submersa pelas convulsões subsequentes da natureza.

Os descendentes desses seres deterioraram-se no tamanho e tornaram-se mais materiais que os seus progenitores por um processo de aclimatação. Conforme afirmei, foi devido a uma condição peculiar da terra e da atmosfera, que esses seres espirituais foram capazes de assumir uma morada física sobre a terra. Para entenderem esta declaração de facto, o leitor deve ter em mente que aquilo que é chamado de espiritual e imaterial é meramente um atributo refinado da matéria. Que a eletricidade, o magnetismo e a força Od são os componentes do espírito, e que na realidade são forças materiais refinadas, e que o espírito e a matéria são idênticos, ainda que diferindo como o calor difere do frio, e a luz difere da opacidade.

Esses seres, como os denomino, eram de diferentes graus de perfeição. Os mais desenvolvidos entre eles trouxeram um gosto pela música, escultura e pintura, e um amor pelas formas bonitas e graciosas, das quais os seus descendentes no antigo Egipto e na Grécia deixaram lembranças. Conforme eu disse, esses seres (que, na presente atmosfera, seriam invisíveis aos olhos de um mortal da terra), envergaram ao seu redor uma cobertura material, e como

o homem agora substitui a cada sete anos a forma exterior, aprovisionando o seu lugar com um material novo, assim também eles juntaram a si próprios das formas corporais circunvizinhas elementos circunvizinhos que, todavia, no devido tempo eles abandonaram. A existência da primeira raça de homens era de duração muito mais longa que a dos atuais habitantes da terra.

As formas físicas de cada geração subsequente, embora deterioradas, tornaram-se menos adaptadas às necessidades do espírito; e agora é apenas pela ajuda da ciência e pela constante aplicação de invenções às necessidades do corpo que, no dia-a-dia, o espírito do homem é capaz de preservar a sua existência dentro de seu atual frágil habitáculo.

É impossível voltar à origem da vida, por ser da eternidade; e com franqueza creio que não existiu qualquer começo. Eu sei que existem mundos mais numerosos do que as areias das praias, e uma eternidade não poderia enumerá-los. Esses mundos são povoados com seres dotados de poderes morais e espirituais. Eles possuem diversos graus de perícia e natural capacidade: alguns possuem uma perícia superior às dos habitantes da terra, e outros inferior. Esses seres vivem para sempre em diferentes graus de sublimação; e como a semente alada que é levada pelo ar leva a sua vida profícua a um solo distante, assim no mundo superior os habitantes espirituais são levados por meios magnéticos e forças elétricas para pessoas de mundos distantes.

O cometa, aquele estranho visitante, carrega em sua brilhante carruagem voadora, espíritos na mesma missão pelo espaço. Entendo que o que agora parece obscuro para os cientistas será decifrado e esclarecido por futuras investigações na ciência do magnetismo e do espiritualismo. Do meu lar, aqui, acima das nuvens, nesta bela ilha onde procedo aos meus estudos, vejo com interesse as investigações de homens como Wallace, Tyndall, Crookes, Lubbock e o grande círculo de estudantes de Inglês e os seus irmãos na América e em outras partes do mundo.

A ARTE DE GOVERNAR
SOB UM PONTO DE VISTA ESPIRITUAL

SECRETÁRIO SEWARD

Tendo o difícil problema da reconstrução da porção sul dos Estados Americanos ocupado os pensamentos mais profundos do Executivo (Presidente Grant) durante oito anos, com um sucesso apenas indiferente, e estando o distinto Secretário de Estado familiarizado com as causas geradoras da desarmonia existente, pensou-se que o seu conhecimento dos assuntos mundanos a partir da sua posição atual seria tanto interessante como valioso. Por conseguinte, as suas visões e as dos seus atuais associados foram

solicitadas e encontram-se aqui registadas. Serão lidas com solicitude, uma vez que a nova política do atual Executivo (Presidente Hayes) está agora a ser aplicada.

LIBERTADO dos cuidados de Estado em Washington, sacudi o meu corpo gasto pelo tempo, mas mal pus o pé neste solo imortal, ouvi dizer que tinha recebido uma nomeação na Capital Espiritual dos Estados Unidos e, tendo sido demonstrado que era meu dever aceitar a missão, assim acedi. Descubro que este mundo é o mundo antigo duplicado e ampliado, embora composto por material algo melhor, como uma edição nova e melhorada de um livro antigo; correspondendo o vosso mundo ao antigo tipo "Fust", e o nosso ao melhor tipo metálico de face nítida dos impressores modernos. Tudo, digo eu, é duplicado. Os Estados Unidos com as suas capitais; também a Europa, a África e a Ásia: até eu próprio sou um duplicado de um antigo Seward que viveu e morreu na América.

Como se recordarão, eu tinha acabado de completar a minha viagem ao redor do mundo quando a saúde me falhou e fui obrigado a fechar a porta da minha casa mortal para sempre. Essa última viagem interessou-me e instruiu-me tanto que decidi fazer uma semelhante, durante o Verão, ao redor do mundo que agora habito; e embora esta terra seja muitas vezes maior que a vossa, realizei a viagem num espaço de tempo muito menor do que o necessário para atravessar a vossa. Uma jornada por terra é impossível na vossa terra, pois os elos terrestres de ligação desapareceram. As convulsões da Natureza que despedaçaram a vossa terra em ilhas e separaram os grandes continentes, aparentemente não produziram efeito nesta esfera.

Os Oceanos Pacífico e Atlântico encolheram aqui para lagos comparativamente pequenos; consequentemente, a extensão de território é muito maior do nosso lado do que no vosso. Antes de vir para esta Terra de Verão, costumava nutrir a ideia de que as pessoas viviam em todo o lado e em lugar nenhum quando se tornavam espíritos. A afirmação feita na Bíblia de que haveria "uma só língua e um só povo", presumo que me levou a pensar isto. Mas vós estais a aproximar-vos rapidamente desse estado do milénio na América, onde o alemão, o francês, o italiano, o dinamarquês, o sueco e o africano vivem todos em pé de igualdade e se fazem entender pela mesma língua, mantendo contudo uma parcialidade pela sua língua materna.

A longa extensão de terra desde os Estados Orientais até à Califórnia está muito mais densamente povoada no Mundo Espiritual do que na terra. Existem connosco cidades prósperas onde presentemente existe apenas um núcleo convosco. O grande exército de homens que foram ceifados durante a última guerra aumentou grandemente a população dessa região. Passando pela Califórnia e viajando para a China e o Japão, encontrei esses países num

elevado estado de civilização, mantendo relações muito amigáveis com o nosso próprio país, ansiosos por disseminar conhecimento e conceder direitos e vantagens iguais a todos. Mas em todo o lado as peculiaridades de raça ainda existem — os hindus e os turcos retêm, cada um, as suas marcas particulares de carácter, cor e desenvolvimento, embora possuindo formas de governo menos arbitrárias; e a civilização procede no Mundo Espiritual tal como acontece na terra. Maomé e Confúcio têm ambos os seus seguidores neste mundo, pois os homens, mortais ou imortais, parecem destinados a seguir algum mestre ideal.

Esqueci-me de referir que a cidade de Jerusalém, que visitei, é quase um fac-símile da Jerusalém descrita no Novo Testamento. É uma cidade muito antiga e está construída com toda a luxuosidade do desenho oriental, algo como a antiga Nínive, sendo algumas das ruas literalmente pavimentadas com ouro (sendo o ouro muito abundante no Mundo Espiritual, embora mesmo ali seja considerado um metal precioso). É especialmente notável que este mundo, nos seus aspetos gerais, se assemelhe ao mundo natural, mas nas suas minúcias difira amplamente. Inumeráveis indústrias são aqui levadas a cabo, e à multiplicidade de invenções parece não haver fim. As invenções comparativamente modernas de comunicação por telégrafo, pela bateria magnética e pelas vibrações da voz humana transmitindo o pensamento a grandes distâncias por meios semelhantes ao telefone, são há muito conhecidas no Mundo Espiritual e ali praticadas.

A maioria das indústrias e invenções peculiares aos espíritos são ainda desconhecidas para os habitantes da terra, e posso apenas aludir ao facto de possuirmos tais coisas, sem as descrever. Tenho estado muito satisfeito com a minha experiência aqui até agora, e devo acrescentar o meu testemunho ao de outros, dizendo que a segunda fase da existência está em perfeita consonância com as aspirações e o desenvolvimento espiritual do homem. Quando digo espiritual, refiro-me tanto às suas características intelectuais como morais. Uma peculiaridade deste estado é a sua justaposição à terra, e o intercurso constante que se mantém entre os dois mundos induz uma viagem incessante de ida e volta.

Fiquei grandemente espantado, como todos os recém-chegados ficaram, ao ver a vasta população flutuante que paira ao redor da terra como parasitas, que vivem invisíveis, em e entre certas classes da humanidade. Espíritos avançados estão continuamente a desenvolver novos planos para a melhoria e tutela desta classe, contudo muitos escapam à nossa supervisão e causam grandes perturbações na terra. Pelas minhas observações, percebereis que não vivemos num estado de perfeição, mas esquemas benevolentes para a melhoria e benefício de tais espíritos não educados são constantemente planeados, e os estadistas arquitetam métodos para ajustar as diferenças que

surgem entre os instruídos e os não instruídos. A porção ignorante da comunidade é quase tão numerosa neste mundo como na terra. Já afirmei o facto de ocupar um cargo aqui (uso este termo familiar por ser facilmente compreendido), e aludirei agora brevemente ao método. Apresentamos a anomalia da existência de três ou quatro gerações de homens ao mesmo tempo e no mesmo distrito do país. Por exemplo, Washington ainda vive nos Estados Unidos espirituais e é o chefe honorário da União em ambos os mundos.

Nós, a geração mais jovem, que estivemos interessados em assuntos nacionais, agimos sob a sua direção e, a mim, ele delegou a posição de acompanhar o Presidente Hayes e de relatar os assuntos políticos que transcorrem na terra. As dificuldades que acompanharam a última campanha política são matérias de séria consideração para aqueles no Mundo Espiritual que se preocupam com o bem-estar da vossa nação e que desejam que ela seja o expoente do governo mais progressista, estreitamente aliado ao governo espiritual mais elevado, que está destinado, com o tempo, a tornar-se o governo universal da terra. Um governo que concede direitos iguais a todo o seu povo, que não conhece servo nem livre, mas apenas um povo inteiro, uno e indissolúvel, não pode, ao prestar assistência a uma secção, renunciar ao seu dever para com a outra.

O Estado pode ser comparado ao corpo humano com os seus vários membros; estando um deles incapacitado por uma ferida ou chaga, o primeiro dever seria restaurar, se possível, o membro incapacitado a um estado de saúde. Assim, vários homens bons e conscienciosos, dos quais Abraham Lincoln é o principal, sancionaram a política adotada pelo Presidente Hayes de aliviar a febre no membro doente (o que se chama "fazer-lhe a vontade" por enquanto, enquanto se encontra num estado de aflição), o que se espera que venha a ser o meio de o restaurar à saúde perfeita. Resta ver se esta política é a correta.

Entre os esclarecidos, a bondade é um meio seguro de produzir amizade, mas com os ignorantes e não desenvolvidos, a bondade é muitas vezes confundida com cobardia, e tira-se uma vantagem perversa da leniência. Eu aconselharia um caminho intermédio. Esforcemo-nos por conciliar o Sul, mas com cautela, e depois deixemos os homens do Norte afluir a essa secção do país. Deixemo-los educar os negros e pôr as rodas do comércio a girar, ensinando-lhes que a indústria, e não a ociosidade, é a grande fonte de felicidade, tanto aqui como no porvir.

METEMPSICOSE

BULWER (LORD LYTTON)

Enquanto Bulwer controlava a médium, esta sentia-se como se navegasse sobre um mar de Verão; uma languidez deliciosa e sonhadora invadiu os seus sentidos, e ela falou como que em transe por memórias douradas. O assunto da reencarnação tinha evidentemente interessado a mente do autor, como interessou a muitos Espiritistas e pensadores da época, e ele esforçou-se, à sua maneira poética, por elucidar o tema.

AQUELES que visitaram a florescente Isola Bella, no Lago Maggiore, recordarão a atmosfera sonhadora que paira sobre essa ilha encantada, e o perfume que, como incenso, invade o ar e penetra os sentidos. Os viajantes que também visitaram os belos lagos de Como e Maggiore e se sentiram em transe, como eu quando os vi pela primeira vez há anos, experimentaram sem dúvida um frémito semelhante àquele que percorreu as minhas veias, ao perceber que os tinha visto antes em visão; ou que, porventura, tinha visitado estas belas obras da Natureza e da Arte nalgum outro estado de existência! Os terrenos ajardinados e os perfumes dos laranjais, a estatuária e a arquitetura, pareciam todos familiares à minha memória; e desde que resido no Mundo dos Espíritos, tenho visto belas Ilhas Espirituais, as suas contrapartes, e descubro que os célebres lagos e ilhas italianos são evidentemente o reflexo dos celestiais.

A alma, enquanto ainda controla o corpo, tem evidentemente o espantoso poder de migrar de ponto em ponto no grande universo de Deus. A doutrina da Metempsicose era uma das minhas favoritas. Deleitava-me a deleitar-me com a ideia de que a alma de Petrarca, ou de Tasso, ou de algum antigo lirista grego, estava a revisitar a terra e a animar o meu corpo, ou os corpos dos meus amigos. De que outra forma poderia eu explicar as estranhas emoções que experimentava? "Vislumbres de glória nunca esquecidos", de que canta o poeta Wordsworth, que vinham como as lembranças de cenas há muito esquecidas! Wordsworth, pensador ortodoxo que era, percebeu a verdade deste dom da alma. Diz-se que os poetas e romancistas alimentam muitos caprichos, e este era um dos meus. Nalguns dos meus romances esforcei-me por demonstrar esta minha crença.

Desde que me tornei um habitante do Mundo Espiritual, descobri que a doutrina da Pré-existência é uma verdade, mas não verdadeira no sentido em que eu então a entendia. As pré-visões a que eu e os meus irmãos autores estamos por vezes sujeitos (entre os favorecidos desta maneira mencionarei Byron, Shelley, Dickens, Coleridge e Wordsworth) são o resultado da experiência real da alma. O espírito de todo o homem de génio é capaz de

fazer longos voos para longe do corpo em momentos de abstração ou em sonhos. Digo a alma do homem de génio, porque a alma do homem sem emoções é incapaz de deixar o corpo por qualquer período de tempo ou por qualquer distância. Acredito agora plenamente que tinha atravessado, em espírito, esta bela porção da Itália de que falo. O passado jaz enterrado sob o presente. Desenterramos uma cidade moderna e encontramos enterrados sob ela os templos e torres de uma capital esquecida; assim acontece com muitos dos nossos homens ilustres de hoje: algum dos antigos heróis ou poetas, sobre cujas cinzas rolaram séculos, anima as suas estruturas e incendeia as suas veias. Não simbolicamente, mas verdadeiramente.

As feições, o cabelo, os olhos — tudo representa o herói do passado. Pode ser Nero ou César, Homero ou Dante. Cada um trai, através dos seus novos representantes, marcas inconfundíveis da sua origem. Os homens do presente experimentam muitas das sensações daqueles do passado. Quando eu caminhava com ardor inebriado pelos bosques de Chipre e laranjeiras nos lagos de Como e Maggiore, experimentava as mesmas sensações que poetas de eras passadas realizaram antes de mim; e neste sentido, à medida que pensamentos e sentimentos de espíritos afins se misturam, a doutrina da Metempsicose é realizada.

Outro mistério aprendi desde que entrei no Hades: é que os espíritos da antiguidade muitas vezes selecionam uma criança promissora que possa nascer na terra, com o propósito de dirigir o seu destino e de a controlar para um fim especial. Muitas vezes os seus projetos são frustrados por forças opositoras. Alguns indivíduos na terra que vi têm um séquito de espíritos a acompanhá-los tão numeroso como um rei tem cortesãos. Em muitos casos, estes estão em harmonia; noutros, opõem-se aos objetivos e intuitos uns dos outros. A crença que era mantida por muitos filósofos antigos de que as almas dos homens entram nos corpos dos animais é verdadeira num sentido místico.

Um espírito é incapaz de agir, exceto através da matéria, e naqueles países onde a crença é prevalecente, através da influência psicológica desta crença, o espírito realmente controla o animal, e um animal que é mantido em reverência sagrada é tomado por certos espíritos. A forma humana é certamente o tipo mais elevado de matéria através do qual a alma se pode manifestar, mas as ordens inferiores de animais possuem cérebros, e sensações, e físicos análogos aos do homem. Estes podem certamente ser controlados por espíritos, mas os espíritos geralmente procuram o tipo mais elevado de perfeição através do qual possam comunicar.

Não é meu desejo algum dia animar um cão, uma vaca ou até um pássaro; mas se eu estivesse a comunicar com um povo que acreditasse que as mais elevadas manifestações espirituais poderiam vir através de um touro

que possuíssem, não hesitaria em controlar esse animal. Através das ténues vistas dos séculos, as tradições do passado são transmitidas; através das longas eras, a crença na transmigração das almas aparece em períodos distantes; os costumes do passado, há muito esquecidos, são revividos no presente; as urnas que continham as cinzas dos mortos, há séculos, estão a ser moldadas novamente no século dezanove. A transmigração das almas é uma grande verdade e um grande mistério. Espero existir nos séculos vindouros e animar alguma alma afim nalguma esfera de existência mais nova e mais distante.

NOTAS DE ARTE

TICIANO

A aproximação de Ticiano foi marcada por um espírito de exaltação, combinado com uma dignidade tranquila que era verdadeiramente impressionante. As suas declarações, tal como as suas obras, estavam imbuídas de um sentimento de refinamento e seletividade, e pareciam ser o transbordamento de uma natureza profunda e penetrativa. Ao fazer este ligeiro esboço, ele parecia às vezes ser elevado, por assim dizer, a uma condição de êxtase; ou poderia ser que tivesse descido desse estado elevado e estivesse ainda envolto numa aura de sentimento transcendente. Percorrendo a sala e gesticulando com graça italiana, a médium parecia uma personificação de nobre grandeza.

9 de Dezembro de 1876
Amantíssima Amiga,

CHAMAS-ME do meu lar acima das nuvens, da terra do amor. Amo-te há muitos anos. Quando estudaste os meus desenhos, estive ao teu lado; quando tu e o teu *sposa* visitastes a minha casa em Veneza, eu estava convosco. Veneza, a Rainha do Mar, erguendo-se como um espírito sobre o seio do Adriático, — Veneza, o meu lar por quase cem anos, amo-te ainda! Sentei-me ao teu lado na gôndola, caminhei contigo na *piazza*, segui-te pelas ruas estreitas até chegares ao próprio terreno onde a minha casa, com o seu jardim, outrora esteve; ali pintei durante tantos anos felizes, e ainda pinto no meu lar espiritual — no meu lar entre as estrelas, onde tenho um estúdio.

Ali tenho os meus quadros das mais belas e divinas senhoras, que adoraria mostrar-te, tão encantadoras são as mulheres desta terra, que é o lar do amor e da beleza. Enche-me de paixões de gratificação e remorso quando vejo tantos que estudariam a minha cor, imitando-a como um manto, uma túnica, pelo lado de fora, mas que não penetrarão no interior, não infundirão o amor, o calor, a alma da natureza divina nas suas obras. Do mar, da montanha, da beleza, realizei a minha inspiração. Ali reside o segredo do que os meus

amigos tão gentilmente chamam a minha cor esplêndida. Se eu pudesse transmitir a minha maneira de fazer, fá-lo-ia, se isso fosse de utilidade para a humanidade; mas cada homem deve elaborar o seu próprio estilo, deve elaborar as suas próprias ideias. Quando eu pisava a terra, os pintores do meu tempo tinham uma maneira peculiar de preparar as suas telas. Pintavam o fundo de vermelho, porque, ao analisarem a natureza, encontravam sob a pele uma cor vermelha.

Sobre este fundo, por vezes, colocavam uma película fina de um tom mais claro, assemelhando-se à pele natural, e sobre esta dispunham as suas figuras. Quando o desenho estava terminado — uma Vénus, uma Flora ou uma *Bella* — lavávamo-lo com um verniz de âmbar, ou uma preparação de cola e cera, para evitar que estalasse e, quando seco, mas antes de endurecer, batíamos-lhe levemente com uma vassoura de fios finos, que quebrava ligeiramente a superfície. Como as cores mais belas eram descobertas sob os raios do sol poente, ou os raios suaves do início da manhã, selecionávamos essas horas do dia em que a cor parecia mais suave. Na minha terra natal, o sol brilhava com um calor contido, nunca exibindo as luzes do norte, agudas e cortantes; e nós não amávamos a luz solar berrante, nem amávamos a sombra. A luz deliciosa entre as duas é a luz para a cor; essa é a luz em que a laranja e o limão parecem mais encantadores.

Vivi quase um século nesta terra, e vivi mais alguns séculos na Terra dos Espíritos, mas sinto-me adolescente, não me sinto idoso. Amo visitar este planeta; amo viajar com esta médium, que enviaste à minha terra natal, a bela *Italia*. Visitei, com ambos, *Firenze*. Vi, através dos olhos desta médium, as minhas pinturas no Palácio Pitti e na Galeria Uffizi, e deu-me prazer, deleite, ver novamente o que se tinha tornado obscuro para mim. Percebo que a Vénus na Tribuna perdeu a sua vida; que aqueles que não me amam lavaram os últimos toques da minha mão. Esforcei-me por pintar através de médiuns muitas vezes, mas estou desanimado. A minha mão falha na terra; não segue inteiramente a minha mente através da médium. Dizem-me que todos os médiuns falham em ser totalmente inspirados, seja de que forma forem influenciados.

Digo isto para que não esperem demasiado. Damos o que podemos, e vós recebereis o que puderdes. O meu coração está cheio de graciosidade esta noite por ter sido capaz de falar, por esta encantadora senhora se ter submetido graciosamente à minha influência imperfeita. Vejo uma estrela distante surgindo tenuemente sobre a terra. Há mais de trezentos anos, ela surgiu em Veneza, a terra da cor. Brilhou sobre a Escola Veneziana de Arte. Desde então, tem iluminado planetas distantes, e poderá regressar novamente a esta terra. Saúdo-vos com alegria como mensageiros desta estrela nascente. Amigos, *addio*.

A MINHA PASSAGEM PARA A VIDA ESPIRITUAL

ABRAHAM LINCOLN

Este verdadeiramente grande patriota, acompanhado pelo Secretário Seward e outros membros do Estado, visitou a nossa *soirée* espiritual e deu o seguinte relato da sua "Passagem para a Vida Espiritual". O Sr. Lincoln ocupou o cargo importante e conspícuo de Presidente dos Estados Unidos durante o tempo memorável em que o país estava envolvido numa guerra intestina. Após grave deliberação, emitiu a "Proclamação de Emancipação", que despertou a ira dos "Rebeldes do Sul", como eram designados, e que culminou no seu assassinato enquanto assistia a uma representação no Teatro Ford, em Washington, em companhia da sua esposa e amigos.

A comunicação foi dada num estilo pensativo e conversacional, ocasionalmente descambando para o humorístico, como era o seu costume na terra. No ponto em que ele fala de ajudar o Sul, um dos presentes na nossa companhia afirmou que títulos com juros de 10 por cento tinham sido comprados por um homem do Norte para auxiliar o desenvolvimento do Alabama (um Estado do Sul), após o que este repudiou as suas obrigações. Sobre isto, o Sr. Lincoln respondeu jocosamente: "Então sois todos velhacos juntos", — aludindo ao facto de o nortenho cobrar 10 por cento de juros.

É ESCASSAMENTE necessário aludir à maneira da minha morte, pois é bem conhecida do público. Os sentimentos que acompanharam o meu "despacho" afetam-me ainda agora. Há algo, para o espírito, verdadeiramente terrível em ser chamado da cena da vida ativa sem um momento de aviso, sem oportunidade de dizer adeus aos amigos, de abraçar companheiros de longa data — sem um breve momento concedido para resolver os assuntos da vida e transacionar os negócios necessários, antes de uma partida final das margens do Tempo. A minha foi verdadeiramente uma saída sublime e terrível! Não que eu estivesse inteiramente despreparado; há muito sentia que uma nuvem escura pairava sobre o meu céu e tinha pressentimentos de alguma calamidade estranha e indefinida à minha espera; senti-o quando entrei naquele teatro em Washington.

Alguns indivíduos morbidamente piedosos, que se propõem pensar pelo bom Senhor, consideraram o meu assassinato como um julgamento sobre mim por visitar uma casa de espetáculos, mas eles descobrirão, quando chegarem a este Porto, como um bom clérigo observou a respeito do grande desastre no Teatro de Brooklyn, que não importa se um homem parte para o seu Lar Eterno de um teatro ou de uma igreja, desde que esteja preparado para a jornada. *Eu* estava preparado, na medida em que acreditava que cada funcionário público

deveria segurar a sua vida na sua mão, pronto para a entregar ao serviço da nação; e desde o momento em que me foi revelado que eu fora escolhido para libertar o escravo do cativeiro, desde esse momento senti que estava predestinado, e estava disposto a que a minha vida fosse sacrificada para essa realização necessária.

Naquela noite fatal que terminou com a tragédia da minha vida, quando caí mortalmente ferido no teatro, e após alguns momentos de angústia — um breve tempo de desespero mental seguido de inconsciência — acordei para me encontrar um espírito entre espíritos, e para perceber que estava a ser efetivamente coroado com uma coroa de louros pela mão de Washington, e que estava rodeado por uma companhia inumerável de espíritos "que nenhum homem poderia contar", — quando ouvi as grandes vibrações da música celestial surgindo pelo ar, enchendo a minha alma com uma felicidade extática além da compreensão mortal; então um peso foi removido do meu coração e, experimentei uma felicidade que não sentia há dez longos anos!

Os espíritos do Próximo Mundo estão intimamente ligados aos mortais; quão intimamente, eu nunca percebi até me tornar um habitante da Terra de Verão. Então descobri que os habitantes desse reino sombrio estavam perfeitamente familiarizados com a minha vida e, sob a direção de um poder sábio, tinham-me erguido da obscuridade e eleito para ser o Libertador dos escravos do Sul. Eles tinham previsto os perigos que me rodeavam e tinham usado todos os esforços para me notificar da conspiração em preparação para me tirar a vida. Tinham-me avisado repetidamente através de médiuns e da minha própria clarividência. Eles sabiam do perigo, mas falharam em evitá-lo! Previram também a longa série de males que se seguiria à emancipação dos negros — assolando o belo Sul e produzindo uma destruição temporária para trazer um estado futuro de progresso. Mas tal é a ordem da vida!

O campo deve ser ceifado antes que possa crescer outro e melhor tipo de grão. Uma plantação parece nua e feia quando o algodão branco é arrancado da vagem e enviado para os teares; mas regressa novamente sob a forma de um belo tecido que vestirá multidões. Assim acredito que será com o Sul. Ela é como a plantação despojada agora, mas receberá benefícios indizíveis sob a forma de energia renovada e liberdade de uma tirania degradante. Não será mais Norte e Sul, mas um só povo. Os nortenhos devem ajudar os sulistas a construir as suas fábricas, a assentar os seus caminhos-de-ferro e esforçar-se de todas as formas para auxiliá-los na reconstrução das suas fortunas caídas.

Desejo dizer algumas palavras sobre a minha esposa; causou-me grande desgosto vê-la tratada como uma pessoa insana. Alguns pensavam que eu não era inteiramente são porque tinha sonhos e visões peculiares e, por vezes, consultava médiuns; mas devo informar-lhes que aqueles que escarnecem

destas coisas são mais insanos do que aqueles que nelas acreditam. Diz-se que o Espiritualismo enche os asilos de loucos. Se alguma causa pudesse tornar uma mulher insana, os eventos angustiantes que acompanharam e seguiram a minha partida repentina foram suficientes para terem tornado a minha esposa assim. Mas a sua crença na comunhão espiritual amparou-a e sustentou-a, e foi apenas através de um mal-entendido da direção espiritual que ela se colocou numa situação em que tal acusação pudesse ser feita contra ela; mas apressámo-nos a socorrê-la e inspirámos algumas mentes nobres e recetivas a assegurar a sua libertação de um túmulo vivo. Não sei se é necessário que eu fale sobre as atuais dificuldades do país, ou que aplauda o curso do General Grant, embora o faça de todo o coração.*

É impossível deter este país na sua marcha avante de progresso, mas homens maus surgirão de vez em quando e ocuparão cargos. Nem sempre é possível julgar entre um demagogo e um verdadeiro amante do seu país. Aquele que faz as afirmações mais barulhentas, jura com mais força e promete o mais possível — esse atrairá naturalmente os ignorantes. Os rapazes desviar-se-ão sempre do sol nascente para olhar para uma fogueira. Notei, enquanto estava na Casa Branca, quão mais aparato era feito pelo criado fardado do que pelo seu amo. Grant, que parece tão calmo e envolto em nevoeiro atrás do fumo do seu charuto, é um mestre perfeito da situação.

Não o obriguem a vestir a farda e a fazer de si um arlequim, como ele faria se seguisse o conselho dos milhares que o assediam. Um soldado está melhor com duas pernas, mas se uma lhe foi cortada, é melhor usar uma perna de pau do que nenhuma. A nação perdeu uma das suas pernas; o Sul está a tentar tirar-lhe a de pau (que são os votos dos negros) e fazê-la correr com uma só. Digo-vos que não correrá por muito tempo.

**Proferido enquanto o General Grant cumpria o seu último mandato, no Inverno de 1876-77, a 16 de Dezembro.*

MORTE PELO FOGO

CHARLOTTE CUSHMAN

A comunicação que se segue, pela distinta autora de tragedias americana, foi dada logo após a desastrosa conflagração do Teatro de Brooklyn, pela qual um grande número de indivíduos morreu queimado, ficando a cidade envolta em luto pelo triste evento. Toda a população estava profundamente imbuída de pesar, e o próprio ar estava cheio de pensamentos ligados ao acidente. As simpatias da atriz fluíram para com aqueles assim enlutados, e ela expressou os seus sentimentos com uma sinceridade que

mostrou que, embora ausente na forma, estava presente em espírito, desejando auxiliar, do seu ponto de vista iluminado, os sofredores da terra.

A DESTRUIÇÃO do Teatro de Brooklyn pelo fogo durante a representação de um drama no seu interior, e a perda de trezentas vidas humanas por essa terrível catástrofe, chamaram-me do meu retiro. Embora este triste evento tenha despertado uma sensação de profunda simpatia entre todas as classes no Mundo Espiritual, ele excitou especialmente as da profissão dramática. Uma tragédia mais sublime foi encenada naquele palco de Brooklyn do que alguma vez poderia ser retratada pelo maior mestre da arte histriónica! A humanidade permanece atónita, horrorizada com o terrível resultado. Aos olhos do senso comum, a morte pelo fogo parece terrível; contudo, à parte o terror produzido, a sensação de passar para a vida espiritual através de chamas ardentes não é tão dolorosa como habitualmente se supõe ser.

A alma e a chama são elementos congéneres. A natureza do homem é sempre atraída por uma conflagração: algo dentro dele responde ao fogo. Quanto mais alto este se ateia, mais entusiasta ele se torna: a sua alma eleva-se com as chamas ascendentes! As nações orientais, em todos os tempos, adoraram o fogo como o grande elemento purificador. Para elas, é a fonte da vida e, neste caso, provou ser a fonte da vida espiritual para centenas! E embora deploremos o acidente devido à miséria que traz para os amigos, e à angústia ocasionada por tão súbita e dolorosa separação, contudo, visto de um ponto de vista espiritual, não é um desastre tão temível. Se não fosse pelo génio do homem, e se ele não possuísse os seus maravilhosos poderes de invenção, seria a mais indefesa das criações: à mercê do vento, da vaga e do fogo; mas a maioria dos maravilhosos aparelhos da civilização cresceu a partir de calamidades como esta.

Perguntais se este evento não poderia ter sido previsto e evitado pelos espíritos? Respondo que, na porção da Terra dos Espíritos onde resido, e que está em estreita relação magnética com Nova Iorque e Brooklyn, fomos informados pela primeira vez do perigo iminente pelo toque dos nossos sinos de alarme peculiares, que estão estacionados em vários pontos com o propósito de indicar qualquer evento extraordinário que possa ocorrer em qualquer uma das cidades. Os guias espirituais e os parentes imediatos daqueles que estavam no edifício viram o perigo que se aproximava antes de a audiência estar ciente dele, e esforçaram-se por avisar a assembleia, mas é quase impossível tornar as pessoas pouco familiarizadas com a comunhão espiritual cientes da informação ou impressão que os seus amigos espirituais podem tentar dar-lhes.

O Sr. e a Sr.ª Conway estavam especialmente interessados no teatro que levou o seu nome, e os seus espíritos apressaram-se imediatamente para a cena do desastre, chegando a tempo de avisar muitos dos intérpretes e impressionar os mais suscetíveis a apressarem-se para lugares de segurança. O Sr. Murdock, um dos jovens e talentosos atores que perdeu a sua vida terrena, diz-me que ficou paralisado imediatamente após os seus amigos espirituais começarem a adverti-lo do seu perigo iminente. O efeito foi lançá-lo numa espécie de estupor ou transe, no qual apenas percebia uma grande luz ao seu redor, como o sol nascente. Quando recuperou a consciência e se encontrou nos braços de queridos amigos que tinham partido da terra, pensou por um momento ter escapado do teatro em chamas, não percebendo que tinha entrado na vida espiritual!

Uma das maiores visões que alguma vez presenciei foi a de ontem à noite, quando a multidão de espíritos indefesos tomou forma espiritual acima do teatro em chamas! A maioria dos trabalhadores e mecânicos estava ansiosa por regressar a casa e não conseguia perceber a sua mudança de condição, ou a vida espiritual em que tinha entrado. Fomos obrigados a providenciar vestuário imediato para esta hoste de pessoas e, para este fim, todos nos tínhamos munido de mantos brancos, tais como os que são uniformemente usados para envolver a forma espiritual recém-nascida; são de um material leve de gázea e muito belos à vista, de uma textura que assemelha seda e prata, algo entre as duas.

O homem é tão indefeso quanto ao seu vestuário quando nasce no Mundo Espiritual como quando entra na esfera material. Após as partes excitadas terem sido vestidas, foi-lhes permitido partir para os seus lares terrenos, acompanhadas por guias espirituais, onde provavelmente permanecerão por alguns dias, procurando em vão conversar com os seus amigos; após o que suponho que estarão mais satisfeitos por fazerem a sua peregrinação à Terra dos Espíritos. Falo assim porque assim foi no meu caso. Tenho sido uma mera ociosa desde que vim para aqui — isto é, no que diz respeito a estar envolvida em qualquer ocupação visível; mas tenho estado profundamente ocupada a estudar os hábitos e costumes deste país, e cada dia encontro mais e mais que me interesse e que "desperte o meu especial espanto".

Estou surpreendida com os planos sistemáticos, sábios e benevolentes que foram adotados para receber os recém-chegados da terra. Este grande corpo de pessoas nascidas prematuramente será amplamente provido; os seus amigos não precisam de ter receios. Não serão certamente colocados em palácios, nem forçados a viver vidas de ócio bem-aventurado, mas ser-lhes-ão atribuídos lugares de acordo com o seu desenvolvimento, e começarão a vida novamente como jovens que acabam de desabrochar para a idade adulta. Os

teatros são supostos por muitos como sendo uma fonte de mal, e esta triste destruição será vista por tais pessoas como uma evidência do desagrado de Deus. Mas o grande Deus que fez a terra, e criou o homem com todas as suas faculdades e desejos, apenas procura o desenvolvimento e progresso do homem; o que quer que promova esse fim, Ele sancionará. Essa é a minha humilde opinião, pelo que vi deste mundo superior. A personificação de personagens e a delineação de paixões são produtos de uma das faculdades espirituais do homem.

Nas eras recuadas, antes de a arte da impressão ser compreendida, a grande multidão era apenas ensinada sobre o mundo ao seu redor através destes meios, e assim tomavam conhecimento de eventos de grande importância e interesse histórico. As representações dramáticas foram os primeiros meios do homem para transmitir inteligência à multidão. O incêndio deste teatro deve ser uma lição para ensinar os homens a providenciar saídas de segurança para o público, e deve causar avanços na construção dos vossos edifícios públicos. Se apenas um ou dois grandes anfiteatros fossem construídos numa cidade como locais de entretenimento público, como nos tempos antigos, e a despesa concentrada em um ou dois edifícios; e se fossem construídos tão solidamente que desafiassem os terramotos e o fogo, como os anfiteatros de Roma e Pompeia, não seríamos obrigados a relatar um evento como este.

7 de Dezembro de 1876.

O ESTADO ACTUAL DO DRAMA

EDWIN FORREST

O eminente autor de tragedias americano, Edwin Forrest, foi solicitado a contribuir com alguns pensamentos relativos à sua profissão e experiência na vida espiritual e, de uma maneira agradável, respondeu aos nossos desejos. Primeiro, desejou que um dos presentes lesse uma passagem de Shakespeare, o autor ao qual o seu estudo de vida tinha sido dedicado. Em conformidade com o seu desejo, foi recitado um ato do "Rei Lear", o que o interessou muito, enquanto os sentimentos grandiosos e tocantes do bardo imortal pareciam agitar o seu amor dramático, e também reviver memórias tristes da caprichosidade do aplauso popular e da insegurança da posição de um ator quando este se torna um ídolo do público. Contudo, ele manteve-se pensativo e filosófico, e com algum interesse recordou um projeto de estabelecer um Colégio Dramático, que o escritor lhe tinha proposto alguns anos antes.

AQUELA cena do "Rei Lear" agita a minha alma interior e lembra-me dos meus últimos dias na terra. Ai de mim! Também eu era então um rei pobre, despojado da sua coroa. O meu reino tinha passado de mim. Caminhei pelo palco como aquele pobre monarca destronado, e usei uma coroa de flores murchas, a semelhança da anterior que eu usara.

É um evento triste para um homem cuja carreira dramática foi coroada de honras, que ouviu o aplauso ensurdecedor de multidões, que foi seguido e festejado ano após ano, até se sentir realmente um rei, encontrar-se, como Lear, despojado dos seus seguidores, e ver o clamor e o hurra que acompanharam a sua primeira aparição silenciados até ao brado tímido de alguns amigos fiéis. Verdadeiramente, tal encerramento de uma carreira famosa é suficiente para causar a um ator uma saída apressada da cena dos seus antigos triunfos! O gosto do público mudou muito no intervalo entre a minha entrada no palco dramático e a minha saída dele. O público já não parecia compreender o mérito da verdadeira arte dramática.

Digo isto, não como aplicando-se especialmente a mim, embora deva reconhecer que me irritava e entristecia presenciar a procura por mera imitação e interpretação literal de paixões e sentimentos. A minha ideia da arte histriónica é que ela deve representar o aspeto geral e amplo da natureza, e que se um assassinato deve ser encenado, não deve ser uma atuação estreita e de sangue-frio do ato, mas uma ação heroica, tal como Shakespeare a descreveu, e como todos os atores inspirados a interpretam. A atual procura por peças sensacionalistas e dramas domésticos, que não elevam o gosto ou o sentimento do povo, é, fico feliz por pensar, destinada a ter vida curta, sendo meramente uma moda temporária. O instinto do povo atrai-los-á de volta ao terreno verdadeiro e sólido.

Enquanto houver tais exemplos imortais no passado para os quais olhar, as pessoas não podem extraviar-se muito. Perguntais se eu piso as tábuas no Mundo Espiritual, ou Terra de Verão, como é chamado. Fiz algumas representações, mas muito poucas até agora — encontro tanto para me interessar fora do palco. A minha natureza está mais cabalmente satisfeita aqui do que estava na terra. Tenho muito para aprender e passo uma parte do meu tempo a viajar. Fico feliz por ver que o "Lar para Atores", que tive a boa fortuna de poder deixar na terra, está aberto. Visito-o ocasionalmente, mas não posso dizer que seja muito atraído pela terra.

Já tive o suficiente dela, o seu bom e o seu mau, e talvez a minha organização fosse tal que atraí mais do seu mau do que do seu bom. Seja como for, estou mais contente onde estou. Quando atuo aqui, não há camarotes vazios. Os simulacros fracos que são tão populares na terra não conseguem encontrar apoio neste reino. Contudo, não desejo ser severo; é da

minha natureza falar com força, mas é uma infelicidade para um povo viver no externo e negligenciar o ideal.

CÂNTICOS DE NATAL

CHARLES DICKENS

Era uma noite fria e escura de Dezembro; a neve caía pesadamente nas ruas de Nova Iorque; não tínhamos pensado em Dickens e não sabíamos o que estava para vir, quando a médium fechou os olhos e começou, como se declamasse de um livro, os seguintes cânticos. Ela relata que parecia ver diante de si a cena tal como Dickens a descreve; estava aparentemente à beira da estrada, via a catedral distante e observava o pobre velho deitado ali, como se fosse um evento real ou uma cena num teatro.

CÂNTICO N.º I. AGORA, à medida que os dias escuros se aproximam, chegando às festividades, sinto novamente vontade de usar a minha pena. Alguma vez perguntais a vós mesmos, amigos, que tipo de Natal temos aqui em cima? Alguma vez perguntais se há alguma reunião ao redor do fogo, por parte daqueles que amais, no Mundo Espiritual? Havia um tipo de fogo que fomos ensinados a temer quando éramos jovens. Dizia-se que ardia com malignidade eterna, e o pobre coitado que se tinha extraviado na terra seria certamente atirado para dentro dele ao emergir do Tempo para a Eternidade! Esse é o tipo de fogo para as festividades de Natal entre os bons Cristãos. Recordo a poesia de um dia escuro junto ao fogo de Natal, pois a memória dessas festividades na terra é demasiado fresca para se ter desvanecido da minha mente.

O Natal que celebramos aqui é apenas a sombra das nossas festas terrenas passadas; pois, não estamos nós a viver num Natal eterno? Ouvimos o eco dos vossos sinos de Natal ressoando nos nossos lares espirituais, embora, em verdade, de muitas agulhas espirituais os nossos próprios sinos repiquem alegremente, misturando-se com os vossos em harmoniosa alegria. Escutai! ó almas arrebatadas! Não ouvis os nossos sinos celestiais repicando nas vossas manhãs de Natal? Tocai, sinos alegres, e dai as boas-vindas a almas pobres e tiritantes nesta terra feliz! Tocai, sinos de Natal do Mundo Espiritual, pelos pobres que morrem nos dias de Natal! Pobres abandonados e sem teto da humanidade, por uma vez terão um Natal feliz!

Passei muitos Natais na terra na querida velha Inglaterra, cuja lembrança me causa um frémito de felicidade, mas no Mundo Espiritual apenas vi alguns; e por esta razão não posso falar tão sabiamente como de outra forma poderia sobre os variados modos de celebrar o dia nestas cidades eternas; mas a minha experiência é que o Natal é celebrado aqui, e o cântico de "Paz na terra

e boa vontade para com o homem" é comemorado no mundo eterno com alegria ainda maior do que na terra. "Paz na terra e boa vontade para com o homem" é o canto que me dizem ter sido efetivamente cantado por uma vasta companhia de espíritos que se reuniu para esse propósito há mil e oitocentos anos; e a cada ano que regressa, esse mesmo cântico é ecoado por inumeráveis grupos de imortais. Em duas ocasiões juntei-me a estes celebrantes. Foi-me dito como, no passado remoto, bons espíritos foram movidos pela angústia e piedade ao saberem que a crença prevalecente entre a humanidade era que os Governantes do Mundo Espiritual estavam em inimizade com o homem! Quão tristemente os entristecia saber que cada tempestade e cada praga era atribuída à sua influência!

Quando aquela Estrela brilhante em particular nasceu em Belém, que haveria de conduzir o homem a uma perceção mais elevada da sua natureza espiritual, ardorosamente cantaram esse afamado cântico de Natal, que permanecerá enquanto o mundo permanecer, e será repetido no Mundo Espiritual e na terra através de séculos de tempo vindouros!

CÂNTICO N.º 2

CAI, cai a neve de Natal! girando em flocos suaves como bebés, como mensageiros de alma branca vindos de um mundo desconhecido! Caem, pontuando as sebes e branqueando as planícies e ruelas do campo aberto. Caem, cai a neve, espalhando-se em pequenas manchas sobre o casaco esfarrapado e manchado de um velho, com os pés doridos e faminto, agachado contra a sebe coberta de neve. Ele apostou a sua última moeda de cobre na Véspera de Natal, e perdeu-a; teve uma longa, longa caminhada desde então, e tem estado a tatear por milhas frias, longas e cansativas, à procura de alguma moeda perdida deixada pelo seu deus, o Acaso, — o único Deus que alguma vez conheceu!

O Acaso franziu-lhe o sobrolho neste Dia de Natal, e ele cai exausto à beira do caminho. Pobre velho Buffer! Sem amigos e sem lar, sem esposa e sem filhos; tem sido duro para ele este feliz Natal, e pensa, enquanto ali está sentado, demasiado sem forças para se levantar, que sorte seria se algum fidalgo passasse e lhe deixasse cair seis *pence* ou um *shilling* para o seu Natal. Fracamente soam aos seus ouvidos os carrilhões felizes da torre da catedral distante. Suave e branca cai a neve, rastejando cada vez mais perto, como algum amigo protetor; e o seu olhar faminto e ansioso apaga-se num olhar impotente de resistência.

A neve cai cada vez mais rápido; o frio penetra cada vez mais fundo; ele faz um esforço para se levantar, mas não consegue; os seus membros estão hirtos de frio e fome, e contudo a vida é-lhe querida. A vida tem sido para ele

um conflito constante com os elementos, uma mera luta animal pela existência contra as forças adversas da terra; e agora, nos seus últimos momentos, o seu único pensamento e desejo é que algum fidalgo bondoso lhe desse seis *pence*, com que pudesse comprar uma caneca de cerveja e uma fatia de toucinho para o seu jantar de Natal. Tocai, sinos de Natal! outra alma imortal está prestes a começar uma longa caminhada pela Autoestrada Desconhecida! A neve cai branca; o seu corpo cansado e as vestes esfarrapadas são igualmente cobertos pelo seu puro e frio manto.

Agora, lentamente, ele levanta o seu braço meio paralisado e toca no seu boné batido. Está a fazer a sua saída do mundo! Curva-se, mas é para um fidalgo fantasma que subitamente se apresenta diante dele. Ele está demasiado exausto para questionar de onde veio. Será o fidalgo bondoso com os seis *pence* amigáveis que ele tem estado a procurar? Será algum bom Cristão da cidade da catedral que ouviu o seu grito de fome? ou algum nobre lorde do parque vizinho? Ele faz a si próprio estas perguntas sonhadoramente, à medida que a pessoa amigável se aproxima, o toma pelo braço e coloca nos seus lábios sequiosos um cordial generoso e revigorante. Certamente este deve ser o fidalgo do acaso em que ele pensou durante todo este Dia de Natal.

Presentemente, este amigo desconhecido levanta-o da sebe cercada de neve e conduz o a um carro curioso, alegre como o carro de fogo de Elias. Ele resiste ao princípio; a bondade é demais para ele; não está habituado a tais atenções, e abana a cabeça, e recua. Mas quando o fidalgo, em resposta à sua hesitação, diz: "Venha, meu amigo, levá-lo-ei a uma boa estalagem, onde terá o seu jantar de Natal", ele cede à boa sorte, e desaparecem juntos. Juntos deslizam, deslizam, sobre as agulhas da catedral; ouvem os carrilhões tocar para o Natal, mas ninguém os vê no seu carro dourado.

Os bons Cristãos comem o seu jantar e não dedicam um único pensamento aos pobres coitados que morrem de frio e fome sob as sebes nevadas da velha e alegre Inglaterra, no Dia de Natal! Tocai, sinos de Natal do Mundo Espiritual, pelos pobres que morrem nos Dias de Natal! Pobres abandonados e sem teto da humanidade, por uma vez terão um Natal feliz!

O SONHO DO CÉU DE UM VICIADO NO ÓPIO

DE QUINCEY

É o desejo do Juiz Edmonds e da Condessa Ossoli, os editores espirituais desta obra, mostrar que, ao migrarem para outro mundo, as pessoas mantêm a sua identidade e hábitos peculiares de pensamento, e instam cada autor a exibir, tanto quanto possível, as suas características naturais através da clarividente. O esboço seguinte por De Quincey é considerado como tendo as

marcas do seu talentoso autor. A médium, sob o seu controlo, experimentou uma condição feliz e extática e, embora nunca tendo visto o Nilo, percebeu no seu transe que estava a flutuar por esse rio sagrado; logo a cena mudou, e sentiu-se como se estivesse nos limites extremos do espaço, provavelmente partilhando de sentimentos semelhantes aos experimentados pelo espírito.

ALGUMA vez foste um comedor de ópio? Alguma vez tiveste sobre ti um bafo tão delirantemente estimulante que todo o universo te parecia um requintado diapasão de música suave e cor? Sonhadoramente, sonhadoramente flutuei pelo Nilo egípcio e observei o sol pôr-se com esplendor amarelo além das suas águas estranhas. Estive no topo da pirâmide mais alta — sentei-me diante da grande Esfinge e olhei para os seus olhos misteriosos — vi a lua erguer-se em glória sobrenatural sobre o templo de Tebas — senti o beijo da mais bela das mulheres tremendo nos meus lábios — tive visões de beleza feérica — mas estas experiências todas empalidecem e tornam-se como névoa diante das realidades transcendentes que se abrem à visão de um espírito! Imagina-te capaz de voar até ao topo da montanha mais alta da terra e, além disso, supõe-te no espaço, o ar cintilando com luz, e que através deste espaço ilimitado estás a girar; ao teu redor movem-se velozes bolas de luz deslumbrantes, brilhando com cores variadas de tons de ametista, rubi, topázio e esmeralda, como gemas gigantescas zunindo pelo ar, enquanto além desta revolução pirotécnica de mundos, avistas ao longe a Terra das Almas!

Entre estas cenas de sublimidade, prossegues o teu caminho solitário até alcançares os confins de um novo mundo; não diminuto, como a terra que deixaste, mas uma esfera cujas dimensões vastas são como o sol em tamanho e que, como esse astro, parece ser um globo de luz. Um tremor estranho invade a tua estrutura, um desejo ardente, um anseio possui-te de alcançar este mundo e penetrar a sua atmosfera, que o envolve como um halo fosforescente. Obedeces a este instinto e, como o pássaro no alto dos céus mergulha pelo ar em busca de alimento, assim a alma com instinto infalível desce através desta atmosfera luminosa e encontra o seu alimento — e também os seus semelhantes! Semelhantes! de milhares e milhares de anos de idade!

Aqui estão os primeiros filhos da terra que viveram no Jardim do Éden! aqui está o grande líder hebreu Moisés, com seis mil anos de idade; aqui estão os capitães poderosos, esses líderes fervorosos das hostes que lutaram em batalha pela Liberdade e por Deus, nas eras recuadas do mundo. Aqui estão as grandes personagens da história: o Rei Ciro está aqui; Alexandre, o Grande, está aqui; aqui está Zenóbia, a famosa Rainha cativa; aqui estão César Augusto, Marco António, Cleópatra com os seus amantes; aqui estão Demóstenes e Cícero, Dante e Petrarca; aqui estão Rafael e Miguel Ângelo — todos saídos dos domínios da terra, fantasmas na página da história: aqui

estão eles, vivendo neste Mundo de Espíritos! Não é um magnífico sonho de ópio? São estas belas cidades reais? São estas árvores e arbustos, estas montanhas e planícies, substanciais e reais, ou é tudo o sonho de um comedor de ópio? É este um mundo real — esta bola elétrica que lampeja como uma jóia e gira pelo espaço como as rodas do carro de Jeová? É verdade que estes seres poderosos, com as suas muitas faculdades, habitaram outrora aquele globo minúsculo chamado Terra? Estes seres maravilhosos que podem atravessar o ar como arcanjos, que giram pelo espaço como meteoros flamejantes, foram eles outrora trabalhadores sobre as areias pesadas da terra? Olha para os céus e conta as estrelas!

Mais numerosos do que esses pontos brilhantes são os lares das almas na eternidade! Onde não há princípio, não há fim; e de onde estou, sobre as alturas de opala, não consigo ver na criação nem princípio nem fim! É este o sonho de um comedor de ópio? É o que eu vejo; é o que todos os espíritos veem. Que admiração há em sermos impotentes para expressar visões assim reveladas à nossa vista! Quem pode descrever homens que viveram vinte mil anos? Que língua mortal pode exprimir as maravilhas que passam diante de olhos que têm estado a olhar para a vida espiritual há milhares de séculos!

Se os homens falham em compreender o funcionamento do pequeno globo Terra, como podem eles compreender os planos deste poderoso Mundo de Almas? O meu sonho de ópio terminou. Já não preciso do estímulo dessa droga fatal para despertar as minhas faculdades. Respiro um ar tão refinado que permeia o meu ser e me eleva entre os deuses! Já não sou um mortal, fraco e doente, encolhendo-me perante as tempestades da terra, mas um imortal, habitante em constante progresso de um mundo cujo sopro é como o ar mais fino do Verão enquanto desliza sobre um jardim de flores perfumadas.

FLORES ESPIRITUAIS

FANNY FERN

Era uma noite de Domingo desagradável em Nova Iorque. A médium tinha estado em casa todo o dia e sentia-se cansada e algo avessa a ser influenciada. Contudo, consentiu em ser colocada no sono mesmérico, esperando que isso restaurasse o seu poder nervoso. Imediatamente, o espírito de Fanny Fern tomou posse dela e presenteou-a com as flores espirituais que tinha colhido. A médium viu-as em toda a sua beleza e regressou ao seu estado natural sorridente e de coração leve.

ESTIVE fora todo o dia nos campos, a colher flores. Vê que belo ramo recolhi! Aqui estão violetas mais fragrantes do que as afamadas violetas de Parma; lírios e rosas também, os queridos velhos favoritos da terra; e além disso trouxe deliciosos sinos cor-de-rosa, com estames e pétalas cremosas,

enviando um odor como o de ananás; e raras flores plumosas crescendo num caule grande, — lar ideal para algum espírito feérico! O Mundo Espiritual deve ter sido certamente o berço das flores! pois aqui florescem numa profusão apenas esboçada no vosso próprio clima tropical. As flores verdadeiramente são uma expressão da alma; pertencem ao espírito. As pessoas na terra reconhecem esta verdade quando estão em estados de espírito elevados. Cobrem os seus mortos com elas; são a única oferenda trazida à alma que parte! A maioria das expressões mais elevadas do coração são denotadas por flores. Decorais a noiva com flores de laranjeira e colocais a sua cabeça formosa sob um sino floral!

O amante dá-as à rainha do seu coração, e os espíritos colocam-nas diante dos seus médiuns. Cada clarividente descreve belas flores com as quais os espíritos são coroados, e grupos de crianças angélicas são vistos distribuindo estas oferendas fragrantes. Notei que as pessoas sorriem incrédulas quando lhes falam das realidades do Mundo Espiritual, mas nunca desacreditam que as flores crescem lá! Os mais céticos recebem esta afirmação como natural, esquecendo que, se o nosso solo for adaptado ao crescimento de flores, deve ser também adaptado a árvores e outros tipos de vegetação. Até encontrei aqui o querido velho feto da terra — o meu homónimo (*Fern*)! do qual vi variedades belíssimas, padrões rendados delicados que parecem o sopro de Deus petrificado.

Além das flores, tenho comigo cachos de morangos — bagas deliciosas e piramidais, tão palatáveis ao paladar espiritual como foram para mim nos dias terrenos. Vivo aqui uma vida livre; não há mais preocupação; as leis que me prendem são como uma corrente de flores: não sinto o seu peso. Não mais me assalta o medo de não agradar. Como um pássaro, vou e venho, quando quero e para onde quero. Visito, entro na habitação do meu vizinho sem bater. As casas da terra são para mim como vidro, ou antes como palha; vejo claramente através das fendas e ranhuras. Descubro agora que o mal é apenas o resultado das circunstâncias. A flor que é mantida na cave não pode florescer; e aquele que queira desenvolver a sua natureza mais elevada deve ser como as flores, e deixar que a luz do sol, o ar e os ventos do céu o alcancem de todos os lados.

Não deve vedar nenhuma verdade, nem restringir a sua natureza em qualquer direção saudável — então poderá desfrutar desta graciosa vida espiritual. Oh, como eu gostaria de levar comigo neste dia de Sabat algum irmão rígido, austero, velho e puritano pelo meu jardim de flores! Quão chocado se sentirá o religioso estreito quando entrar neste Mundo de Flores. Caçará morangos, pensais vós, no dia de Sabat como eu faço, e desfrutará agradecidamente da natureza tal como Deus a fez? ou recusará, e desviar-se-á das flores espirituais e do fruto maduro, procurando em vão o descanso, como

agora, fora de Deus e da natureza? Devo apressar-me a regressar à minha tenda de folhas de feto, para onde, quando vieres a esta terra florida, querido leitor, eu te conduzirei.

A HISTÓRIA DO GRANDE REI

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Sem dúvida que qualquer pessoa familiarizada com o notável contador de histórias teria reconhecido a sua presença pela sua maneira de ser, através da médium, enquanto relatava a sua própria experiência espiritual sob o disfarce de um conto; pois a "Visita ao Grande Rei" é realmente, diz ele, uma transcrição do que lhe ocorreu à chegada ao Próximo Mundo.

AGORA, vou contar-vos uma pequena história. Era uma vez um pobre jovem que vivia numa cidade distante. O seu pai era pobre e a sua mãe era pobre, mas eram trabalhadores; e embora vivessem num pequeno quarto numa grande cidade, amavam a Natureza; e das migalhas da sua refeição frugal o filho juntava e alimentava os passarinhos que vinham à sua janela e viviam no telhado da sua casa. Qualquer planta verde ou arbusto que conseguisse arranjar, ele nutria-o, e este cresceria sob o seu cuidado amoroso, pois o seu coração estava em simpatia com a Natureza. Bem, este jovem, sentado sozinho no seu trabalho, veria as visões mais belas, que encheriam a sua alma de alegria; por isso não podia deixar de falar sobre o que via.

Os vizinhos, sabendo disto, reuniam-se ao seu redor para o ouvir falar e descrever as cenas belas, embora invisíveis. Com o passar do tempo, rapazes e raparigas de perto e de longe vinham para o ouvir falar, e os ricos traziam-lhe presentes, de modo que ele não precisava mais de trabalhar no seu ofício humilde, mas podia passar todo o seu tempo a descrever as suas visões maravilhosas. E à medida que a riqueza lhe chegava, ele tornava-se mais forte, e a sua voz tornava-se mais poderosa, e depois de algum tempo deixou o seu lar humilde e partiu para visitar cidades estranhas. Onde quer que fosse, contava os seus contos maravilhosos, e as pessoas afluíam ao seu redor, e levavam-no para as suas casas, e enchiam-no de presentes, e ele tornava-se diariamente cada vez mais próspero.

Mas durante todo este tempo não se tinha esquecido da sua doce professora, a Natureza, nem do Grande Pai que lhe tinha dado olhos para ver o sol glorioso, e a lua, e as árvores, e as flores, e a terra frutífera; e um coração para sentir, para amar e para simpatizar com os atribulados, os de coração partido e os desafortunados!

Ele tinha muitos amigos. Reis e rainhas convidavam-no a sentar-se à sua mesa, e ele comia e bebia com nobres. Mas, de todas as pessoas ao seu redor, ele amava mais as criancinhas, porque eram simples e verdadeiras, e retribuíam o seu amor; seguiam-no para onde quer que ele fosse, de modo que ele nunca estava só. Mas, à medida que os dias e os anos passavam, enquanto ele cantava e contava as suas histórias estranhas, começou a envelhecer e a voz a falhar-lhe. Então, chegou um recado do Rei de uma terra distante, dizendo que ele deveria abandonar todos os seus amigos, deixar de lado a sua riqueza e as suas honras, e ir habitar com ele.

Ora, este Rei era-lhe representado como um ser terrível, que tinha dois lugares para onde enviava todos os viajantes incautos que se aventurassem a visitá-lo. Um lugar era um lago pavoroso de pez líquido em chamas, no qual ele se deleitava em lançar aqueles que o desagradavam; e o outro era um lugar onde todos se sentavam e cantavam hinos triunfais sobre aqueles pobres seres torturados. Em tal pavor era este Rei mantido pelas pessoas dos países circundantes, que estas vestiam longas túnicas pretas, cobriam os rostos com véus pesados e penduravam nos chapéus longas fitas de crepe preto, para denotar a dor e o infortúnio que experimentavam quando vinha a convocação deste rei inexorável para que os seus amigos visitassem o seu temido e desconhecido Reino.

Este pobre homem, para quem a terra era tão bela e cujos amigos eram tão bondosos, e que tinha encantado tantos com as suas histórias, não podia encantar este poderoso Rei. Teve de cumprir as suas ordens e partir de mãos vazias para o país estranho. Teve de deixar guardados nas gavetas os belos fatos de roupa que tinha adquirido. Olhou com olhos desejosos para os livros da sua biblioteca, desejando poder arrumá-los no seu baú e levá-los consigo; mas os mensageiros negaram o seu pedido, pois a ninguém é permitido levar nada consigo para o reino daquele grande Rei!

Tudo o que ele acumulara nos seus anos de labor — os seus pássaros e as suas flores, o seu dinheiro no banco, as possessões que ganhara com cuidado e indústria — foi forçado a deixar. Assim, despediu-se tristemente dos seus amigos, olhou pela última vez para o sol alegre e partiu na sua viagem solitária. Estava escuro ao princípio, o ar era espesso com uma névoa sombria e o vento soprava, mas ele disse para si próprio: "Manterei a minha coragem, pois não pode ser senão que o Todo-Sábio que superintende os céus e a terra, e que protege as pequenas florzinhas para que cresçam abrigadas no meio das tempestades de Inverno ao lado das rochas — não pode ser senão que Ele me protegerá".

Encorajando-se assim, prosseguiu o seu caminho solitário, que ele pensava que seria excessivamente longo. Enquanto assim pensava, viu

subitamente diante de si, não muito distante, uma cidade brilhando numa luz como a do sol poente. Ao contemplá-la, percebeu que era a cidade do Rei feroz; quando, subitamente, surgiu da avenida de árvores que bordejavam os seus limites um grupo alegre de criancinhas, que estavam vestidas com todas as cores encantadoras das flores que crescem nos campos, e traziam consigo, nas mãos e coroando as suas cabeças, as flores mais maravilhosas que jamais foram vistas! Sorridentes, aproximaram-se dele, e algumas das mais altas entre elas destacaram-se das outras e, correndo para ele, ergueram os seus lábios rosados e beijaram o viajante cansado da jornada, dizendo-lhe: "Tu és Hans Christian Andersen. Nós conhecemos-te! Vem ver que belo jardim fizemos para ti". E, mal acabaram de falar, as outras rodearam-no e, tendo agarrado as suas mãos e beijado os seus lábios, conduziram-no à entrada da cidade resplandecente.

Eis que ali estava um jardim, rodeado por sebes do que pareciam ser rosas, que estavam em plena floração e enchiam o ar com a sua fragrância; e, quando ele parou para admirar as flores, as crianças gritaram: "Vem, vem, querido amigo, ver o que mais temos para ti"; e conduziram-no ao interior de uma bela casa cor de creme, com uma varanda em todos os lados e trepadeiras aglomerando-se e subindo até às próprias janelas! Exatamente uma casa como ele tinha visto nas suas visões há muitos dias! Quando ele lhes contou isto, elas bateram as palmas com expressões de prazer e conduziram-no ao interior, para um aposento onde estavam arranjados com gosto em prateleiras livros familiares, que quase pareciam ser os livros idênticos que ele deixara para trás tão tristemente quando partira para visitar o Rei maravilhoso.

Deste, o Quarto dos Livros, conduziram-no a um pequeno salão acolhedor no lado oposto, chamado o Quarto da Amizade, onde, sobre uma mesa redonda, estavam colocados os pratos mais belos que se possa imaginar, chávenas e pires, e pratos tão delicadamente tingidos e pintados que pareciam as pétalas de algumas flores. Ainda prosseguiram para uma sala muito maior. Esta chamava-se o Quarto do Canto. Ali ele viu os seus instrumentos de música favoritos — a sua flauta, violino e piano; e, enquanto olhava com espanto para eles, ouviu um grande som lá fora — centenas de vozes elevando-se num cântico de boas-vindas! Tão exaltado ficou de alegria e gratidão, que as lágrimas lhe correram dos olhos e o cegaram, e as crianças reuniram-se ao seu redor, trouxeram-lhe uma cadeira coberta de almofadas macias e sentaram-no, para que ele pudesse ouvir e desfrutar da música.

O cântico subia cada vez mais alto e, enquanto ele escutava, ouviu que este celebrava a sua chegada. Oh, que música havia ali! Todos os sons doces que ele ouvira desde a sua infância até à sua idade adulta eram como murmúrios grosseiros comparados com esta melodia arrebatadora. Quando o cântico terminou, os cantores entraram e, vede!, entre eles estavam amigos da

sua infância e da sua idade adulta — pessoas queridas que tinham partido muito antes dele para obedecer ao mandato do Rei severo para visitar o seu Reino desconhecido. Oh, quem poderá dizer que saudações de alegria surgiram quando ele encontrou os seus amigos e parentes há muito perdidos! Quando as suas emoções puderam ser controladas, sentaram-se ao redor dele e falaram-lhe sobre o Grande Rei — como ele era um Bom Rei; como cuidava de todos os que visitavam a sua terra; e que o lago perigoso não passava de uma fábula, como as fábulas de outrora, tais como os marinheiros em dias recuados costumavam usar para animar os seus conterrâneos.

Disseram-lhe que os únicos lagos a serem vistos eram os riachos de cristal, cujas águas refrescantes revivificavam os habitantes daquela terra feérica. Disseram-lhe também que o Grande Rei era invisível para eles, mas que o sentiam no ar balsâmico, e que reconheciam a sua presença no cântico, e sentiam a sua bondade através dos seus espíritos ministrantes — pela benevolência e bondade exibidas ao seu redor no seu reino, pelo qual um lar era provido para o mais humilde viajante da terra para o seu país; pois o mais humilde encontrava um lar e amigos à sua espera.

E, quando terminaram a sua conversa, as belas crianças passaram chávenas à vasta companhia, cheias com a bebida mais deliciosa que os lábios já provaram, e pratos de fruta como o Éden jamais cultivou no seu solo favorecido — pois a riqueza, o sabor e a cor da fruta deste Reino maravilhoso superavam tudo o que fora sonhado. E isto encerra a minha história da minha jornada à Terra do Grande Rei.

CASTELO NO MEIO DAS ROSAS

GEORGE SAND

Se os nossos leitores pudessem ter ouvido o belo francês entrecortado e visto o controlo verdadeiramente estrangeiro do médium, não teriam duvidado da presença da grande romancista. Ela falou da distância que percorrera para visitar a América e do seu desejo, enquanto esteve na terra, de ver o Novo Mundo, e de quão estranhas eram as suas sensações ao transmitir os seus pensamentos através de um estrangeiro. O médium viu claramente o seu castelo, tal como ela o descreveu, e sentiu uma influência hilariante e jubilosa durante a visita de George Sand.

OH, que lugar belo é este céu! Sinto-me jovem novamente. Vi-me refletida num espelho e parecia uma rapariga de dezanove ou vinte anos. Já não sou avó, embora tenha os meus queridos ao meu redor. Vi Auguste, Corneille, Le Blanc. Sou tão feliz! A vida significa algo para mim agora. As pessoas chamaram-me *mauvaise* porque eu não era uma devota, porque não dava

muito dinheiro ao padre, porque glorificava a natureza humana, porque celebrava a mulher que amara supremamente; mas descubro que aqui não sou chamada de mulher má!

Encontro aqui para mim um belo pequeno castelo rodeado de rosas. As rosas florescem na Terra dos Espíritos tão bem como na terra; elas não são apenas para a terra. Os meus bons amigos vêm sentar-se no meu jardim. Dou-lhes a comer os deliciosos frutos que aqui crescem. Oh, que heróis vieram às minhas humildes portas para me dar as boas-vindas! Estavam lá os Napoleões — cheguei a saudar o Pequeno Cabo! Falei-lhe do passado e do presente de França — do meu país sempre aspirante, sempre erguendo-se com esperança após ter sido esmagado até ao pó! Napoleão está contente enquanto a França está feliz e próspera, mas quando for necessário, ele reaparecerá.

Poetas e músicos visitaram-me. Lamartine, David, Auber e Rachel, já não prostrados, mas vivos, *vivement*! Rachel improvisou para mim uma grande declamação à minha chegada. Ela representou a dor do mundo ao partir de mim e a alegria dos meus amigos espirituais com a minha vinda para o meio deles. Oh, é como o País das Fadas aqui! Eu era como Fanchon, uma pobre pequena mendiga com quase nenhum traje. Agora sou como a Cinderela, depois de a madrinha lhe ter tocado com a varinha!

Gostaria que pudessem ver a minha casa. Tenho um pavilhão encantador onde escrevo; tudo foi tão belamente organizado pelos meus amigos. Está decorado com os quadros mais vivos e embelezado com flores. Escrevo numa mesa incrustada de pedras preciosas! — pedras que a terra não pode oferecer, mais perfeitas em cor e transparência; tão lúcidas e cintilantes que eu pensaria que quase as poderiam ver brilhar na vossa terra! Este belo lar com os seus arredores foi preparado para mim pelos meus amigos.

Em França, rendemos grande corte e respeito aos nossos amigos que passaram para outra vida, e celebramos sempre o seu dia onomástico e o aniversário do dia em que partiram na sua viagem imortal; e ao mantê-los assim na memória, beneficiamo-nos a nós próprios sem o saber; pois descobri que aqueles que se lembram dos seus amigos espirituais e conversam com eles confiantemente, estão melhor aqui do que aqueles que friamente os enterram e os entregam à Morte.

A religião católica romana é uma grande religião para o sentimento. Eu era uma liberalista, contudo não acreditava exatamente com Voltaire ou Jean-Jacques Rousseau. *Mon Dieu, je suis très contente!* Tive uma entrevista com Michelet. Ah, pobre homem, ele tem estado tão perturbado! Há uma infelicidade em saber tudo o que transpira na terra — ele percebe isso. Conheci pessoas mesmerizadas na terra que podiam ver o que transpirava à distância,

e é da mesma forma que os espíritos podem ver o que os seus amigos estão a fazer na terra. Posso sentar-me à minha mesa e ver o que está a ser feito na terra.

É grandioso para mim transmitir os meus pensamentos através deste médium. Esta é a minha primeira viagem à América; é agradável viajar como as aves! Ultimamente, na terra, não me importava muito com as viagens, mas agora acho agradável dardejar pelo espaço e ir para onde sou atraída. Agora, depois disto, farei muitas viagens.

É uma sociedade inteiramente francesa onde resido. Não me sinto em casa no vosso Jardim de Primavera, no vosso Mundo Espiritual da América, embora seja um belo país. Mas amarei todos os americanos e gosto que venham visitar-me. Encontro a sociedade aqui mais parecida com os meus sonhos — o que chamariam de sonhos utópicos! As ideias utópicas realizam-se aqui. Como me esforcei para tornar a sociedade mais natural, para a aliviar das suas falsidades, para simplificar a estrutura artificial, para igualar e classificar as pessoas. As coisas que os socialistas franceses e os escritores liberais tentaram realizar, encontramos agora já feitas para nós no Mundo Espiritual: não como os comunistas o fariam, seres ignorantes e equivocados — não por derrubar e despojar, mas por elevar e desenvolver.

Como as pessoas clamaram contra mim ao princípio, porque eu pensava por mim mesma e não de acordo com regras estabelecidas na ignorância. Sentia na minha mente certas verdades e desejava expressá-las. Tateei o meu caminho cegamente — cometi alguns erros contra a sociedade, mas senti que não eram contra o Deus que me criou, que estava dentro de mim. A sociedade estabelece um padrão para os indivíduos e pune-os se a sua consciência não lhes permitir segui-lo. Neste aspeto, ela precisa de ser remodelada. O meu país tem lutado longamente por "Liberdade, Igualdade e Fraternidade!". Este é o lema dos habitantes das esferas. Assim que retomar a minha pena, escreverei um romance da vida espiritual. Dumas está a viajar. Não posso falar dele, pois foi para um mundo distante. Ele compreendia este mistério melhor do que eu. Era um médium, era controlado por espíritos e compreendia a comunicação espiritual. *Au revoir.*

A NOIVA ESPIRITUAL

MRS. GASKELL

Como o médium tinha visto frequentemente o espírito de Felicia Hemans vestido de noiva, com véu branco e flores de laranjeira, desejou saber por que razão ela assumia aquele traje. Mrs. Gaskell ofereceu-se gentilmente para explicar o mistério tanto ao público como ao médium. Os espíritos de Josefina e de Maria Stuart, Rainha dos Escoceses, aparecem frequentemente trajados desta forma.

DURANTE a minha curta residência no Mundo Espiritual, tive frequentes oportunidades de testemunhar o poder do espírito em atrair para si tudo o que deseje de forma intensa. Num dos recantos mais ensolarados que se podem encontrar na Terra do Verão, situa-se o lar poético de Felicia Hemans. Histórias estranhas tinham chegado aos meus ouvidos sobre as exigências que lhe eram feitas pelos mortais, e da constante necessidade a que era submetida de visitar a terra para satisfazer os anseios de certos indivíduos que imploravam pela sua presença. Consequentemente, resolvi investigar o assunto e resolver o mistério da "Noiva Espiritual", forma na qual me tinham dito que a poetisa frequentemente aparecia.

Antes do meu falecimento, ouvira descrever, em certos círculos literários de Inglaterra, as visitas à terra, como meteoros, daqueles seres velados conhecidos como "Noivas Espirituais"; e, ansiosa por obter uma solução para a sua aparência enigmática, procurei uma apresentação a Felicia Hemans, que foi prontamente obtida.

Ao chegar à sua residência (que se assemelhava a um templo grego rodeado de árvores), encontrei-a sob o pórtico, à minha espera, trajada de noiva, no mais puro branco, com um véu diáfano flutuando em redor da sua forma, uma grinalda de flores de laranjeira entrelaçada no cabelo e o rosto radiante de felicidade.

Ela sentou-me num dos assentos leves do alpendre, comentando que poderia ficar comigo apenas por pouco tempo, pois tinha um chamamento da terra e teria de me deixar por algumas horas, após as quais regressaria para junto de mim!

Supliquei-lhe que me permitisse acompanhá-la e, após refletir alguns segundos, ela consentiu sorrindo. Viajámos alegremente juntas até chegarmos à terra; ali entrámos num quarto escurecido em alguma localidade que desconheço, onde um médium realizava uma sessão.

Um cavalheiro de nobre presença espreitava na escuridão, observando atentamente as dobras de uma cortina suspensa num canto do compartimento, para vê-la afastar-se e revelar a forma da sua Noiva Espiritual.

Mrs. Hemans, trémula e ansiosa, avançou ao seu chamamento. Rejubilante com a visão sombria que ela apresentava, ele exigiu que se aproximasse mais. Assim ela fez. Aparentemente sob o seu total controlo, ela cumpriu obedientemente cada desejo que ele proferiu. Beijou-lhe a testa, colocou uma coroa de flores na sua cabeça, alisou-lhe o cabelo e flutuou para trás e para a frente perante o seu olhar, para que ele pudesse ver a graça etérea da sua figura. Vez após vez ele chamou por ela, e ela foi retida naquele quarto escurecido por duas horas, obediente e submissa à vontade daquele homem.

Quando partimos e subimos para fora daquela atmosfera sufocante, perguntei-lhe por que razão lá fora. Ela respondeu que não podia resistir, que ele precisava dela, chamava-lhe a sua "*noiva*", e que a sua presença o elevava e beneficiava, e que ela tinha de ir.

Informou-me ainda que considerava impossível resistir a qualquer natureza forte que procurasse a sua presença com altas aspirações; que o desejo deles a fortalecia e embelezava; que o cavalheiro que eu vira sentia que ela era a sua noiva e, por conseguinte, ela vestia-se de noiva para lhe agradar à vista e satisfazer o seu gosto. Era apenas uma diversão inofensiva, tal como uma mãe assumiria um vestido particular para agradar ao filho, ou uma esposa se adornaria com algum traje favorito para satisfazer o marido; assim, ela vestia-se de noiva para agradar aos idealismos daqueles na terra que a amavam, mas que, como lhe eram feitos muitos pedidos do género, desempenhava os seus deveres mais como uma atriz, *con amore*, do que como uma verdadeira noiva. "Mas eu conheço", continuou ela, "muitas jovens raparigas espirituais que ficaram noivas de mortais e se tornaram verdadeiramente as noivas dos seus cônjuges terrenos."

Senti que seria impossível para uma natureza grosseira e vulgar atrair um espírito como o de Felicia Hemans; apenas aqueles que se assemelham a ela no sentimento poético e nas aspirações espirituais refinadas poderiam magnetizar e atrair o seu espírito nobre e simpático.

Que o espírito possui este poder maravilhoso de atrair a sua contraparte é exemplificado na vida da minha dotada jovem amiga Charlotte Brontë. Quando na terra, ela atraiu o interesse de um professor francês. A sua natureza fresca, fervorosa e pura foi para ele uma revelação como nunca antes conhecera. Ela era um tipo de mulher com que ele tinha sonhado, mas nunca vira. Tornou-se profundamente interessado nela e de tal modo psicologizado pelo seu

temperamento espiritual que, quando ela deixou a escola dele e regressou ao seu lar nos *Moors*, ele ainda reteve uma perceção magnética da sua presença espiritual, e ela igualmente sentiu o frémito da natureza masculina e ardente dele. Um fio magnético impercetível estendeu-se entre os dois. A alma dele ansiava por ela constantemente, e ela sentia-o no seu lar distante do outro lado do Canal. Quando a sua triste e solitária peregrinação na terra terminou e ela entrou no seu Lar de Verão, ainda sentia os anseios do seu bondoso mestre francês pela sua presença e influência fortalecedora.

Ela conta-me que também ela, no seu lar entre os imortais, sentiu pelo professor solitário e fez tudo o que estava ao seu alcance para o animar e confortar. Finalmente, quando ele abandonou a sua vida dura e insatisfatória e partiu para se juntar a ela na Terra dos Espíritos, ela alegrou-se por recuperar mais uma vez a sua companhia.

Há muitos casos de obsessão que chegam à minha observação, onde indivíduos deixaram de ser eles próprios, de tal modo são dominados pelo espírito que atraíram. A doutrina da transmigração das almas não é um mito. Muitas pessoas na terra já pré-existiram. Conheço um nobre cavalheiro em Inglaterra que, ao ver um espírito vestido com traje oriental, recuperou a memória da sua existência passada e recordou as horas em que a cortejara há centenas de anos nas margens do Bósforo.

ESTRELA SOLITÁRIA:
A HISTÓRIA DE UM ESPÍRITO ÍNDIO

FENIMORE COOPER

Pessoas familiarizadas com a história índia, relacionada com a América do Norte, perceberão nesta narrativa um significado mais profundo do que o que aparece à superfície. Sr. Cooper assegura-nos que o seu conto é uma história verdadeira e que a recebeu diretamente dos lábios do índio que é o herói do pequeno drama, e prova que o homem vermelho tem sentimentos e sensibilidades tão refinados quanto o homem branco civilizado. A destruição dos emigrantes, conhecida como o "massacre de Mountain Meadows", ocorreu realmente perto de Salt Lake, América.

Foi instigada por alguns Mórmons iludidos, como relata o Sr. Cooper, que, disfarçados de selvagens e auxiliados por um pequeno bando de índios, perpetraram o massacre cruel descrito no conto. Recentemente (nos últimos três anos), o líder Mórmon que escapara por quinze ou vinte anos foi levado à justiça e executado pela sua ação neste assunto bárbaro. Fenimore Cooper fez da vida índia o seu estudo enquanto esteve na terra e empenhou-se em render esta história de forma tocante e descritiva, característica dos homens vermelhos das florestas da América do Norte.

O SOL punha-se como um globo de ouro fundido atrás da vasta pradaria do Extremo Oeste, que se estendia como um mar ilimitado em todas as direções que a vista alcançava. Um espectador solitário da cena estava sobre um outeiro elevado, coberto por erva alta e densa, e perscrutava o horizonte a leste.

Esta figura alta e graciosa, delineada contra o céu noturno, era a forma de um bravo índio; uma manta, drapeada em dobras descuidadas, pendia sobre a sua forma atlética e, na sua atitude de escuta, cheia de graça intuitiva, parecia algum deus primitivo — o seu rosto moreno e belo iluminado por uma expressão de esperança e expetativa.

Momentos depois, a sua vigília foi recompensada pelo aparecimento à distância de uma carroça de emigrantes, que logo se alongou numa longa caravana, pontuando o horizonte longínquo com numerosos cavalos e carroças de cobertura branca. À medida que se aproximava gradualmente de onde o índio se encontrava, ele enterrou-se na erva alta, rastejando sobre as mãos e os joelhos. Finalmente, quando a caravana atingiu o ponto onde ele jazia escondido e passou além, ele levantou-se e seguiu silenciosamente os viajantes. Eles avançaram penosamente para oeste, para onde o sol descia baixo sob a pradaria, e o terreno começou a mudar de aspeto à medida que prosseguiam.

Eles procuravam, evidentemente, água e um local onde pudessem acampar durante a noite. Após mais meia hora de viagem, depararam-se com um daqueles oásis comuns em terras de pradaria — um pequeno cinturão de árvores, onde pararam; e, imediatamente, os robustos pioneiros libertaram os cavalos exaustos das suas cargas, enquanto as mulheres e as crianças começavam a apear-se alegremente das longas carroças cobertas. Mãos ocupadas desatavam as coberturas grossas de tecido cru, e todos os pertences de uma casa eram revelados — cadeiras e bancos, chaleiras e baldes, chávenas e pratos, panelas e potes: tudo indicava uma casa animada e uma família económica.

Os ocupantes de uma destas carroças em forma de tenda pareciam muito superiores aos restantes. O chefe desta família, ao contrário dos seus companheiros de faces coradas, era um homem pálido, de aspeto intelectual, evidentemente um professor ou pregador, que deixara a sua ocupação mal paga nalguma cidade apinhada para procurar um lar e inspiração no Extremo Oeste. Este grupo consistia na sua esposa, na sua mãe e numa filha, uma jovem de dezassete anos, um dos seres mais belos sobre os quais o sol já brilhou. Ela possuía um rosto aberto, olhos escuros e cabelos castanhos; mas a beleza da sua fisionomia residia na sua expressão, que era quase radiante, e fazia com que quem a visse fosse atraído para ela como as pessoas são atraídas pela luz do sol.

Enquanto os seus companheiros se ocupavam a acender o fogo e a preparar a refeição da noite, ela sentou-se durante algum tempo na extremidade da carroça e olhou, numa espécie de devaneio extasiado, para a pradaria. Ela não conseguia ver os olhos que a vigiavam com admiração selvagem. Eram os olhos do jovem bravo, que descrevemos como seguindo tão furtivamente a caravana, agora fixos nela com muda adoração. Só quando ela desceu da sua posição e se juntou à mãe na atividade juvenil de preparar a refeição cigana da noite é que o bravo índio parou de observar os seus movimentos. Por fim, com uma tristeza que, se ele fosse um homem branco, teria encontrado alívio num suspiro profundo, ele virou-se lentamente, sem ser visto, e afastou-se furtivamente.

Enquanto a noite caía sobre o acampamento, este bando solitário de emigrantes dividiu-se em grupos para vigiar durante as longas horas de escuridão e evitar qualquer ataque repentino de índios escondidos, o seu temido inimigo. Mas, infelizmente! havia um inimigo mais a temer do que o homem vermelho, do qual esta companhia desprevenida não tinha o mais pequeno aviso.

Entretanto, Pé-de-Gamo — pois esse era o nome do jovem bravo índio — apressou-se para a sua cabana, a algumas milhas de distância do acampamento dos emigrantes. No acampamento índio, encontrou todos em estado de agitação com a chegada dos estranhos, pois outros batedores andaram por fora, descobriram a caravana de emigrantes e comunicaram a sua posição aos guerreiros e chefes do bando índio. À medida que a noite avançava, reuniram-se em redor da fogueira do conselho e surgiram discussões fervorosas sobre os recém-chegados. Deveriam permitir que passassem sem serem incomodados? Ou deveriam levar o seu valioso gado e saquear as suas carroças?

Pé-de-Gamo, sentado no chão, com a cabeça enterrada nas mãos, escutava silenciosamente os seus planos e projetos. Por fim, falou:

— "Chefes e guerreiros! O Grande Espírito falou comigo; Ele olhou para mim com um olhar irado enquanto o sol se punha sobre a grande pradaria; Ele falou-me dos rostos-pálidos e disse: 'Não toqueis nestes homens e donzelas. Eles acenderam os seus fogos sob o Meu céu; eles repousam sob a sombra da Minha mão; eles confiam em Mim tal como o jovem corço da floresta confia na sua progenitora.' Irmãos, o Grande Espírito falou. Escutai!"

Estas palavras místicas de Pé-de-Gamo tiveram um efeito estranho sobre os guerreiros, que grunhiram à moda índia o seu reconhecimento e aprovação do seu discurso.

A noite passou tranquilamente, e as estrelas solitárias do céu tomaram os seus postos e vigiaram pacificamente os estranhos acampados, bem como as cabanas dos selvagens.

A manhã despontou com um calor estival. Os emigrantes, cansados pela sua longa marcha, decidiram permanecer no seu acampamento bem provido de água por alguns dias, para recuperar os seus cavalos cansados e restabelecerem-se da fadiga da semana passada. Naquela manhã brilhante, todos estavam em movimento e felizes com a interrupção presente da sua peregrinação. Chaleiras balançavam sobre fogueiras alegres, e o aroma delicioso do café subia e misturava-se com a fragrância da pradaria florida.

Terminado o pequeno-almoço, os homens cuidaram dos seus diversos arreios e equipamentos das carroças, enquanto as mulheres mais velhas consertavam roupas, e as raparigas procuravam bagas e flores, que cresciam em abundância nas encostas verdes e ao longo da margem do rio; pois um curso de água corria ao longo do cinturão de árvores, e o terreno, descendo gradualmente em direção à água, estava cravejado de flores de quase todas as cores e formas. Em redor deste glorioso canteiro, as carroças foram dispostas num semicírculo, e os jovens tiveram permissão para vaguear à vontade neste novo Jardim do Éden. A bela rapariga que atraíra a atenção de Pé-de-Gamo na noite anterior parecia ser seguida com admiração juvenil pelas suas companheiras; pois, de vez em quando, alguma voz exclamava: "Oh, Lulu!

Olha para esta flor!" ou "Lulu, vê este pássaro!", conforme uma curiosidade após outra lhes atraía a atenção; e elas atestavam assim a sua amizade pela sua bela companheira, desejando que ela partilhasse do seu prazer.

O sol subira alto no céu e passava já do meio-dia quando as raparigas famintas regressaram ao acampamento, trazendo Lulu o avental cheio de flores, que espalhou diante da sua mãe. A mulher delicada olhou com um sorriso triste para a filha, enquanto esta exibia as suas oferendas florais.

— "Ah, minha filha," disse ela, acariciando a face adorável da filha, "quem me dera que estivéssemos de volta a casa e que eu pudesse ver as flores no meu pequeno jardim. Ali eram mais preciosas aos meus olhos do que estas flores vistosas; de algum modo, as suas cores brilhantes parecem traiçoeiras. Temo o futuro para nós as duas, Lulu!"

— "Oh, mamã, estás cansada da tua longa jornada; pensa no lar agradável que teremos daqui a pouco. Então plantarei estas flores brilhantes no nosso novo jardim. Não é isto esplêndido?", disse ela, levantando um ramo vermelho e entrelaçando-o no cabelo da mãe. "Tenho de procurar mais disto daqui a pouco, depois de ter descansado. Tenho de ir esta tarde e cavar uma

grande quantidade, para plantar numa caixa e levar connosco para o nosso novo jardim!"

A mãe sorriu tristemente e respondeu: — "Alegra-me ver-te tão feliz, Lulu, mas o meu coração está pesado."

— "Vou colher mais destes tufos vermelhos para te animar," disse a rapariga; e, depois de passar o calor do dia, partiu em busca do seu prémio.

Vagueou uma longa distância do acampamento, junto à água, e tendo encontrado um canteiro das flores que procurava, estava no ato de desenterrar as raízes quando um sentimento estranho e inexplicável a fez olhar para cima e ali, encostado ao tronco de uma árvore, viu o índio que descrevemos como Pé-de-Gamo, de pé, de braços cruzados, observando-a atentamente.

Assustada, ela levantou-se; o seu primeiro pensamento foi fugir, mas algo no movimento dele deteve o seu passo, enquanto Pé-de-Gamo estendia as mãos suplicantemente e falava. Ela não conseguia compreender a sua língua, mas o seu tom musical e suplicante acalmou os seus receios; o seu coração interpretou o som; o tom era o de uma mãe acalmando os medos de um filho.

— "Não fujas de mim, Estrela Solitária," disse ele; "tu és mais bela do que todas as flores da pradaria! Escuta-me: o caçador cruel está no teu trilho! Pé-de-Gamo salvar-te-á; ele tem um braço forte e um pé veloz; ele levar-te-á para longe, a salvo da faca de escalpar."

Deste palavreado a donzela não entendeu uma palavra, mas viu diante de si um jovem atraente, com o olhar ardente e amor na língua, dirigindo-se a ela com sotaque suave. Ela compreendeu isto: sabia que ele estava satisfeito com a sua aparência e ela, por sua vez, admirou a forma bela e a fisionomia elevada e refinada do bravo. Ele baixou-se e, colhendo um ramo de flores pálidas, ofereceu-as a Lulu. Ela ouvira histórias terríveis sobre os índios, e o seu principal pensamento era que não o devia irritar. Temia que, embora ele parecesse tão gentil, pudesse revelar-se traiçoeiro, por isso, tremendo, estendeu a mão e aceitou o seu tributo.

Nisto o índio sorriu e colocou a mão sobre o coração, e ela compreendeu por esse gesto que um tratado de amizade fora feito entre eles. Sem outra linguagem que não a da Natureza, ela compreendeu o pacto, fez uma vénia e começou a retirar-se.

Com isto, Pé-de-Gamo ficou agitado e, gesticulando rapidamente, apontou para longe, como para um ponto distante. Em pantomima vívida, fez com que ela compreendesse que o seu acampamento corria o risco de ser

atacado. Pálida de medo, ela escutou e observou os seus movimentos reveladores! Assim que viu que ela o compreendia, ele retirou-se para a sombra da árvore onde ela o vira primeiro. Indicou então que a conferência terminara e que ela poderia partir.

Sôfrega, ela apressou-se para o acampamento, com as flores pálidas que ele lhe oferecera apertadas nos seus dedos exangues. Ofegante, chegou ao local onde a mãe estava sentada e lançou-se descontroladamente diante dela.

— "Oh, mamã! Os índios, os índios!", gritou ela. Logo a notícia se espalhou por todo o acampamento de que tinham sido descobertos pelos índios e que seriam provavelmente atacados! Imediatamente foram feitos preparativos pelos líderes da companhia para fortificar o acampamento e proteger as mulheres e as crianças, se possível, do ataque do inimigo esperado.

Mas não era dos selvagens que Pé-de-Gamo avisara Lulu, mas sim de homens brancos, mais sanguinários e selvagens no seu desejo de saque do que o homem vermelho — o homem branco cristianizado, que se revelaria um inimigo mais terrível do que o selvagem da floresta. Certos membros temerários de um colonato Mórmon já se tinham aproximado do acampamento índio de que Pé-de-Gamo era membro, com quem mantinham relações amigáveis, solicitando a sua assistência para atacar este grande corpo de emigrantes e saquear o seu acampamento. Fanáticos religiosos provaram sempre ser mais impiedosos do que os selvagens e, neste caso, superaram largamente o tão difamado homem vermelho.

Através de um plano bem delineado, disfarçados de índios, atacaram o acampamento; mas os defensores eram homens fortes e lutaram bravamente para proteger as suas esposas e filhos. O grupo atacante era pouco numeroso, tendo falhado em assegurar a ajuda dos índios; e, não desejando arriscar as suas próprias vidas preciosas, foi necessário que recorressem à estratagema para desarmar este bando numeroso e ganhar posse do seu gado e bens domésticos. Assim, deram a entender aos sitiados que, se abandonassem o acampamento e marchassem desarmados, as hostilidades cessariam.

O bando fustigado anuiu alegremente à exigência. Tinham perdido muitos dos seus bravos companheiros no confronto e, com uma fé crédula digna de melhor sorte, depuseram as suas armas e prepararam-se para deixar a proteção do seu acampamento.

Lulu, como a mais bela e corajosa das jovens, foi selecionada para levar à frente a bandeira da paz. O bando infeliz, com esperança renovada, viu-a partir, vestida de branco puro; a sua mãe, pálida e tremendo de

pressentimentos, seguiu-a desesperadamente. Lulu encorajava-a com o pensamento de que os índios, vendo a sua condição indefesa, os ajudariam.

Mas, infelicidade para as esperanças e intuições humanas! Tinham de lidar com lobos em pele de cordeiro! — com homens que combinavam a crueldade do índio com a inteligência dos brancos. Estas criaturas sabiam que não podiam deixar ninguém vivo para contar a história dos seus crimes.

Era de manhã cedo; Pé-de-Gamo deixara a sua cabana para procurar o acampamento de Estrela Solitária, a bela donzela que lhe parecia ser um anjo de luz. Qual não foi o seu horror, ao avançar pela pradaria em direção ao acampamento, ao ver um bando de aparentes índios, com espingardas e tomahawks na mão, atacando e assassinando impiedosamente os homens e mulheres brancos do acampamento que ele estava prestes a visitar!

Com passos mais velozes do que o gamo, apressou-se para o local do conflito, inspirado pelo amor e despertado pela coragem. Infelizmente! Chegou tarde demais! A erva estava húmida de sangue e, em todas as direções, homens e mulheres jaziam massacrados. Com um grito índio selvagem, chamou em voz alta por Estrela Solitária, enquanto corria entre os mortos e os moribundos. Um gemido baixo vindo de um monte de panos brancos atraiu finalmente a sua atenção. Apressou-se para lá e, baixando-se, viu a forma quase sem vida de Lulu, a donzela branca Estrela Solitária que ele procurava.

Com um grito de alegria, tomou-a nos braços e fugiu pelo campo de batalha, carregando o seu precioso fardo. Correu e correu até chegar a um curso de água. Ali parou, banhou-lhe o rosto e molhou-lhe os lábios pálidos com a bebida refrescante. Ela abriu os olhos quando a água fresca lhe tocou os lábios e sorriu — um sorriso triste, de cortar o coração — ao vê-lo. Aquele sorriso desolado entrou-lhe na alma, deixando uma impressão que os anos e a morte não poderiam apagar!

Uma canoa jazia amarrada à margem do rio; colhendo algumas folhas, colocou-as na canoa e, ternamente sobre elas, deitou a rapariga moribunda. Depois, sentou-se ao lado dela e remou silenciosamente rio abaixo.

— "Estrela Solitária," disse ele, inclinando-se sobre ela, penalizado, "o Grande Espírito apareceu-me vindo dos Felizes Campos de Caça. Ele disse-me para te levar para as Ilhas Belas; ali serás feliz; ali estarás livre da dor; ali não há trilho de guerra e a morte nunca entra; o bravo índio nunca levanta ali o seu grito de guerra. Pé-de-Gamo fez um juramento solene ao Grande Espírito de que vingará a morte do teu pai, da tua mãe e dos teus companheiros. O Grande Espírito ouviu o seu voto; o homem branco traiçoeiro não entrará no seu Feliz Campo de Caça até que este ato maligno tenha sido vingado."

Ao terminar esta adjuração, o Anjo da Morte veio buscar Lulu! Com um sorriso radiante, ela estendeu os braços e foi levada para a Ilha Bela na Terra dos Espíritos, no momento em que o seu amante moreno amarrava a sua frágil barca à margem da ilha que procurava para abrigo dela.

Era um local encantador no meio da água. Ele ergueu a forma sem vida para a margem relvada e depositou-a sob a sombra de uma árvore.

Pobre Pé-de-Gamo! Ele não era instruído nos refinamentos da civilização, mas nenhum homem branco sofreu mais pela perda da senhora do seu coração do que este bravo índio lamentou a morte de Lulu. Ela tornou-se para ele uma Estrela no céu. Sobre esta ilha solitária, ele erigiu o seu túmulo à moda índia.

Acreditava que não se poderia juntar a ela na Terra dos Espíritos até que os seus assassinos fossem entregues à justiça. Com esta crença, imbuiu depressa a sua tribo. Durante muito tempo, o público supôs que o massacre dos emigrantes fora obra da tribo índia. Eles estavam cientes deste rumor e sabiam quão falsamente eram estigmatizados.

Nas suas fogueiras de conselho, Pé-de-Gamo dizia ao seu povo, na sua maneira eloquente, que tinham de se limpar desta acusação de derramar sangue inocente — que nunca poderiam ser felizes na Terra dos Espíritos com este estigma a recair sobre eles. Dizia-lhes que Estrela Solitária, a sua noiva pálida, estava à espera dele na Ilha Bela, no Feliz Campo de Caça, e que ele não se podia juntar a ela enquanto o homem vermelho fosse considerado culpado de a ter atraído, a ela e ao seu povo, para a destruição.

Possuído por esta ideia, misturou-se com os negociantes que visitavam o seu posto e tornou-se, através deles, conhecedor da língua inglesa, estudando-a persistentemente até se tornar tão perfeito no seu uso que podia servir de intérprete à sua tribo. A partir desta altura, abandonou a sua ocupação de guerreiro e tornou-se silencioso e melancólico, focado num único propósito — o de entregar à justiça os principais instigadores e atores no terrível massacre.

Finalmente, através de anos e anos de perseverança, alcançou o seu objetivo. Os brancos passaram a acreditar que tinham julgado mal os índios e que alguns "Santos dos Últimos Dias" degenerados e falsos cristãos, que enriqueceram com os despojos dos mortos, eram os verdadeiros autores do crime. Por fim, o cabecilha foi levado à justiça e condenado à execução. Pé-de-Gamo, já avançado em anos, vestiu-se com trajes festivos e saiu furtivamente pela pradaria em direção ao rio bem conhecido, pelo qual transportara a sua amada anos atrás. Com uma alegria estranha, entrou na sua canoa e deixou-a flutuar rio abaixo em direção à Ilha Bela.

A hora pela qual estivera à espera estava próxima; ele ia juntar-se à sua Noiva Espiritual! A excitação que o sustentara por tantos anos passara. A expiação estava feita! Já os carrascos da justiça tinham enviado o principal criminoso para enfrentar a sua sentença final.

Nenhum alimento tocara os lábios do índio vingador durante quarenta e oito horas; o longo jejum, a sua idade e a crença entusiástica de que a sua noiva o chamava, apressaram a sua morte.

Enquanto o sol se punha sobre as águas que rodeavam a Ilha Bela, o espírito de Pé-de-Gamo elevou-se pelo espaço para procurar a sua noiva pálida, Estrela Solitária, na Ilha da Bem-Aventurança, no Mundo dos Espíritos.

Isto não é um esboço de fantasia. É desta forma que, muitas vezes, os verdadeiros perpetradores de um crime são levados à justiça por agência espiritual. A luz do Mundo Espiritual revela todos os segredos.

A RAÇA PRÉ-HISTÓRICA DO HOMEM

HERÓDOTO

Quando o trabalho de produção deste volume começou, a primeira comunicação recebida foi a de Heródoto, do qual sabíamos pouco além do seu nome, e da parte de quem certamente não tínhamos nenhuma expectativa de receber uma visita. As palavras do espírito foram acompanhadas por objetos da antiguidade e de cenas Orientais, que, com toda a sua riqueza e grandeza, perpassaram pela visão da clarividente. A informação comunicada pelo espírito foi tão surpreendente e inesperada quanto a sua visita.

A raça dos Europeus existentes na terra nos dias da atualidade satisfaz-se por datar de 1800 anos para trás, e por considerar esse curto período de tempo como um ponto remoto na história. Dezoito mil anos antes disso perdem-se no labirinto da tradição. Seis mil anos foram acreditados como o período da existência da Terra, e Historiadores da Bíblia criaram uma forma de teologia com base nos seus supostos dados.

Milhares de anos antes de Quéops pisar a terra, antes que Ramesses, o Grande, se sentar no seu trono, séculos antes do suposto período de criação, viveu sobre a terra uma grande nação - um povo proficiente na arte e na ciência. Possuía uma estatura alta com características regulares, e uma aparência entre o Grego antigo e o Egípcio; acreditava na imortalidade da alma e traçava a sua origem até aos deuses.

Os muros das suas grandes cidades encontram-se enterradas sob o mar. Os seus templos e monumentos são lavados pelas areias do oceano. A face do globo mudou desde aqueles dias. Grandes continentes foram formados, e os hemisférios oriental e ocidental estão divididos como não estavam nessa época.

No passado distante, o mundo do espírito em sua revolução entrou na atmosfera do mundo material, e os seres do mundo dos Espíritos vieram à Terra e habitaram-na na forma corporal, e trouxeram com eles o seu gênio criativo e, assim foram fundadas essas cidades perdidas. Esses habitantes de um mundo rarefeito trouxeram consigo a sua poesia, as suas artes e ciências, e o homem ascendeu do estado animal para um mental e emocional.

Os exploradores científicos dos dias de hoje estão a traçar as peugadas do homem de um estado inferior até mais elevado do ser, mas eles ainda não conseguiram traçar a evolução da alma das forças da Natureza. A centelha imortal que tornou o homem o grande ser que ele provou ser no passado - onde, por exemplo, na Síria, em Nínive, na Índia, na Grécia e nas ilhas do mar, ele deixou vestígios do poder criativo da alma - não é uma evolução do menor germe da matéria, mas uma centelha da grande Mente Criativa. O animal ou pássaro mais humilde da Terra tem as suas conexões cerebrais e nervosas com isso, que formam uma bateria e ao ser influenciadas pelo sol e pelo calor, produzem vida - movimento. Isso chamamos nós de vida animal, a vida que o homem possui em comum com as formas mais baixas de criação. Mas existe uma outra vida, uma vida espiritual, estimulada por um sol espiritual que anima o homem, que é a forma mais elevada da criação.

As pirâmides do Egipto, objeto de cuja sua ereção tem permanecido um mistério para o homem, foram construídos, pelos ancestrais desse povo remoto de que falei. O grande mistério de comunicar com seres espirituais por passes mesméricos, e de recorrer a montículos elevados ou elevações para esse ato, era um segredo nas mãos de alguns sacerdotes e nobres mediúnicos esclarecidos daqueles dias. Entre eles, as leis das afinidades químicas e o uso de certos gases, hoje desconhecidos, e das chamadas influências mesméricas, foram compreendidos e aplicados com o propósito de comunicar com o Mundo Invisível (mas sob essas condições, subentenda-se). A massa da humanidade era composta por meros animais e essa ciência era conhecida apenas pelas classes instruídas; o misterioso poder de comunicar com o mundo sobrenatural teve o efeito de estimular as faculdades, e de aumentar o conhecimento e despertar as emoções mais elevadas e o amor do belo, mesmo entre os não iniciados.

Foram erguidos templos de dimensões imensas até às nuvens, como um ímã para atrair o espírito favorito a esse ponto. Toda a história antiga e clássica

(assim chamada) está repleta de relatos de espíritos que aparecem aos homens. Nos meus dias era ocorrência tão frequente que nenhuma surpresa despertava, mas o povo de que falo viviam em associação diária com o mundo do espírito.

Todas as raças anteriores de homens acreditavam na pré-existência, e que os deuses poderiam descer e tomar posse das formas humanas dos homens. Os registos mais antigos Hebraicos estão repletos de tradições que narram a descida de anjos e de deuses na forma corpórea, que comeram e falaram, e caminharam com os patriarcas da antiguidade. Muito antes dos dias do sacerdócio Judaico, espíritos palmilharam a Terra e acasalaram com os habitantes da terra. Somente entre certas raças de desenvolvimento fisiológico peculiar poderia ocorrer este advento do mundo espiritual.

Os Gregos da antiguidade estão particularmente em débito com os habitantes do mundo do espírito. O Monte Olimpo era verdadeiramente a sede dos deuses, tal como o Monte Sinai se tornou nos últimos dias a sede ou trono de Jeová. Todas as estruturas elevadas são mais acessíveis aos espíritos. Estando a salvo das camadas mais baixas da atmosfera da Terra, eles acham-se melhor adaptados à condição sublimada dos visitantes espirituais.

EXPLORAÇÕES: ASSÍRIAS E ESPIRITUAIS

GEORGE SMITH, ASSIRIÓLOGO

O relato, que circulou amplamente nos jornais, de que um amigo do falecido George Smith ouvira a sua voz em Londres enquanto este se encontrava ausente no Oriente, levantou muitas especulações sobre se a voz seria um aviso de morte. O próprio George Smith comunicou inesperadamente e forneceu a seguinte explicação.

COMO os diários publicaram o facto de a minha voz ter sido ouvida, chamando por um dos meus amigos em Inglaterra, no momento do meu falecimento, poderá ser interessante para os meus compatriotas saber como tal ocorreu. Estava empenhado na investigação de vestígios assírios e profundamente interessado no meu trabalho, esperando levar muitos exemplares notáveis para Inglaterra e enriquecer grandemente o seu museu histórico, quando subitamente adoeci e morri. O meu primeiro pensamento, como espírito, foi que deveria ir para Inglaterra, o que fiz, e é um facto notável que viajei quase tão rapidamente quanto o pensamento se formou.

Como cheguei a minha casa, não sei, mas ao entrar, fui à janela ver se tinham ocorrido mudanças durante a minha ausência e, enquanto olhava para fora, vi o meu amigo, que estava associado a mim nos meus

empreendimentos, a passar a pouca distância. O meu primeiro impulso foi chamar por ele, pois não tinha consciência da minha morte, experienciando as mesmas sensações que ocorrem num sonho; mas ao chamar e vê-lo passar sem me atender, apercebi-me parcialmente da minha condição e, tal como uma pessoa com um pesadelo se esforça por gritar e ser ouvida, assim lutei freneticamente, e o esforço acabou por levá-lo a ouvir a minha voz, momento em que se virou na direção onde eu estava, mas não me viu; apenas o ar vago se deparou com a sua visão, pois ele não sabia que eu era um espírito.

Fui apressadamente ter com ele, mas não consegui fazê-lo compreender a informação que tentei dar. Desejara vê-lo antes da minha morte, e agora encontrávamo-nos como estranhos, ele de um lado da Ponte e eu do outro. Não creio que as sensações experienciadas pelos espíritos recém-nascidos sejam geralmente conhecidas. Nenhum ser humano pode imaginar a solidão sentida por um espírito quando, como eu, falece numa terra estranha e regressa ao seu lar sem ser reconhecido.

*****

Visitei o povo maravilhoso cuja história perdida eu tentava reconstruir, mas descobri a verdade do ditado comum de que "a distância traz o encanto", pois a mente humana está de tal forma constituída que se interessa mais por descobrir o que está fora de vista do que por conhecer o que tem diante de si.

O viajante não se importa com a Roma de hoje, apenas a Roma antiga o interessa; e embora estas nações extintas vivam novamente no Mundo Espiritual, as suas esculturas partidas e monumentos desfigurados na terra tinham mais interesse para mim do que as suas estruturas perfeitas que visitei posteriormente na vida espiritual; porque as primeiras são relíquias de uma raça passada cuja história se perde na obscuridade de séculos passados, enquanto aqui o véu é levantado e vejo-os como um povo vivo. Poderá ser valioso para os exploradores saber que, após subir a uma certa altura da terra, os objetos distantes tornam-se mais claros, e os movimentos que ocorrem abaixo podem ser facilmente discernidos pelo olho, como verificado por experiências recentes de aeronautas que, ao subir uma certa distância acima da superfície, viram objetos nitidamente na terra que, de outra forma, estariam envoltos em obscuridade; (tal como num poço se podem ver estrelas que seriam invisíveis ao olho na superfície da terra).

Observei um fenómeno semelhante em relação ao som, que não pode ser ouvido a curta distância da terra, mas num dado ponto além, torna-se audível. Assim, os espíritos podem ouvir cada nota de uma ópera que esteja a ser cantada em São Petersburgo, Paris ou Londres, ou em qualquer outro ponto para o qual inclinem o ouvido. As vozes espirituais não são geralmente ouvidas

na terra devido ao grande volume de som material que enche diariamente o ar. Numa noite tranquila, numa planície aberta ou no topo de uma montanha, poderiam ser ouvidas se a atenção fosse concentrada para esse fim. ***** Disseram-me que fui ajudado nas minhas pesquisas por espíritos, o que não duvido, pois vejo agora que todos os meus colaboradores são assim assistidos.

FOLHAS DO MEU DIÁRIO ESPIRITUAL

DR. LIVINGSTONE

A atenção do médium foi despertada pelo aparecimento de um homem idoso e emaciado, que ocupava uma posição sentada numa liteira carregada por quatro homens negros. O espírito assim apresentado revelou ser o grande viajante africano, que deu a sua narrativa de uma forma simples e natural. Muito do que comunicou foi num estilo coloquial fácil, referindo-se a assuntos comuns que foram omitidos; daí as interrupções observadas na sua contribuição.

ESTAVA a ficar diariamente mais fraco, de tal modo que mal conseguia caminhar ou segurar na pena para anotar a minha jornada, quando os meus fiéis assistentes me colocaram numa pequena cabana abrigada do sol e dos ventos. Pouco depois disto, fiquei insensível.

***

Passaram-se alguns dias antes de eu recuperar a consciência e de me aperceber que era um espírito.

***

Os meus amigos espirituais não me retiraram imediatamente da terra, sabendo o choque que me causaria ser subitamente removido da terra da minha adoção, mas permaneceram comigo enquanto eu (como espírito) acompanhava os meus fiéis seguidores africanos enquanto carregavam o meu corpo sem vida pelo país selvagem. Quando recuperei totalmente a minha força e vitalidade, a meu desejo, os meus amigos conduziram-me à África Central, no Mundo Espiritual.

Encontrei este país algumas centenas de anos à frente do distrito correspondente na terra, e diversificado com montanhas, rios e planícies férteis. A África aqui assemelha-se à minha África ideal. As suas cidades antigas existem novamente neste mundo de antiguidade; assim a história repete-se. Aqueles que lerem este livro poderão perguntar-se por que não dou uma descrição exata da porção inexplorada de África. É uma das leis deste

mundo estranho em que resido que nenhuma revelação seja feita ao homem que interfira com as suas próprias investigações. Abri o caminho para aqueles que se seguirão; onde o meu pé falhou em pisar, outros caminharão. Gostaria aqui de oferecer os meus agradecimentos àquele intrépido jovem americano que desafiou os perigos dessa terra desconhecida para levar auxílio ao viajante supostamente perdido. Não pude então abandonar a terra da minha adoção, nem posso ainda, e espero ainda, invisível para ele, como espírito, acompanhá-lo em futuras explorações.

***

Tendo sido informado pelos meus guias espirituais de que os gorilas possuíam uma espécie de alma e eram capazes de uma existência espiritual, desejei visitar os seus lares, o que fiz. Encontrei-os a viver numa região totalmente isolada, em estreita proximidade com a África terrestre. Estavam avançados um pouco além do animal, mais parecidos com as tribos bárbaras de África; de estatura muito grande e parecendo possuir a sua inteligência principalmente através do seu intercâmbio com espíritos. Vivem em cabanas e subsistem de frutos e grãos, são especialmente amigáveis e dotados de disposições afetuosas.

Disseram-me que na terra tinham um vislumbre da sua posição e eram infelizes nela. Embora não fossem capazes de desenvolver uma linguagem, possuíam o poder de comunicar entre si, num grau limitado, através de sons vocais. Swedenborg, enquanto na condição superior, descobriu há muito tempo que o africano possuía atributos adequados para o colocar numa posição muito elevada no Mundo Espiritual. A sua docilidade de caráter, a sua capacidade de imitação, o seu desejo de aprender, tudo o qualifica para ocupar um lugar alto na escala do ser, se lhe for oferecida oportunidade de progressão. Para mim, este povo tornou-se como do meu próprio sangue, e a sua terra tornou-se a minha terra. Nunca esquecerei a bondade e a hospitalidade que experienciei enquanto viajava naquele país idólatra.

Ah! estes filhos do Sol são de facto exemplos para as nações europeias! Verei ainda o dia, do meu lar estrelado, em que o país que amo se tornará um jardim cultivado, e o seu povo estará entre os mais inteligentes da terra. Sinto ser uma infelicidade para uma pessoa ser retirada do mundo antes de ter alcançado o objetivo da sua vida. O pensamento e o desejo tornam-se intensificados na condição espiritual, e considero difícil desligar-me do cenário das minhas explorações e interessar-me igualmente pelo Mundo Espiritual. O meu grande desejo na terra era ajudar a cristianizar a África, introduzir o comércio e as artes naquela terra fértil.

O povo é excessivamente mediúnico; as suas superstições selvagens são o resultado das condições. Vivendo como vivem em tribos dispersas e rodeados por feras selvagens, o medo e a ignorância fazem com que interpretem mal as aparições espirituais, que consequentemente assumem formas distorcidas e grotescas aos seus olhos.

ITÁLIA E A IGREJA

VÍTOR EMANUEL

O médium estava em Paris, em novembro de 1878, quando Vítor Emanuel lhe apareceu subitamente. Ele disse que se lembrava dela, que ela o cumprimentara no Monte Pincio, e que ele sempre se lembrava daqueles que o saudavam assim. Afirmou também que estivera naquela tarde no Monte Pincio em Roma. A sua influência era um tanto abrupta, mas cordial. Como a sua comunicação foi dada antes do atentado contra a vida do Príncipe Humberto, a parte onde o rei alude ao seu filho parece verificada por eventos subsequentes.

OS REIS devem morrer, tal como os outros homens. O seu poder terreno não tem controlo sobre o reino do espírito. Sou agora um mero homem; outrora um soldado, depois um rei, mas sempre um homem. A morte não me alarmou, pois um soldado deve estar sempre preparado para uma marcha. Sabia algo sobre o Espiritualismo; acreditava que os espíritos podiam revisitar a terra; sabia que regressaria novamente como espírito. A minha doce filha Margarida é médium; vê-me frequentemente. Posso aproximar-me dela e do meu filho Humberto. Não temas, Itália; o meu filho agirá sabiamente, eu estarei ao seu lado para o proteger e guiar.

Tive a felicidade de dar as boas-vindas ao meu amigo e santo padre Pio Nono ao Mundo dos Espíritos. Tudo é paz entre nós agora; o seu espírito saudou-me com alegria: surpreso e satisfeito por descobrir que eu não estava no Purgatório, mas movendo-me livre da excomunhão que ele lançara sobre mim. Ele é forçado a ver a grande verdade pela qual me foi dado lutar, que a Itália pertence ao poder Papal apenas espiritualmente, como outros países católicos, e não materialmente. Este direito dela manterei acima de todos os principados e poderes, e nesta assunção sou sustentado por hordas poderosas no Mundo dos Espíritos. O meu amado país ocupa o meu tempo e preenche a minha mente. Olho por cima das cabeças do governo — vendo, mas não sendo visto; pronto para repelir todos os golpes que possam ser dirigidos contra a sua paz e liberdade. — Vítor Emanuel.

ABENÇOAI, E NÃO AMALDIÇOEIS!

O PAPA

O médium comprara alguns fios de rosário em Roma e, um dia em Paris, vários meses depois, colocou impensadamente um capulário de contas de âmbar no pulso como uma pulseira. Subitamente, viu o velho Papa como em vida, com a sua longa túnica e solidéu na cabeça, sorrindo benignamente para ela; e ele deu então a seguinte comunicação.

BENEDETTISSIMA — Eu era chamado de Papa. Viajei de longe para a ver. Usa um amuleto que eu abençoei; conserve-o; ele dar-lhe-á força. "Tudo o que abençoardes na terra será abençoado, e tudo o que amaldiçoardes será amaldiçoado", disse o bendito Senhor. O homem ímpio diz que não é assim. Nenhum homem tem poder para amaldiçoar! Não tem a víbora poder para picar? Não são os maus pensamentos infeciosos e os bons curativos? Portanto, nunca amaldiçoe homem algum, mas abençoe sempre, e as bênçãos retornarão para si. Regozijo-me por ter vivido tempo suficiente na terra para retirar as minhas maldições e revogar o meu anátema. Os braços de um pai devem abrir-se amplamente para o filho mais errante.

Os meus Cardeais não me permitiam agir como eu desejava; estava confinado no Vaticano; fizeram de mim um prisioneiro. Teria perdoado a Itália e Vítor Emanuel, e abdicado como chefe do Estado, mas fui forçado a cumprir as ordens de outros. A velhice traz sabedoria e moderação, mas a juventude chama a estas cobardia e fraqueza. Quão simples são as pessoas do meu país! Colheram porções das minhas vestes como relíquias sagradas; até a palha da minha cama dividiram entre si para as proteger do mal e as curar de doenças. Matéria impotente, sem vida e inútil, contudo possuindo um poder mágico quando imbuída dos bons desejos de quem a usa. Este poder de transmitir virtude curativa pertence a muitos homens; não é um milagre operado apenas em santos e padres sagrados.

Vejo na terra muitos homens bons que deveriam ser canonizados, que pertencem a todos os credos e nações. O selvagem africano usa o seu amuleto para afastar o Fetiche ou espírito maligno; o verdadeiro católico preserva a sua relíquia para atrair a influência dos bons espíritos ou santos sagrados. Em si mesmos são desprovidos de valor; o tempo dissipa o seu magnetismo; mas servem como âncoras para concentrar a mente. Como se diz: "Apenas crê e serás salvo". Mais uma vez dou a minha bênção a todos. Devo ir para o meu querido povo em Roma. A Igreja chama-me; o meu irmão, Leão XIII, chama-me. Addio.

Pio Nono.

À REPÚBLICA DE FRANÇA

THIERS

Este nobre espírito foi trazido ao médium por uma multidão de grandes franceses, entre os quais ela distinguiu Lamartine e Napoleão. Como diz o Sr. Thiers, era o dia do aniversário da sua morte, e Paris estava intensamente viva à influência da sua alma. Ele pareceu perturbado pela parada e pelas cerimónias da igreja, e expressou-se vigorosamente.

O ANIVERSÁRIO da minha morte foi celebrado recentemente em Paris, e fez o meu coração pulsar de felicidade ver que a República tinha tantos bons amigos nessa ocasião, que lhe demonstraram honra através das minhas cinzas. Morreria cem vezes e faria cem cadáveres se, por esse meio, pudesse descobrir tantos amigos para a República de França! Já tivemos o suficiente de laços, o suficiente da Legião de Honra; agora tenhamos franceses sensatos. Deixemos que as vestes douradas que coroaram Napoleão apodreçam em Notre Dame; requeremos apenas o traje simples de cidadão para empossar o nosso Presidente.

Aos padres e prelados, que trabalharam verdadeiramente pela França e pelos pobres, presto a minha homenagem; mergulharei os meus dedos na água benta que eles benzem; podem acender as velas em redor do meu catafalco; mas para aqueles que conspiram com príncipes e políticos para manter o povo na treva e na ignorância, digo que usarei o meu poder espiritual para derrubar as suas tramas. Por que deveriam os homens viver apenas para fins egoístas? Se considerarem o bem da nação acima do seu próprio engrandecimento, serão finalmente abençoados. Se depostos do poder, serão reinstalados, como eu fui, num pedestal mais elevado no mundo da imortalidade!

Lamartine está aqui, o espírito movente da era; ele paira em redor da França e, de muitas celas sacerdotais, de muitas cadeiras de editores, de muitas bancadas de operários, ele fala pelo Republicanismo da França. Abaixo a aristocracia que reinstalaria o poder Papal — que exauriria a riqueza da nação a forjar coroas de ouro e correntes para ornamentar um homem fraco e tirano, cujo único ofício seria controlar a liberdade de Imprensa e impedir o povo de exigir o que necessita para o corpo e para a alma! Abaixo os malfeitores da Inquisição! Abaixo a ignorância obscura! Espalhai amplamente a luz do conhecimento para iluminar o mundo inteiro! Adieu.

ÉPICO DDE UMA ALMA

G. H. LEWES

O médium residia na Instituição Espiritual, em Londres, e recuperava de uma doença, mas sentia-se ainda fraco e jazia na sua cama quando viu um espírito de cabelo escuro, cérebro maciço e corpo franzino, sentado numa cadeira diante de uma mesa redonda, sobre a qual ela deixara manuscritos espalhados. Ele parecia ocupado com os papéis e, de vez em quando, voltava-se e olhava para ela seriamente com olhos inquisidores. No dia seguinte, ela viu o mesmo espírito e, colocando-se à mesa, foi poderosamente controlada por ele, dando a seguinte comunicação, que foi escrita pela sua mão. Data — Março, 1879.

AS pessoas chamam-me um Materialista inveterado. Talvez eu o fosse. Não acreditava num Deus, pelo menos não num feito por mãos humanas — pelas imaginações do homem despótico, tirânico e mutável — tal como a maioria dos meus semelhantes adorava. Acreditava no homem a usar as suas faculdades de raciocínio e a investigar todos os assuntos abstrusos e misteriosos geralmente aceites pela fé; e que, se o fizesse, encontraria alguma lei natural para explicar todos esses prodígios.

O mundo estava a crescer da fé cega da infância para o estado de raciocínio da idade adulta, e eu esforcei-me por ajudar o seu crescimento. Tinha visto muitos ídolos destruídos; crenças antigas tinham sido varridas juntamente com a história da arca de Noé e a criação de seis dias. Tinha chegado àquele ponto em que não acreditaria em nada que não pudesse ser provado — que não tivesse algum estrato geológico, por assim dizer, para o sustentar; e agora chegara o momento de eu testar o Grande Desconhecido.

A existência futura nunca fora provada conclusivamente à minha mente, e eu tinha investigado os tesouros da Natureza até chegar à conclusão de que, no seu seio, o início e o fim do meu eu idêntico cessariam, ou ocorreria uma absorção geral num qualquer princípio criativo. A escuridão fechava-se em redor de mim, a luz da vida estava a desvanecer-se; senti que estava a regressar à vida atómica — o meu coração ficaria quieto para sempre. Não sentiria mais, não sofreria mais. Havia um coração que sofreria, mas eu não saberia disso. A Natureza chamava-me de volta ao pó impensante de séculos. Eu estava a passar da matéria animada de volta à inanimada — era tudo. O cérebro que então agia logo deixaria de vibrar, e o pensamento e a lembrança, resultado dessa ação mecânica, encerrar-se-iam com ele. Este era todo o mistério daquela última hora!

Refleti assim enquanto a vida se esvaía. Se parecia inconsciente, não o estava. Sabia que estava a morrer, como um fogo gasto, e que tudo o que restaria de mim seria um monte enegrecido — um punhado de cinzas. As ondas escuras de uma eternidade sem margens varreram-me, e o grande vazio da minha vida veio... Mas como? Foi um vazio consciente? Tinha sentido as ondas frias do esquecimento a varrerem-me, mas fui lançado pelas ondas — Onde? Nalguma margem? Sim. Ouçam-no, meus amigos! Ouçam-no! Eu vivia.

Após alguns momentos de insensibilidade — não sei quantos, mas o tempo pareceu curto — acordei como com um choque elétrico e tornei-me consciente, como se olhasse para o sol através da água. Um brilho amarelo e espesso de atmosfera rodeava-me, e tentei levantar a mão para limpar as teias de aranha do meu cérebro; mas parecia não ter mão, nenhum membro a não ser a minha cabeça. Parecia ser uma grande bola redonda, emitindo luz como o sol — era tudo! Lembrança não tinha nenhuma; mas experienciei sensação. Veio a mim um sentimento como o de ouvir música, como o de cheirar o perfume das flores — uma deliciosa sensação de prazer, sonhadora e radiante.

Eu vivia! Horas passaram-se assim. Passado algum tempo, apercebi-me de que podia ver através do topo desta bola redonda — este globo luminoso que compunha o *eu* idêntico. Vi uma vasta extensão de campo, com o contorno roxo distante de montanhas e, sobre tudo, um brilho amarelo. Ainda assim, nenhuma lembrança do passado me perturbava. Não sei quanto tempo durou este estado, mas passado algum tempo senti o desejo de me mover, de rodar a minha cabeça.

E comecei a rodá-la — era tudo o que tinha; e enquanto a movia — lentamente ao princípio, mas cada vez mais rápido depois — ela começou a elevar-se do chão onde parecia jazer, a subir, e senti-me como um rapaz a seguir a sua bola — a correr sobre montanhas e lua com a sua bola. Era um rapaz novamente! Esse foi o meu primeiro vislumbre de memória. Era um rapaz, e voava pelo ar, levado pela minha bola, à qual tinha atado um cordel e deixado voar pelo ar, e ela levava-me para longe! Para longe de casa, de todos os problemas, de todas as críticas, de todas as queixas pessoais, de todas as restrições, eu estava livre!

Oh, como eu tinha lutado pela liberdade! Ela chegara finalmente! . . . . Segui, segui em linhas espirais; cada vez mais alto, como um pássaro, rápido e mais rápido, até que pareci estar subitamente a desenrolar-me, como uma criança num baloiço; os objetos tornaram-se mais claros, e eis que eu estava numa sala, uma sala familiar, e lá em baixo, prostrada em agonia, alguém se contorcia. Reconheci-a, a cabeça enterrada nas mãos, os seus soluços agitando o ar, e aproximei-me dela. Soube tudo então, como por um clarão de luz. Todo o passado regressou à minha memória e soube que a tinha deixado.

Tentei falar com ela, chamá-la pelo nome, consolá-la com o conhecimento de que eu estava ali, presente; mas não consegui fazer com que ela levantasse a cabeça. "Oh, minha querida! Vida do meu coração! Eu não estou morto!" — queria eu dizer, mas não consegui que ela me ouvisse. Veio então sobre a minha mente uma torrente de sentimentos de miséria indescritível. Tinha-a ensinado a acreditar que eu regressaria à matéria impensante. Poderia eu desfazer a teoria que tinha construído com tanto cuidado? Seria eu como um idiota e derrubaria a pedra angular da minha própria casa? Tinha ensinado que o homem não era mais do que o efeito de causas naturais e que regressaria à natureza como uma árvore podre, quando a sua curta luta de vida terminasse. Como poderia convencê-la de que era uma falsidade e de que eu estava consciente e perto dela?

Enche-me de uma grande tristeza pensar que não acreditei num porvir e não combinei com aquela que me amava melhor do que eu a mim próprio, encontrar o meu espírito num qualquer lugar de encontro; que não lhe pedi que escolhesse uma certa árvore ou flor e me chamasse, e eu assumiria a sua forma, ou que fixasse o seu olhar em alguma estrela no firmamento pensando em mim, e eu estaria sobre um daqueles pontos cintilantes — uma alma viva.

Sou um homem bastante reservado, não habituado a revelar os meus sentimentos à multidão boquiaberta; sob o disfarce da ficção eu poderia desabafar os meus sentimentos, mas não conseguiria mostrar as minhas feridas a uma multidão — expor as minhas mãos e pés perfurados; não tinha em mim o suficiente do princípio de Cristo para tal. Mas o que importa agora? Já passei as convencionalidades da vida; tirei a minha máscara. As leis e regras que me tolhiam na terra não me alcançam aqui.

Estou sujeito a outras leis; e por aquela que deu a sua vida por mim, que se sacrificou por mim e sofreu por e comigo bem-aventurança e agonia indizíveis — por ela estou a escrever; não vejo mais ninguém senão ela. A minha reputação nada é para mim agora; e o pensamento do que o mundo das letras pensará de mim por escrever desta maneira livre não me perturba. Estou no mundo das almas, e a alma fala à alma, e o coração ao coração. Ardo num desejo frenético de fazer com que ela me ouça, me sinta, me veja como um espírito vivo.

Oh, se os fósseis pudessem falar, o que diriam? Eu sou um fóssil; sinto-me como se tivesse vivido antes do dilúvio, e a maré das águas me tivesse elevado para esta alta montanha e a tivesse deixado lá em baixo na planície, e ela não me ouvisse, ou não pudesse, e estivesse a transformar-se em pedra diante dos meus olhos. Oh, meu amor, ouve-me! Usa os teus nobres poderes para contemplares o meu ser revivificado. Sou coevo de toda a vida — do

mastodonte, e do megatério, e do pólipo — da natureza em todos os seus estádios de progresso. Compreendo Zoroastro e Pitágoras, Platão e Sócrates; os deuses do Egito e da Ásia, e as divindades da Grécia e de Roma.

Compreendo todas as línguas. Quão infantis parecem os pensamentos abstrusos sobre os quais quebrei a cabeça na terra! Vivo e amo; isso resume toda a minha vida no presente. Que maior felicidade pode advir a uma alma?

Vivo no ar ou no mar, numa casa ou numa caverna? Não sei. Em certas condições da mente não conhecemos localidade; nos primeiros momentos de dor, ou de amor, ou de ódio, não tomamos conhecimento de onde estamos. Mas em breve começarei a usar as minhas faculdades reflexivas. Por enquanto, todos os assuntos da vida parecem sem importância: os seus mal-entendidos, as suas conjeturas e afirmações são igualmente desprovidos de valor.

Todas as questões que me intrigaram na terra tomam o seu lugar com a natureza antediluviana; enquanto eu voo aqui, um espírito livre neste mundo superior, o Próximo Mundo. Mandarei gravar um novo mapa, e Humboldt e Descartes, Goethe e Strauss, Comte e Shakespeare, Lyell e Newton, escreverão cada um um capítulo para os meus novos "Anais da Criação", os meus "Passos do Infinito", "O Registo da Ascensão de uma Alma Humana da Materialidade para a Vida Eterna".

Esta atmosfera parece entorpecer os meus poderes analíticos, e apenas pareço capaz de voar de trás para a frente, daqueles que amo num mundo para aqueles que amo noutro. O descanso que nunca pude encontrar na terra encontro-o aqui. Seca as lágrimas dos teus olhos, meu amor, e sobe comigo em alma; levar-te-ei a um lugar tranquilo onde alguém que amei na infância tem um lar. É real, e no entanto, parece um sonho; longos ramos pendentes de árvores inclinam-se sobre esse lugar, e há vales tranquilos e planaltos ensolarados ali, e um perfume como o sopro de Deus permeia o local. Vem comigo, meu amor.

Sou jovem novamente; todas as fragilidades da vida apenas ajudaram a trazer os nossos pés aqui. Enterraremos os fósseis do passado — todos os registos da adoração de Fetiches, todos os ídolos da falsa religião, da falsa adoração, todos os dogmas da Igreja que sufocam a consciência com palavras — esquecê-los-emos a todos. Fizemos um bom trabalho, ajudámos a derrubar as madeiras podres que sustentavam um deus falso; agora reconstruiremos, e ensinaremos o Ego individualizado e indestrutível.

Não sou eu quem está a falar, é a alma dela a falar através de mim. Encontro-me aqui sentado a esta mesa ao lado desta senhora estranha, a falar,

não sei como ou por que meios. Acham que eu falaria assim através de cada médium, como lhes chamam? Não; mas ela tem pensamentos e sentimentos como aquela que eu amo, e extrai os meus pensamentos de mim como a harpa eólia extrai a voz triste do vento e a repete. Ela não me força a sentir que devo ser castigado por ter sido um Materialista — que devo tatear na escuridão antes de chegar à luz: o castigo não faz parte da natureza dela.

Tentei falar noutro lugar, e as pessoas fizeram-me sentir tão abjeto, tão sombrio, que desisti; pois a alma assume os pensamentos e sentimentos em redor dela, e é representada mais ou menos verdadeiramente pelo médium através do qual tem de passar. A mente desta senhora está em harmonia com a minha; mas se eu tivesse de materializar o meu espírito através de alguns médiuns que visitei, sairia um índio com o seu tomahawk, pois tal seria o meu humor, e o atributo selvagem e destrutivo do meu espírito é tudo o que eu poderia manifestar através de alguns indivíduos. Mas através desta senhora dou voz a pensamentos de alma. Sinto-me duplo — eu próprio e uma pessoa querida para mim que ainda demora na terra — e é a dor dela e a sua alma desesperada que fala, através e comigo, esta rapsódia. Façam o que quiserem com ela — queimem ou publiquem — foi uma satisfação estranha para mim falar, escrever.

Tornam uma coisa errada ao ensinarem que é errada. Se se disser a uma criança que é mau colher as flores que florescem no jardim, ela sentir-se-á como o próprio diabo por fazê-lo; mas, lembrem-se, são os anjos que lhe ensinaram que a flor é bela, com as suas cores encantadoras, as suas pétalas macias e o seu perfume delicioso! E vocês vão contra o Deus nela quando lhe ensinam que é errado. Bem, eu colhi flores onde não devia, e abriguei aves feridas que deveria ter deixado perecer, se a teoria humana estiver certa. Mas estou comparativamente a salvo da censura agora; e, como o pé de feijão de João, atravessei a terra até ao céu numa curta noite. Oh, conto imortal da infância! Tens um significado que abrange a alma. Lutei contra os gigantes da Dúvida e da Materialidade, e o palácio da Vida Infinita está diante de mim para eu percorrer.

CRISTIANISMO E ESPIRITUALISMO

WILLIAM HOWITT

Pouco depois da morte do Sr. Howitt, o médium residiu por algumas semanas na Instituição Espiritual. O Sr. J. Burns apenas encontrara o Sr. Howitt uma vez e não se tinha correspondido com ele muito frequentemente, pois ocupavam esferas de pensamento algo diferentes. Ficou tanto mais surpreso por a presença do falecido cavalheiro o assombrar continuamente; e um sentimento caloroso de consideração surgiu no seu peito, impelindo-o a fazer algo em memória do valor do veterano. Sem que qualquer menção a isto fosse feita ao médium, William Howitt apresentou-se a ela com um semblante sereno e feliz, dizendo que estava na companhia de George Thompson, G. H. Lewes e outros. A comunicação foi acidentalmente interrompida e, embora continuada noutra sessão, foi com alguma dificuldade e hesitação, pois o espírito parecia indeciso sobre o que declarar e o que reter. Para satisfazer as expetativas dos seus muitos amigos, esperava encontrar outros canais de comunicação em breve e acrescentar o que não foi capaz de concluir naquela ocasião.

AQUI, nesta agradável sala ensolarada, rodeado por influências tranquilizadoras, sinto-me em casa; pois não é a mobília fina nem os quadros caros que tornam uma sala congénere para espíritos refinados e progressivos, mas é a atmosfera harmoniosa que a permeia. Fui trazido para aqui para fornecer uma comunicação para "O Próximo Mundo". Conheço James Burns, o editor de *The Medium and Daybreak*, há muitos anos, e também pela reputação. Agora conheço-o face a face como um espírito. Nele percebo um trabalhador mais franco e enérgico pela verdade da comunhão espiritual do que eu fui. Todo o homem progressivo, creio eu, nasce, simbolicamente falando, com um instrumento renovador na mão. Um empunha uma picareta e tem de desferir golpes duros; outro uma pá ou enxada, e escava as raízes do mal; outro tem uma foice e ceifa à direita e à esquerda; eu nasci com uma pequena faca de poda com a qual decepo os ramos mortos.

O editor do *Medium* é como uma das recém-inventadas máquinas ceifeiras que corta o grão e o empilha num dos lados pronto a ser atado; ele classifica e reúne todos os feixes dispersos, e esforça-se por colocar tudo num único feixe — uma sociedade. Cada homem tem um lugar designado a preencher e deve trabalhar com o instrumento que possui. Para mim, o Espiritualismo revelou-se uma grande bênção, pois harmonizou todos os mistérios inexplicáveis da Natureza e da Revelação. Penso que é melhor viver num vinhedo pacífico e ensolarado do que destruir as videiras porque estão um pouco doentes; é melhor podar do que abater. Encontrei o Cristianismo como

uma videira protetora com muitos ramos tortos e podres, mas eu podá-los-ia e não os destruiria. Harmonia e igualdade são o que eu pleitearia na vida.

Quem quer que faça da história bíblica o seu estudo não pode senão perceber o facto de que o Espiritualismo e o Cristianismo são idênticos em fenómenos espirituais. Tomem esta passagem: "Estando fechadas as portas, veio Jesus e pôs-se no meio", tal como eu apareço agora a este médium. Ela vê-me, com o meu rosto habitual, tal como Pedro, e Tomé, e João viram Cristo. Escrevi sobre casas assombradas e aparições, e agora o meu fantasma está a assombrar este médium até que o meu trabalho esteja concluído, da mesma maneira que Shakespeare (médium que ele era) descreveu o fantasma do pai de Hamlet. O médium sente um espasmo nervoso quando me aproximo, como todos os visitantes espirituais fazem as pessoas sentir. Descubro que cada pessoa pensante deseja saber algo sobre a sua vida futura. Posso comparar esta vida a nada senão a um pôr do sol italiano, quando a terra e o céu respondem e se encontram, e um realça a beleza do outro.

Em Roma, onde passei os últimos anos da minha vida, temos na Capela Sistina um quadro terrível chamado "O Juízo Final"; é um expoente da religião cristã tal como ensinada e acreditada pelos seus defensores, uma exibição dos males mais terríveis concebíveis a serem infligidos a seres humanos após a morte pelo grande Juiz do céu e da terra; um quadro para fazer um homem benzer-se e estremecer. No passado, ao olhar para essa pintura, pensei: Será possível que qualquer estado futuro indique uma condição tal como este suposto pintor inspirado aqui retratou? Espero conversar com Miguel Ângelo e Dante sobre as suas obras. Mas não encontrei nada semelhante a essa condição na harmonia estival que permeia tudo ao meu redor e, no entanto, existem esferas ou anéis de inarmonia relativa: estados como o Monte Vesúvio, estando numa condição de semiefervescência, que de vez em quando expelem fogo e fumo.

A condição espiritual é simbolizada pela material. Encontro uma correspondência notável entre os estados material e espiritual. Quando afirmo que aqui é tudo paz e harmonia, refiro-me a onde estou habitualmente; mas fiz incursões nos estados inferiores e ali encontrei quase todas as condições que foram descritas na Bíblia e em livros de inspiração. Vi homens a andar em busca de quem pudessem devorar espiritualmente; espíritos ignorantes, selvagens, que assombram e molestam os homens, dedicando a sua atenção especialmente àqueles que não estão familiarizados com a comunhão espiritual ou que lhe são opostos.

É preferível ter algum Cristo a quem rezar, algum santo guardião a quem invocar, que possa proteger destas influências maliciosas. Mas a crença em Cristo e a intercessão dos santos não valem de nada em muitos casos, porque

as pessoas escolhem apenas uma fase do caráter de Cristo para nela se deterem nos seus pensamentos e, assim, falham em alcançar a sua esfera de existência. O homem deve manter-se livre para receber o bem de todas as fontes.

Se uma pessoa deseja seguir pelo caminho errado, encontrará inúmeros espíritos dispostos a encarregar-se de a conduzir até lá. Esta vida espiritual é uma anomalia. Alguns espíritos podem assumir quase qualquer forma que escolham, porque compreendem as propriedades da matéria; podem extrair dos elementos da Natureza formas fantasmagóricas de flores, árvores, casas, cavalos, cães ou tudo aquilo com que consigam superinduzir um *rapport* espiritual. O médium vê-me na minha própria forma adequada, de acordo com os elementos que reuni na terra, mas eu poderia reunir outras propriedades e assumir outra aparência. Esta ciência da transmutação e transmigração é melhor compreendida por espíritos de um génio mais mecânico e inventivo do que por mim próprio, ou por aqueles de que sou um tipo.

É apenas através da educação e do desenvolvimento das capacidades do homem que este pode subjugar os espíritos desordeiros, tal como é apenas através da educação dos seus atributos frenológicos superiores que as propensões inferiores podem ser sujeitadas: tal como no mundo natural, à medida que a terra se torna mais altamente cultivada, as formas animais grosseiras desaparecem gradualmente.

Swedenborg foi um grande vidente e descreveu com precisão condições que encontrei aqui, mas interpretou-as erradamente. O Sr. G. H. Lewes, que está presente, diz que gostaria de escrever sobre este assunto.

Os espíritos infelizes não me perturbam, porque não luto contra eles, mas falo-lhes de forma gentil e persuasiva. A humanidade é a mesma no Mundo Espiritual e na terra. O selvagem pode ser domado pela bondade, mas não pela espada. Não explorem mares desconhecidos sem uma carta de navegação. Desejo dizer à minha família e amigos: Não temais fazer a viagem que eu fiz com a minha carta. Fiz o que pude pela humanidade e sou recompensado aqui. Não me interpretem mal pensando que advogo grilhões religiosos; apenas aconselharia que o escravo libertado não se voltasse contra o seu mestre para o abater, mas que se banhasse no calor do seu amor e recebesse a proteção que ele oferece.

Esta é a atitude que aconselho os Espiritualistas a tomarem em relação ao Cristianismo. Não sou um líder, como disse no início; posso apenas apontar os males e ajudar a podá-los. Labutarei pela causa da verdade espiritual e pelo progresso da humanidade como sempre fiz, sem dar atenção às picardias e perversões das fações. A verdade ergue-se grandiosamente acima de todas as

condições inferiores; o ouro deve ter sempre a sua liga. Os objetivos da humanidade estão tão abaixo do que deveriam estar, e o reformador tem de liderar uma hoste tão indisciplinada, que me regozijo por ter cessado os meus labores como ser material e os ter iniciado como ser espiritual.

UM CHAMAMENTO À LIBERDADE

GEORGE THOMPSON

Este espírito esteve presente em diversas ocasiões durante os últimos dias de residência do médium na Instituição Espiritual, desejoso de enviar uma mensagem aos que estão na terra. O médium clarividente descreveu-o como um "espírito alto, militar, cavalheiresco", que deu o nome de George Thompson; mas ela parecia não o reconhecer nem estar familiarizada com a sua história. A Princesa Alice estava a dar as suas comunicações e, quando já não pôde usar mais as condições, Z. J. Pierart controlou por um curto período, falando em francês e reconhecendo o Sr. Burns (o editor) a quem, através do médium, apertou calorosamente a mão. George Thompson foi o espírito seguinte a manifestar-se. Proferiu o seu discurso de uma maneira autoritária e eloquente, com gestos apropriados. Começou por fazer uma alusão pessoal ao cavalheiro acabado de nomear, que atuava como amanuense. George Thompson será reconhecido por muitos como o eloquente paladino do movimento abolicionista, tendo sido durante algum tempo Membro do Parlamento por Tower Hamlets.

SOMOS ambos trabalhadores na causa da Liberdade. Eu trabalhei para quebrar os grilhões do escravo; vós trabalhais para quebrar as amarras da velha tradição que mantêm o mundo escravizado.

Diz-se habitualmente que, quando um homem morre, o seu trabalho está terminado; mas folgo em dizer que essa observação não se provará verdadeira no meu caso, pois pretendo lutar pela boa causa até que não reste um único escravo sobre a terra, de qualquer espécie, moral ou física.

Vejo muitos males a serem remediados, muitos laços a serem quebrados. Embora a Inglaterra, orgulho-me de o dizer, se tenha erguido como um exemplo para o mundo — uma pioneira da Liberdade — baixou, contudo, o seu estandarte, arrastou-o pelo sangue, e a escravatura que repudia de um lado fomenta-a do outro. Agora tenho de tomar a minha posição contra a guerra que ela trava com zelo profano — uma guerra que escravizará essas nações e esmagará sob o seu calcanhar triunfante todos os instintos de dignidade dos povos. Mas a sua marcha é em frente, a civilização segue no seu rasto, e o Mundo Espiritual detém um poder tão dominante sobre ela que será detida na

sua marcha sangrenta e plantará a insígnia da Paz e do Progresso entre todas as nações selvagens da terra.

Uma imensa multidão de escravos libertados, liderada pelos líderes abolicionistas do passado, deu-me as boas-vindas às margens da Terra do Verão. É bom, quando o trabalho de um homem termina, colher a recompensa por ele. Na terra plantamos e regamos o solo, e muitas vezes olhamos em vão pela colheita tardia; mas no Mundo Espiritual contemplamos a seara. Ali está ela, toda madura à nossa mão; temos apenas de entrar e colhê-la.

Não posso falar mais. O médium está exausto; todo o poder se foi; diz por mim o que não posso dizer por mim próprio.

[O amanuense expressou o prazer que lhe deu ouvir um velho amigo que tanto estimava; e, num tom de tristeza, proferiu uma palavra de lamento pelo indiferentismo que atualmente paralisa as energias morais da humanidade. O espírito prosseguiu.]

As pessoas são indiferentes porque não conseguem ver o que nós vemos. Elas não se apercebem das suas próprias condições. Deveis retirar os rebites das correntes do escravo demasiado complacente. Ninguém gosta que lhe seja aplicado o termo "escravo", mas todos os que estão em trevas morais e se agarram a essa condição são escravos; e aqueles que são livres, e não estendem as suas mãos para ajudar os outros, são piores do que escravos, porque não usam a luz que têm.

Mas haverá em breve um grande agitar de ossos secos. Aqueles que são indiferentes e egoisticamente desatentos às necessidades dos que os rodeiam, serão obrigados a erguer-se, como por um vento poderoso, e forçados a espalhar a sua abundância em todas as direções.

UM APELO EM FAVOR DAS CRIANÇAS

PRINCESA ALICE

O médium estava na véspera de deixar a Inglaterra e encontrava-se exausto por um dia de muita atividade literária. A Princesa Alice fora vista várias vezes pelas salas da Instituição Espiritual, aparentemente ansiosa por comunicar. Não se pretendia que outros espíritos dessem as suas experiências, mas, por consideração à Princesa, as melhores condições disponíveis foram de bom grado colocadas à sua disposição. O médium foi colocado em estado mesmérico pelos seus espíritos assistentes, quando um deles, uma rapariga índia, descreveu uma "senhora muito simpática" presente, acompanhada por três crianças, duas raparigas e um rapaz, que deu o nome

de Alice. Esse espírito proferiu então as seguintes frases através do médium, com uma dicção algo rápida e de forma digna; e pareceu reconhecer outros espíritos na sala à medida que avançava.

REGRESSEI à terra do meu nascimento para agradecer aos súbditos da minha augusta mãe pelas palavras e pensamentos gentis que me dedicaram na hora da minha partida desta esfera de alegria e tristeza terrena.

O meu nobre pai estivera à minha procura; há muito que esperava pela presença de algum membro da sua amada família. Eu e os meus queridos filhos fomos selecionados para nos juntarmos a ele. Curvo-me humildemente perante esse Poder Supremo que me concedeu esta felicidade. Estamos unidos agora.

Descubro que fui sempre guiada por espíritos brilhantes; pois eles conduziram-me àquelas obras de caridade que foram louvadas como atos meus. O meu amor materno é forte e sinto-me gratificada por ter uma porção da minha pequena família comigo no Mundo Espiritual. Abri o meu coração a todo o mundo e, a partir deste momento, dedico-me especialmente ao trabalho de vigiar os asilos para bebés e crianças sem-abrigo que estão estabelecidos nesta terra e na terra da minha adoção.

Bandos brilhantes de crianças espirituais deram-nos as boas-vindas à nossa chegada à Terra dos Espíritos. Recentemente, outro belo anjo da nossa casa, por assim dizer, juntou-se ao nosso grupo e tornar-se-á outro membro do *Kinder-Garten* que estabeleci. Esses pequenos espíritos desejam que eu fale do banquete que estamos a preparar para eles no belo *Kinder-Garten*.

[O espírito já não conseguia controlar, e a prolação das observações precedentes foi interrompida por longas pausas. "Janie", uma menina na vida espiritual que frequentemente controla o médium em transe, falou agora por um curto período, aludindo a este banquete das crianças, para o qual disse ter sido convidada e, como todas as crianças com tal perspetiva em vista, estava imensamente encantada.

Disse que a Princesa Alice desejava ainda dizer que esperava que o sistema de educação *Kinder-Garten* para os jovens fosse adotado mais genericamente na terra. As crianças não deveriam ser obrigadas a aprender de cor sem serem capazes de perceber o significado atribuído às suas lições; mas deveriam ser ensinadas através de objetos e ações, simbólicos dos princípios de vida que naturalmente representam e, consequentemente, poderiam ser facilmente lembrados.]

Abril, 1879. FIM

FILOSOFIA:
ANTIGA E MODERNA

RALPH WALDO EMERSON

O Médium, após três anos de residência no seu lar americano, regressou a Inglaterra em maio de 1882. O primeiro espírito a apresentar-se na sua nova morada foi Emerson, cuja recente partida para o Mundo Espiritual causou uma onda de pensamento dirigida da terra para este Transcendentalista único. A comunicação está cheia de pensamento e é decididamente Emersoniana. Deve ser lida com cuidado, pois desvenda uma grande verdade.

OS membros da Escola de Filósofos de Cambridge estão a desaparecer da vista. Eclipsados no lado terreno da visão, brilham com uma glória resplandecente no Lado Espiritual. Reivindicarei ter pertencido a essa Escola, ou ter fundado qualquer escola de pensamento? Não! Apenas refleti as ideias dos Filósofos Atenienses — dos Sábios de eras passadas.

Os pensadores que existiram antes da Era Cristã ressuscitaram nesta era, reencarnados em certos indivíduos; e o que ensinei de verdade não era a verdade de hoje, mas a verdade que surgiu há milhares de anos; a qual, tal como o milho enterrado com as múmias egípcias — jazendo dormente durante dois mil anos, retendo contudo o seu princípio de vida — encontrando, no Século Dezanove, um solo adequado, ao ser plantado após o seu longo sono em catacumbas, brota e floresce; e assim, novamente, o alimento que germinou antes da Era Cristã é dado ao mundo.

Tendo a minha mente provado ser um solo adequado, fui assim capaz de reencarnar pensamentos antigos para o leitor do Século Dezanove. Traço claramente agora as fontes da minha inspiração. O grande mistério da vida, o seu paradoxo, a complexa ação do pensamento e os propósitos cruzados; como ideias amplas e liberais são eliminadas de ensinamentos estreitos e puritanos, através do intercâmbio de pensamento entre os dois mundos: eu diria antes espírito, porque não só o pensamento do espírito, mas o próprio espírito se torna incorporado temporariamente no indivíduo com o qual se assimila.

O homem, espiritualmente, é um grande bebé, uma criança ao colo. Ele não compreende o primeiro princípio da vida que o sustenta. A sua verdadeira relação com o Mundo Espiritual é como a de uma criança para com a sua mãe, e ele é sustentado, alimentado e nutrido por essa mãe, embora não compreenda a fonte de onde deriva o seu sustento. Mas ele, no seu orgulho de intelecto, presume pensar os seus próprios pensamentos, criá-los independentemente da agência espiritual, enquanto o filósofo refletirá que os

seus melhores pensamentos lhe chegam quando, com a simplicidade de uma criança, se abandona aos ensinamentos silenciosos do Mundo dos Espíritos.

As ideias colhidas do mundo exterior têm de ser recolhidas na colmeia espiritual, antes que o mel possa ser composto a partir delas. A recompensa é dupla para aquele que pode receber verdades e proferi-las novamente. O Mundo Espiritual está aberto para aquele que tem a capacidade de o receber. O desabrochar é obra do esforço individual e também de dotação natural. Aquele que trabalha para obter conhecimento atrairá imediatamente auxílio de fontes espirituais, que o indiferente não pode alcançar. As Escolas de Filosofia deveriam ensinar os indivíduos a esforçarem-se pelo conhecimento espiritual, que chega não apenas através de um estado passivo de recetividade, mas através do trabalho do cérebro e do estudo do melhor pensamento de todas as eras. O Próximo Mundo não é um mundo comercial. É um mundo de ideias. Aqueles que desejam entrar num estado feliz ali devem desenvolver os seus poderes mentais e espirituais.

Não é dado a ninguém ensinar toda a verdade. Os pensamentos que dei ao mundo regressaram a mim centuplicados. O esforço de cada mente deve ser o de se manter livre de ensinamentos erróneos e dogmáticos, imparcial perante credos estreitos, perante imagens sombrias e mórbidas do Desconhecido. Através de intercâmbios livres de ideias, conversas que permitirão proferimentos não premeditados, recebereis inteligência dos Filósofos Atenienses, dos egípcios escolásticos e do grande Universo do Espírito.

Emerson.

A SITUAÇÃO POLÍTICA EM INGLATERRA

LORD BEACONSFIELD

No dia seguinte ao aniversário do seu falecimento, Beaconsfield apareceu. O Médium viu-o claramente. Estava vestido com esmero: o seu semblante pálido, mas de expressão feliz. Falou, como um diplomata, com cautela e ponderação. Cavendish, o Secretário Irlandês, e Burke, vítimas do assassino, estavam na sua companhia.

BONS AMIGOS, — Alguma vez olharam através de uma lente de redução para se encontrarem reduzidos a um décimo do vosso tamanho, e representados como malfavorecidos e malformados? A vaidade de alguém é propensa a ser estilhaçada por tal visão da sua personalidade. Desde que deixei a terra, tenho estado numa posição análoga à de uma pessoa que olha através de uma lente de redução.

Cavalguei na crista da vaga da popularidade: o Primeiro-Ministro de Inglaterra e Conselheiro Privado da Rainha, honrado pelo momento; a curiosidade literária, aplaudido como um gigante em intelecto; como cortesão, um favorito da fortuna, e alguém a quem os deuses se deleitavam em honrar. Desta posição exaltada fui subitamente derrubado. Os sorrisos de reis e príncipes, o aplauso da multidão foram retirados, e assim a minha vida foi um epítome de toda a vida. Aceitei a lição que me foi ensinada silenciosamente e, de novo, voltei a minha atenção para a literatura; aqui, disse eu, o homem pode tornar-se imortal! aqui o favor público é duradouro, e não aplaude num dia para apunhalar a sua vítima no próximo.

Mas eu tinha mais uma lição a aprender. Outra mudança ocorreu no meu horóscopo. A estrela da minha vida pôs-se na terra para nascer tênuemente noutra Esfera de existência. E agora, desta Terra das Nuvens, olho através da atmosfera redutora entre os dois mundos, para descobrir que a minha miragem na terra está reduzida a um mero ponto. Rodas de quadrigas triunfantes cobrem os trilhos por onde outrora caminhei; as pálidas prímulas da primavera são os únicos mementos que restam de Beaconsfield.

E que lição das mutações da vida! Uma lição que deveria ser estudada por todos os favoritos populares, que vivem do sopro da multidão. A minha fama elevou-se como uma bolha que cintilou à luz do sol — como uma bolha, rebentou e dispersou as esperanças que havia suscitado.

Raramente na história de Inglaterra ela esteve mais necessitada de uma cabeça sábia e de um coração forte para dirigir o seu curso do que hoje. Um abutre está a roer as suas entranhas e destrui-la-á, a menos que ele próprio seja destruído. Uma agregação de poder tem sempre tendência a destruir os próprios alicerces sobre os quais é construída. A minha política, enquanto Primeiro-Ministro de Inglaterra, foi a de fortalecer a nação a que servi, não por meios opressivos, mas estendendo a mão amigável, forte e adornada de joias em todas as direções; dispensando riqueza e os emblemas da riqueza; exibindo munificência com poder. Desejei que a Inglaterra pudesse assemelhar-se ao grande reino judaico profetizado na história, e estender-se do nascer ao pôr do sol.

A política do atual Governo Inglês para com a Irlanda é uma questão que agora interessa profundamente aos habitantes das Esferas Espirituais. Acredito num governo forte e em segurar as rédeas firmemente, mas elas devem ser seguradas de tal modo (se me é permitido comparar os súbditos a um corcel) que o corcel sinta como se agisse por seu próprio prazer, e não fosse coagido. A mão que segura um punhal deve ser sempre mantida fora de vista.

Não só a Inglaterra, mas todos os reinos da terra serão abalados nos seus alicerces. Ao dizer isto, não gostaria que inferissem que aprovo o Niilismo, o Comunismo ou o Socialismo nos seus aspetos destrutivos, mas falo do que está para vir, do Movimento Espiritual que está agora a sacudir as nações como que com o passo de um terramoto. Não sou suficientemente presciente para prever o resultado imediato que se seguirá, mas sei que todas as grandes mudanças são precedidas pela anarquia. É a ordem da Natureza.

O momento atual exige grande vigilância. Comuns e Lordes, Primeiros-Ministros e Reis devem estar vigilantes — ninguém pode dormir no seu posto. A Coroa Real não é agora um cargo de facilidade. Desde o Autocrata da Rússia à Rainha de Inglaterra e aos Príncipes da Commonwealth, um sentimento de desconfiança apoderou-se de todos os governantes. As muralhas fortes dos seus palácios não são à prova contra um inimigo secreto. Não tenho desejo de me vangloriar, mas recordo-me do facto de que chamei a atenção do Governo Britânico para a condição crítica da Irlanda.

Uma população irlandesa ignorante é mais perigosa e difícil de gerir do que a classe operária comummente educada da Inglaterra. Uma revolução iniciada entre um corpo esquálido de homens, cuja própria ignorância causou a sua subjugação, é provável que seja vulcânica na sua ação, pois assemelha-se a um Vesúvio na sua origem, começando a sua perturbação ardente nos estratos mais baixos da vida, ou abaixo da superfície. Foram as peixeiras de França que organizaram a Revolução e estimularam os líderes para o seu banquete sangrento. O bruto indomado, no seu frenesi, requer uma corrente mais forte para o conter do que o domado e educado; por conseguinte, aconselhei, enquanto ainda estava no cargo, medidas fortes para manter o povo irlandês na sua lealdade.

Eles não são suficientemente esclarecidos para ouvir um argumento; sentem intensamente demais a posição pungente em que se encontram, através da sua própria falta de conhecimento e da força das circunstâncias, para serem guiados pela razão e moderação. A sua expulsão das suas casas, a penhora por rendas que os esmaga, enquanto as suas colheitas tardias não rendem o necessário para satisfazer as exigências dos seus senhorios, são misérias e mágoas que constituem, de facto, para os legisladores um estudo; para o economista político um triste problema; e causam ansiedade nos corações da Realeza, das Câmaras dos Lordes e dos Comuns, e, na verdade, por toda a Inglaterra.

Não sou um agitador agrário e, no entanto, vejo que não está longe o dia em que as imensas propriedades pertencentes aos nobres de Inglaterra serão mais igualmente divididas entre o povo.

Os deuses dormitaram longamente. Eles acordarão e sacudirão toda a terra com o seu erguer. O Deus do Progresso, que é inerente ao homem comum, bem como ao Lorde titulado; o Deus do Ser, o grande "Eu Sou" que habita no peito do camponês mais humilde tão verdadeiramente como sob o arminho do Rei — esse deus acordará e agitará o mundo civilizado: ele erguer-se-á e lançará fora as correntes que há muito o escravizam. A noite transformar-se-á em dia, os pálidos raios da lua darão lugar ao raio de sol, as cabanas e casebres dos pobres serão substituídos por habitações bem construídas e bem ventiladas; a miséria, o crime e a ignorância cederão lugar ao conforto e à educação. A superstição será superada pelo conhecimento, transmitido à humanidade pelo Mundo dos Espíritos.

Beaconsfield.

UMA MUDANÇA EM RELAÇÃO AO MATERIALISMO

GEORGE ELIOT

George Eliot, a celebrada Romancista, passou para a Terra dos Espíritos alguns meses após o Sr. G. H. Lewes. A comunicação dele foi dada antes da morte dela. Após esse evento, amigos, que tinham lido a comunicação dele, indagaram como reconciliaria ela o seu casamento com as expressões de amor e interesse contínuo dele pelo bem-estar dela. A Romancista, na sua resposta, analisa a sua própria conduta contraditória tão claramente quanto nos seus romances retrata os motivos das suas heroínas.

DESDE os dias de Aspásia, até aos de Mary Wollstonecraft, Frances Wright, e descendo até aos meus próprios tempos, certas mulheres têm sido escolhidas como porta-vozes de pensamentos heréticos; têm permanecido como estranhas estrelas erráticas no firmamento, derramando uma luz perturbadora e independente, e, no momento em que atingiam o auge da sua glória e eram vistas pelos seus aderentes como prováveis líderes, divergiram subitamente do caminho aparentemente traçado para elas, e deixaram esses pretensos seguidores, que até então as tinham exaltado como as originadoras de uma nova dispensação, a lamentar a sua perda com desespero e mortificação.

A natureza peculiar e excecional da mulher, em todos os momentos mais guiada pela sua natureza afetiva do que pelo seu amor de conquista ou ambição de aplauso, não é suficientemente calculada por aqueles que esperam usá-la como líder. Durante anos fui vista como uma quase-líder na Escola Racionalista de Filosofia, uma discípula de Spencer, Strauss e dos Cientistas Alemães; uma materialista em teoria; uma defensora de estranhas visões socialistas; alguém de quem se dizia ter revogado os laços do matrimónio e

ignorado todas as leis religiosas e sociais que de alguma forma interferissem com a perfeita liberdade do indivíduo.

Nascida com um temperamento imaginativo e recetivo, com um desejo ilimitado de acumular conhecimento, o acaso lançou-me na sociedade de homens de intelectos altamente desenvolvidos, de grande cultura, cujas ideias e pensamentos, quando lançados, eu bebia como uma esponja absorve a água. Recebi os seus ensinamentos como este Médium recebe impressões do Outro Mundo.

Por admiração e amor, tornei-me uma colaboradora com eles; e embora tenha aparentemente aceite a teoria materialista: de que na morte cessam todos os pensamentos conscientes (e, devido ao meu meio e posição falsa, o mundo acreditou que eu tinha essa crença), no entanto, guardada nos recônditos mais íntimos da minha natureza, vivia outra fé — que eu própria mal reconhecia — uma crença na Imortalidade da Alma; — uma crença, posso dizer que era um anseio, uma ânsia que eu atribuía aos ensinamentos supersticiosos da infância, que tentei extinguir, — esmagar, como nos esforçamos por suprimir os maus hábitos de medo e cobardia adquiridos na infância sob o treino de amas ignorantes.

As correntes que assumi, que pareciam tão leves no início da minha carreira, oprimiram-me à medida que avancei nos anos. Senti o seu peso, mas não conseguia libertar-me delas. Os meus receios, quanto à ação saudável da minha crença professada, tinham de ser sufocados dentro do meu próprio peito. Aquele a quem dediquei a minha vida adoeceu e morreu. No início, mergulhei em trevas totais. O meu amparo tinha partido. Por um momento, pareceu que o mundo estava a fugir de debaixo dos meus pés. Seguiram-se momentos de angústia. O desespero, tal como as palavras não podem descrever, oprimiu-me.

Sucedeu a isto uma revolta súbita de toda a minha natureza. Afastei-me com total desgosto das minhas teorias há muito defendidas. Um sentimento inexplicável apoderou-se de mim. Sei agora que foi a ação do espírito do Sr. Lewes que produziu esta mudança. Foi o seu súbito despertar para a luz da imortalidade que causou esta revolução magnética das teorias defendidas durante anos. Parecia ser um ato meu, mas foi um ato induzido pela inteligência espiritual.

No meio do meu desespero, os céus abriram-se e vi-o no Mundo Espiritual, um anjo, como testemunha da verdade da Imortalidade.

Pouco depois, um homem nobre e corajoso foi dirigido a mim, que me ensinou como retificar os erros da minha vida; quando fui deixada sozinha,

para ser apontada como uma anomalia na criação, ele tomou-me pela mão perante todo o mundo. Pondo de lado a minha riqueza externa, ele desposou-me pelos meus dotes mentais e espirituais. Emulação da sua bondade, consenti que o nosso casamento fosse legalizado numa igreja. Se esse ato foi uma retratação do trabalho da minha vida, e um apagar do estudo de anos, então eu retratei e apaguei tudo o que tinha adquirido através de leitura e reflexão pacientes.

Os secos estudos da Filosofia Racionalista, a crença nua e impotente de que a aniquilação ou absorção termina tudo com o fechar da nossa curta vida terrena, tinham-me parecido às vezes, no pensamento silencioso da comunhão consigo próprio, vestir um aspeto frio e sepulcral. Subjugou o calor e a vivacidade da minha natureza, e transformou-me num ser estranho ao meu eu normal; e voltei-me com alegria contida para uma carreira social e intelectual diferente que, assim como pensei, se abriu para mim.

Surgiu então uma curiosa reação na mente pública que, de me censurar por pensar fora do limite da Cristandade, passou a ridicularizar-me bondosamente por aceitar a fé que ela própria me tinha apresentado para seguir! Um paradoxo, de facto!

As conjeturas do público quanto ao meu trabalho futuro, e a verdade da afirmação feita no calor da minha dor de que não escreveria mais, seriam resolvidas de uma maneira sem precedentes. Fui subitamente chamada para me juntar ao meu companheiro que tinha alcançado a Terra da Realidade. Ele ansiava pela sociedade da sua colaboradora. A nova carreira na qual eu tinha entrado foi levada, pelo poder espiritual, a um rápido término.

Assim terminou a minha história de vida; o seu enigma apenas para ser resolvido noutro estado de existência. Os anseios do nosso coração raramente são satisfeitos na terra. Os nossos ideais ficam aquém do padrão da imagem espiritual que criámos. A alma — frustrada e desapontada na terra, sempre a tentar alcançar uma verdade mais elevada do que aquela que consegue agarrar — no Mundo Espiritual encontra a sua verdadeira esfera de ação, e descansa das dúvidas e incertezas que outrora a assaltavam.

O Sr. Lewes já deu a sua experiência. Cada um de nós pensou viver sem o outro, mas um poder sábio ordenou de forma diferente. Existem alguns seres que são contrapartes. À superfície pode haver desigualdades que os fazem irritar-se, enquanto as suas almas se assimilam: externamente são desiguais; mas, como dois riachos, — um correndo sobre uma charneca nua e selvagem, o outro através de prados sorridentes e árvores curvas, quando se encontram num grande rio — fundem-se numa unidade.

Assim sucede connosco: as desarmonias da Vida acabaram, — as harmonias da Imortalidade começaram.

ESPIRITUALISMO:
O VERDADEIRO E O FALSO

DEAN STANLEY

Na cidade de Paris, na noite de 28 de junho, a senhora através de quem estas interpretações são dadas, estava em transe, quando algumas frases numa voz baixa e suave foram proferidas pelo espírito Longfellow. Não sendo as condições favoráveis, estas foram interrompidas. Num momento o controlo foi assumido pelo Juiz Edmonds, que afirmou que o Prof. Zollner, Garibaldi e o Dean Stanley estavam presentes e, se a mente do amanuense se concentrasse em qualquer um deles, tal pessoa prosseguiria. Tendo sido indicado o tema pelo Dean Stanley, desejou-se que ele começasse; quando as seguintes observações foram ditadas por ele, e transcritas, frase a frase, à medida que saíam dos lábios do médium inconsciente.

É UM ditado banal mas verdadeiro, que o Espiritualismo tem existido em todas as eras e em todos os tempos. O poder de comunicar com os falecidos, quando inteligentemente compreendido, é um dos mais nobres dons dados ao homem, mas, quando mal compreendido, e usado para fins vis, é provável que traga infortúnio à humanidade.

Ninguém familiarizado com a história da igreja duvidará que aparições tenham ocorrido e revelações tenham sido dadas de tempos a tempos. As vidas dos santos, e de homens que viveram vidas reclusas, estão cheias de testemunhos desta verdade.

Mas, além de aparições, houve outros sinais: vozes no ar, batidas, e sons e perturbações peculiares, não rastreáveis a qualquer fonte terrena, ocorreram em certos lugares e foram observados por muitas partes ao longo de todas as eras antes do aparecimento de Cristo, e mais tarde, desde a sua crucificação, até ao presente dia.

Eu disse que, quando retamente compreendida, a comunhão com espíritos é benéfica, mas quando alguém deixa de pensar nos espíritos como seres espirituais, e os considera como materiais, e baixos, e mentirosos no seu carácter, eles atraem então em redor uma classe misteriosa de seres, que não são espíritos, mas duendes (*goblins*).

Estas existências são intermédias entre homens e espíritos, e acompanham pessoas que não têm desejo de ascender a um elevado conhecimento espiritual; estas, não tendo um propósito exaltado, ou sentimento de reverência, ao consultar espíritos (tal como se deve ter ao abordar qualquer verdade), atraem estas criações desordeiras.

Quase todo o conhecimento chega ao homem através da experiência, e ele obteve o seu atual grau de civilização e perfeição através de longas eras de experimentação; mas como a sua mente tem sido dirigida principalmente para investigações do mundo físico, em vez de excursões aos reinos do espírito, por conseguinte, o conhecimento que ele possui dessas verdades obscuras é imperfeito. Agora, é necessário, a fim de compreender as leis espirituais e os princípios que governam esse mundo, dedicar-lhes o mesmo cuidado e investigação paciente que se considerou indispensável para atingir o conhecimento relativo ao mundo em que vivemos.

Sabe-se que a vossa terra é habitada por uma classe inferior de inteligências, denominada animais. No Mundo Espiritual existe uma classe correspondente de seres, que são espíritos denominados Demónios nas antigas teologias e crónicas dos antigos Hebreus. O termo, demónio, não expressa necessariamente qualidades más, mas indica um ser entre um homem e um anjo.

Eu entraria mais plenamente no carácter destas entidades, se sentisse que poderia tornar o assunto compreensível para o leitor; contudo, do crescimento da crença espiritual surgirá uma classe de estudantes, ou exploradores, que, através de um exame cuidadoso, descobrirá as leis que governam a intercomunicação dos dois mundos.

Muitos supõem que todos os habitantes das esferas espirituais nasceram na terra e se tornaram refinados no processo das eras, de modo que se fundiram naquilo que se denomina anjos. Mas descubro que esta suposição é um erro: existem essências espirituais que não podem reivindicar ter tido a sua origem nesta terra.

A descrição de Swedenborg sobre o Céu e o Inferno, considero-a, no essencial, correta; embora o termo, inferno, não seja uma palavra apropriada para a condição das classes de homens não desenvolvidos, pois indicaria um estado separado e não progressivo que não existe.

Descubro que as leis necessárias para o desenvolvimento do homem são muito simples. Muitas seitas cristãs ensinam que certas regras arbitrárias devem ser cumpridas antes que um indivíduo possa entrar no Céu, como lhe chamam; mas percebi, enquanto estava na terra, através de um estudo atento

da história da igreja primitiva e dos costumes existentes nos dias de Cristo, que as regras indicadas por ele e pelos seus discípulos eram muito simples, e nada difíceis de serem seguidas.

O próprio homem tornou-se um feitor muito mais severo do que a Divindade e, pela minha observação nas esferas espirituais, qualquer indivíduo que siga o simples preceito de fazer o bem aos outros, e que viva uma vida harmoniosa, alcançará o céu e a felicidade.

Ao comunicar com inteligências espirituais, descobrir-se-á que, quando o propósito é o da ganância, e a obtenção de conhecimento é para fins vis, ou para assuntos triviais, responderá uma classe de espíritos que se revelam ardilosos e barulhentos, proferindo enunciados tolos, e incapazes de transmitir ideias ou instrução, mas capazes de enganar; de baixa moral e inteiramente desprovidos de princípios. Eles fazem um grande tráfico entre o Mundo Espiritual e a terra; são como os cambistas no Templo, e deveriam ser expulsos com um chicote de cordas, como nos dias de Jesus.

Eu chamaria especial atenção para tais espíritos que se materializam, tocam sinos, tocam guitarras, atiram cadeiras de um lado para o outro, falam através de trombetas, desenham ou pintam quadros sem sentido e se divertem, a si e aos ouvintes, com um jargão absurdo. Tais manifestações são geralmente produzidas pela classe a que aludi. Elas são úteis para provar a nua verdade do malabarismo espiritual, mas não têm importância para transmitir verdades espirituais elevadas. Os malabaristas da Índia são auxiliados por estas criaturas potentes, e os adivinhos registados na Bíblia obtiveram o seu poder da mesma fonte.

Quando os homens aprenderem a compreender o seu propósito na criação espiritual, eles deixarão de perturbar e enganar. Tudo deve ter o seu lugar verdadeiro: o ruído e a folia de um dia de festa não são adequados às horas de estudo, nem as recitações académicas aos divertimentos. Espetáculos teatrais são apropriados em tempo e lugar; o mesmo acontece com os fenómenos espirituais, eles devem ser divididos em classes. Aqueles que desejam divertimento e presenciar o teatro espiritual devem procurar os médiuns de materialização; mas se o propósito for a instrução e o estudo sério, estes encontram-se entre outra classe de médiuns.

É em vão que homens e mulheres inteligentes procuram o Oriente para obter inteligência sobre este ponto, pois a classe de espíritos que produz estes fenómenos é incapaz de transmitir verdades inteligentes.

O LIBERTADOR DA ITÁLIA

GARIBALDI

Na noite de 2 de julho, tendo o Dean Stanley concluído o seu artigo por volta das dez horas, a médium foi influenciada por um espírito ardente e fervoroso, vindo com um gosto verdadeiramente italiano. Bastou um momento para saber que se tratava de ninguém menos que o herói e soldado recentemente falecido, Garibaldi. Os seus pensamentos foram proferidos de uma maneira apaixonada, em forte contraste com o eloquente e ponderado clérigo anterior.

A acentuada diferença no assunto e no estilo de entrega dentro de uma mesma sessão é digna de nota, pois ambos estão em desacordo com a maneira habitual e característica da Improvisadora.

MEU IRMÃO, tu amas a Liberdade! Amo-te porque és amigo da liberdade! Que a Itália seja livre e unida por muito tempo; livre para acreditar, para ver e para pensar conforme for inspirada. Livre dos opressores que a manteriam na ignorância, na pobreza, na miséria sem esperança.

De Caprera venho até vós. Foi-me dada uma ilha espiritual: é como o meu amado lar. Daqui, observo a Itália e todo o mundo. Tenho muitos amigos. Os soldados que lutaram pela liberdade da Itália, e morreram nos campos de batalha e nos hospitais, estão agora comigo nesta terra abençoada. Eles vieram com estandartes flutuantes para me dar as boas-vindas à minha chegada. Victor Emanuel, o meu amigo, chefiou uma grande tropa que me veio buscar para o Mundo Espiritual, onde ele vivia, alguns dias após a orgulhosa e magnífica cerimónia que me foi prestada na terra.

Aqueles que dizem que eu fui infiel, e que estou a sofrer os tormentos do inferno, estão enganados, e deveriam ver-me onde estou com aqueles que me amam, e contemplar quão feliz e próspero sou.

Amei a bondade e a verdade durante toda a minha vida. Desejei ajudar a minha bela Itália a erguer-se do pó e auxiliar na restauração da sua antiga glória. Os meus motivos foram compreendidos pelos seres no Mundo Espiritual, e fui recompensado na terra pelo amor dos meus compatriotas e, agora, no mundo em que o destino me colocou, sou recompensado de forma triplicada; pois ainda posso vigiar a Itália, e tenho agora a sociedade dos meus antigos camaradas, do meu filho, da minha antiga companheira, de Victor Emanuel e de Mazzini. Falei com Pio IX. Deus o abençoe! Um homem bom, mas não muito clarividente.

A LEI DA CRIAÇÃO
CHARLES DARWIN

O espírito deste grande homem fez todos os esforços por transmitir as suas ideias por meio da médium. Ele encheu-lhe a mente com ideias sublimes que ela não podia transmitir por meio de linguagem. Ela viu, como que num espelho, a terra no seu primeiro estágio de desenvolvimento. O ar parecia aquecido como fogo cheio de monstros voadores, a terra rasgada por convulsões, macacos e homens sátiro-como aos enxames diante dos seus olhos.

O plano da Criação, que se estende sobre o mundo espiritual e material, é a adaptação da forma a usos, e a evolução da matéria e do espírito de um plano mais baixo a um plano mais elevado da existência.

Nos primórdios dos períodos geológicos, apenas as formas mais grosseiras de vida podiam existir, ou rivalizar com os elementos brutos e o estado confuso da terra e da atmosfera. Milhares e milhares de anos transcorreram antes que o homem surgisse na Terra, não o Adão perfeito, mas um ser um pouco mais alto que os animais e "mais pequeno do que os anjos." A criatura assemelhava-se ao selvagem não civilizado: nela, primeiro, vimos propagar-se a natureza espiritual, uma emanação tipo fosforescente, a levar uma vida semi-senciente entre dois mundos, o espiritual e o material. Quando separada do corpo, essa rede de existência espiritual impalpável torna-se compacta, e um corpo sólido na atmosfera do mundo espiritual, assim como certos gases que são invisíveis aos olhos, se tornam, sob circunstâncias peculiares, sólidos e corpos pesados.

A alma, sendo como o homem, um desenvolvimento progressivo de toda forma senciente criada, acha-se admiravelmente adaptada para a navegação pelo espaço. Análoga à luz no seu poder de penetrar o espaço e, acelera na rapidez do seu movimento como um pássaro em busca do seu ninho, para o seu lar imortal. Isso, se os seus instintos espirituais tiverem sido desenvolvidos; se não, guiado pelo seu amor e vontade, paira sobre o seu corpo sem vida, ou o antigo lugar da sua habitação. Para sua surpresa encontra-se com uma forma adaptada ao mergulho nas profundezas do mar, à ascensão no ar, à penetração da matéria e ao cruzamento da terra; quase ilimitada nos seus poderes, mas dependente do seu desenvolvimento intelectual e da expansão das suas faculdades morais para um uso inteligente do seu novo organismo.

Fui acusado de me esforçar por provar que o macaco fora meu avô ou progenitor. Os críticos bem que também poderiam afirmar que eu tenha afirmado um formigueiro e o Chimborazo (vulcão) fossem uma e a mesma

coisa. Eu descobri uma analogia entre os dois; assim, entre os homens e os animais, há uma forte semelhança: eles são o resultado do mesmo Princípio Criativo. O macaco estica o seu longo braço e recolhe a fruta do topo da árvore para comer; o homem, com um braço mais curto e um cérebro mais criativo, inventa meios para colher os frutos e os alimentos necessários para a sua sobrevivência. Mentalmente ele estende o seu braço e alcança o infinito. A sua alma está sempre a estender antenas invisíveis, o que prova analogamente que existe uma esfera espiritual para esses "apalpadores" alcançarem, já que, em concordância com uma lei da criação, quando certos órgãos se tornam inúteis, eles deixam de existir. Descobrem que os peixes que habitam as profundezas mais baixas do oceano são possuem olhos, já que a visão não é necessária nas suas moradas submarinas escuras.

Possuindo uma natureza espiritual, o homem, que está constantemente a alcançar o mundo invisível, deverá em última análise encontrar o que procura. As páginas da história natural ensinarão ao investigador que uma forma inferior deve finalmente alcançar uma superior. Onde estão os animais antediluvianos que pisaram a terra antes que ela alcançasse o seu atual estado de perfeição - o mastodonte e o dragão voador, os monstros de todos os tipos, que encheram a terra e os ares durante os diferentes períodos geológicos?

Quanto mais as necessidades do homem aumentam, mais aumenta o seu poder de as gratificar. À medida que se eleva na escala da criação, ele está constantemente a mudar de posição e a adaptar-se às novas condições: da tenda, da barraca, da tenda dos seus ancestrais, ele desenvolveu o palácio artístico dos dias atuais.

Quando este mundo deixar de lhe ser útil, ele eleva-se a outro, mais bem adaptado ao seu crescimento. Quando ele se torna etéreo demais para existir no planeta Terra, ele ascende a um mais espiritual.

Os astrónomos falar-lhes-ão acerca dos planetas conhecidos da ciência, onde a pena de um pássaro, tão leve a ponto de iludir o entendimento que têm na terra, cairá ao chão como um peso morto; e onde o ácaro no raio de sol, para vós invisível, surgirá numa grande escala. O átomo invisível, sem forma, sujeito à lente de ampliação, possui uma forma de mecanismo maravilhoso e move-se instintivamente com vida.

O estudante da natureza, que duvida da existência do Espírito por não o poder ver, precisa apenas que recordar estes factos. O mecanismo espiritual da sua natureza ainda não é inteiramente demonstrável por experiências científicas, e se a pesquisa sobre os fenómenos ocultos do Espiritualismo for prosseguida, a prova desejada certamente surgirá. Se eu pudesse ter vivido cem anos mais, eu teria sido capaz de demonstrar a evolução de um anjo até

um homem, tão facilmente quanto eu poderia provar a evolução do homem da ciência de hoje, que procedeu de aborígenes ignorantes e canibais.

Nice, Alpes Marítimos, 28 de Fevereiro de 1883

DESTINO

MARIA, RAINHA DOS ESCOCESES

Por entre os pomares de laranjeiras de Nice, o adorável espírito de Maria, Rainha dos Escoceses, visitou o médium. A sua influência era muito suave, lançando um brilho terno sobre o espírito do Sensitivo.

EM VIDA, fui acompanhada por um espírito maligno, que presidiu ao meu nascimento e me seguiu até ao cadafalso. Na juventude, poderia ter escolhido um guia bom, mas sucumbi ao espírito maligno do meu destino. Fui salva de me perder inteiramente por um longo aprisionamento e pela minha execução final; caso contrário, mais um espírito perdido poderia ter sido acrescentado à multidão que deambula pela terra, procurando a quem devorar, deleitando-se no mal, na discórdia, na ruína e no crime. Felizmente, não sou um deles. Anos de penitência na terra, como espírito, salvaram-me de tal carreira. Sou a guia favorecida de alguns cujas vidas influencio para o benefício da humanidade. A minha peregrinação na terra é prosseguida ao lado deles. Sofro quando eles sofrem e regozijo-me quando eles se regozijam.

Há trezentos anos, vivi sobre a terra. Parece-me apenas um dia desde que me tornei noiva! A alma humana é capaz de abranger uma vasta experiência. O homem de oitenta anos olha para trás, para os dias da sua infância, como um presente vivo. Assim, o espírito contempla trezentos ou quatrocentos anos como um conto que é contado — o Tempo é um sopro, uma baforada de fumo. Ontem, hoje e amanhã compreendem séculos de tempo! O Passado, o Presente e o Futuro é tudo o que existe de tempo e de eternidade.

Possuí o dom de atrair indivíduos; afortunada, decerto, é a pessoa que tem este dom e o utiliza para o benefício dos seus seguidores, como Cristo, Sócrates, Confúcio e as centenas de salvadores do mundo que existiram desde o princípio. Tais pessoas são um poder no mundo Espiritual, para o mal ou para o bem; elas atraem para a sua órbita os seus satélites. Espíritos maus e bons enchem o ar, tal como os animálculos cobrem o mundo vegetal — invisíveis, destruindo ou sustentando. As pessoas que pareceram más na terra, muitas vezes não são perversas e, no mundo Espiritual, são vistas como são — as circunstâncias que lançaram uma nuvem negra sobre a sua vida sendo dissipadas pela luz da verdade. Outros, que eram considerados santos na

terra, agora, como eu própria, caminham desconhecidos e infelizes, como acompanhantes de algum médium perseguido ou como a sombra de alguma senhora brilhante. Passais por muitas rainhas e pessoas de linhagem por nascimento terreno, inconscientemente, entre os vossos humildes conhecidos, e muitas vezes roçais pelas suas vestes espirituais nos vossos humores desdenhosos.

O mal é mais poderoso, psicologicamente, do que o bem. Qualquer homem com força de vontade pode atrair espíritos malignos à sua volta para realizar os seus desejos. Se ele se quiser engrandecer e espezinhar o que se atravessa no seu caminho, sem medo do bem ou de Deus, encontrará assistência e tornar-se-á um Nero ou um Napoleão. Apenas as flutuações da sua própria vontade podem derrotar os esforços dos seus guias malignos.

Assim, uma mulher pode tornar-se, como eu, uma Maria, Rainha dos Escoceses e, qual sereia, atrair os homens para a sua destruição, ou como a Sra. Fry ou a Madre Anne, idealizar meios para a melhoria da condição infeliz de uma parte da família humana.

Perguntam-me se os números possuem um significado místico? Respondo que certos números são representativos; que as figuras mágicas utilizadas pela raça asiática são reconhecidas pelos antigos espíritos hindus, árabes e caldeus, e por eles empregues como sinais, transmitindo previsões de eventos que envolvem o destino das nações.

Quero que este livro tenha sucesso, que seja lido; devoto todas as energias do meu ser à Causa Espiritual.

Que aqueles cuja vida, como a minha, foi presidida por um génio maligno, fiquem gratos quando puderem expiar na terra os crimes da sua vida e, assim, quebrar o laço psicológico que os prenderia a um destino maligno.

John Knox, que era clarividente e médium, alertou-me contra os espíritos malignos que me acompanhavam, mas a sua maneira era dura e eu estava cega. Não pude acreditar nele, tal como milhares de pessoas agora não acreditam nas profecias dos médiuns. Lutero, Calvino, Knox, Melâncton, Wesley e Swedenborg foram todos médiuns, inspirados e escolhidos para preparar o caminho para a receção das verdades espirituais.

Andrew Jackson Davis abriu o caminho para as Revelações de hoje. As pessoas estão a tornar-se diariamente mais e mais recetivas à luz do mundo Espiritual, e a acreditar no facto dado há séculos de que miríades de espíritos caminham pela terra, bons e maus. "Mene, mene, tekel, upharsin."

Nice, Alpes Marítimos, 1 de Março de 1883.

PELA FRANÇA E PELA LIBERDADE

GAMBETTA

Poucos dias após o enterro dos restos mortais de Gambetta, na colina constelada que domina o azul do Mediterrâneo e a cidade de Nice, o Médium visitou o local, tornado belo e sagrado por uma pirâmide imponente de recordações florais, oferecidas por delegações de todas as secções da França.

A atmosfera estava límpida e balsâmica, enquanto as montanhas cobertas de neve vizinhas pareciam imaginar catedrais do mais branco mármore no céu, e o murmúrio triste do mar azul abaixo, um fúnebre hino ao espírito imortal de Léon Gambetta.

Estas condições foram excessivamente favoráveis para a receção da influência de Gambetta pelo Médium e, ao regressar ao nosso hotel, esta comunicação foi recebida.

ONDE as águas azuis do Mediterrâneo banham as belas costas de Nice, depositaram tudo o que resta de Gambetta na terra. É apropriado que o meu corpo repouse no topo da colina coroada de ciprestes daquela antiga cidade, com vista para a terra do meu nascimento e para a República da França, que amei tão ternamente. As flores da minha terra natal, colhidas por mãos voluntárias e molhadas por lágrimas de amor, enviadas para decorar o meu túmulo de cada cidade, vila e aldeia da França, ergueram para mim um monumento de afeto, superando em beleza os mausoléus esculpidos erigidos a Imperadores e Reis.

Nenhum sacerdote seguiu o meu cortejo fúnebre, com vestes brancas, vestidas para cobrir as mentiras que viviam: mentiras à natureza e à virilidade. Nenhuns meninos de coro, vociferando palavras que não compreendiam; nenhumas velas falsas piscaram os seus olhos pagãos sobre o meu cadáver; nenhum cortejo da igreja encaminhou o meu corpo de volta à mãe Terra; mas, em seu lugar, uma nação inteira, amante da "Liberté, Égalité, et Fraternité", levantou-se e seguiu, numa longa jornada, os restos para o seu enterro, daquele que os tinha liderado, sem olhar à sua própria vida, para quebrar as correntes da superstição que os tinham mantido em servidão.

Estrangeiros podem criticar a maneira do meu funeral. Padres clamam contra ele, "Legitimistas" lamentam a França pela sua fraqueza em permitir que o coração da nação pulse de acordo com o seu costume natural.

Quem, deixai-me perguntar, instituiu os ritos sobre os mortos, habituais nos países católicos e protestantes? Foi Cristo ou Maria, Jeová ou o Espírito

Santo? Foi o Poder Criativo, que chama o homem a navegar sozinho sobre o rio Estige? Se assim for, por que razão seria tão injusto para as miríades engolidas por terramotos ou mergulhadas no mar: varridas de navios que se afundam, anualmente, sem padre ou carro fúnebre, cortejo ou cerimónia?

Quem ordenou padres para o enterro dos mortos? Serão eles adendas da natureza a esse evento? Verdadeiramente, Não!

Há um homem, embora padre, que eu teria visto de bom grado na grande festa nacional do meu funeral. Abraço-o — chama-se Père Hyacinthe. Homens vis escarnecem dele, católicos ridicularizam-no, alguns protestantes evitam-no; mas os anjos reconhecem-no! E rendo-lhe os meus agradecimentos pelo dom que depositou no meu túmulo, pelas palavras destemidas que proferiu em meu favor, pelo sentimento fraterno com que estendeu a sua mão cristã e colocou uma cruz de perpétuas sobre a minha sepultura não consagrada.

Oh, escutai-me, vós povo que se curva perante as formas! Digo-vos, muitos padres, que escarnecem de Gambetta, levam uma vida cem vezes mais condenável do que a dele; e quando o capuz lhes for arrancado, no Mundo dos Espíritos, eles parecerão culpados perante aquele que agora amaldiçoam.

Não afirmo que cada ato da minha vida foi isento de culpa, mas digo que não professei um credo para viver outro: não preguei uma moralidade que a minha própria vida desmentisse.

Vergonha sobre vós, meus compatriotas, que ultrajais o Père Hyacinthe pela sua vida honrada. Ele disse de mim que eu era religioso. O que ele disse de mim é a verdade: eu era religioso. O meu cristianismo era o de Cristo: amigo de meretrizes e pecadores. Adorei um Deus tão verdadeiramente como o monge mais piedoso ou o crente sincero. O meu Deus era a Verdade, e confiei no meu Deus. Em quem confiam as nações cristãs? Em padres e tradições!

Quereríeis fazer retroceder a roda do tempo, girar a terra de volta ao seu eixo para os dias do Paganismo, repetir os feitos da multidão quando o Paganismo vacilava sobre os pés e uma nova religião (a vossa de hoje) estava prestes a substituir a antiga? A Sócrates foi dado veneno a beber pelos demagogos religiosos do seu tempo, porque ele falava contra a adoração de Vénus e Baco, Júpiter, e os Lares e Penates do lar; tal como eu falei contra os ritos sacerdotais que considerais tão sagrados! O que ganhou a civilização em inteligência durante dois ou três mil anos, se forçasse um homem a ser enterrado de acordo com certos dogmas?

Se o afeto humano deve ser reprimido, e uma nação como a França anatematizada por não impor as pantomimas do Paganismo e por seguir o meu corpo até à sepultura de acordo com as leis da Razão e da Justiça, eu pergunto — onde está o vosso apregoado Cristianismo? Sois verdadeiramente seguidores do manso e humilde Jesus, que foi deitado no seu sepulcro sem rito de igreja ou sanção de padre?

Oh! se os padres soubessem quão inúteis são as suas formas para encaminhar um homem para o Mundo dos Espíritos, rapidamente largariam o seu crucifixo e vela, as suas contas e incensários, e deixariam que corações amorosos deitassem a pobre humanidade na sepultura, tal como colocaram o infiel Gambetta.

Abaixo, digo eu, com um clero que mantém os homens na ignorância e na pobreza. O povo deve ser educado para saber que a sua vida futura no Mundo dos Espíritos depende da vida que vive na terra; que orações a santos, virgens ou profetas não podem assisti-los na terra nem beneficiá-los no céu, a menos que sejam seguidas por atos nobres e vida virtuosa.

Quanto ao meu estado no Mundo dos Espíritos, nenhumas missas rezadas por padres, nem pagas com o resgate de um rei, poderiam ter-me colocado numa posição melhor aqui do que aquela que agora ocupo devido aos meus próprios atos, inclinações e desejos. Os meus pensamentos voltam-se sempre para a França! Vivo novamente nos conselhos da República. Invisível, assisto aos debates. Esforço-me por influenciar o partido ao qual pertenci, para estender o conhecimento a todos.

Que se ensine ao Povo que o Próximo Mundo é um mundo real; que a opressão e a tirania produzem miséria em ambos os mundos; que um decreto saiu do Mundo dos Espíritos para as nações da terra, de que Reis e Rainhas, Imperadores e Papas, não mais cunharão ouro a partir da ignorância e miséria da multidão, pois o conhecimento cobrirá a terra. O reinado da Superstição passou. As pessoas já não acreditam que a condição de um indivíduo no Céu depende da sua maneira de sepultamento. Que a Religião e a Realeza deixem de ser um ofício, um negócio, e a multidão aprenderá em breve como viver e morrer de acordo com a Natureza e o desígnio de Deus.

A MÚSICA DO FUTURO

WAGNER

A comunicação de Richard Wagner é notável por demonstrar, às partes interessadas, a corrente elétrica que permeia o universo, transportando pensamentos do mundo Espiritual para os indivíduos e telegrafando ideias de uma pessoa para outra. O Editor desta Obra escreveu ao Médium em Paris, a 2 de Agosto de 1883, desta forma: "Tenho pensado em Wagner e nos seus objetivos de vida, e na música do futuro; e gostaria de um artigo do falecido Imperador da Rússia". Estranho será dizer que o Médium tinha recebido de ambas estas partes as suas respetivas comunicações dois dias antes.

ICH lieber Jesus. Quão poucos homens terminam a sua obra de vida na terra! O meu trabalho foi inaugurar uma revolução no mundo musical adormecido e despertar um sentimento de devoção a esse mais elevado dos dons espirituais. A música que deixei para trás será a Música do Futuro. Não passa de um grande fragmento; uma cabeça de Esfinge. Eras posteriores produzirão o génio que completará o que deixei inacabado. A ele será dado o poder de ouvir vozes das esferas Espirituais, como eu ouvi, dizendo-lhe para seguir em frente e superar todas as dificuldades, até que revele as maravilhas da esfera Espiritual da Música.

Notai as rapsódias do músico: ele é chamado de louco. Ele abana a cabeça de um lado para o outro, as suas mãos tremem, todo o seu ser vibra com as melodias silenciosas, as harmonias que atingem o seu ouvido a partir de um universo invisível; ele é embalado por influências invisíveis: controlado como David, quando tocava harpa e cantava perante Saul, e afastava o espírito maligno com as suas notas doces.

As trivialidades da vida comprimem-se demasiado perto do artista para que ele escute, como deveria, as vozes que lhe chegam da Alma do Universo; — da floresta, do riacho, da montanha e da planície fértil — implorando-lhe que esqueça personalidades e interprete as canções da Natureza, com o sentimento que a divindade nelas imprimiu.

Escutai! Inclinai o vosso ouvido para a música selvagem do vento; ouvi como, do mais ténue lamento, cresce em crescendo até vos arrepiar com a própria agonia! Podeis ver a fonte de onde ele vem? A representação de Éolo, segurando os ventos na sua mão, acrescenta algo à majestade desse som terrível? Ele fala-vos da floresta negra de pinheiros através da qual viajou; das árvores gigantescas que partiu ao meio; das montanhas, desoladas e nuas, pelas cujas ravinas geladas arremessou o viajante aventureiro. Fala do mar, com as suas ondas que se erguem como montanhas, sibilando em volta do

navio condenado, cujo casco poderoso ele sacode como uma casca de ovo — para cima, em direção ao céu carregado de espuma, e para baixo, no abismo das águas — com a sua carga humana de almas aterradas, suspirando o seu adeus final a esposas e filhos, ao lar e à terra, num grito amargo de desespero.

Que artista pode interpretar este sublime diapasão da Natureza? Na Música do Futuro, o indivíduo estará fora de vista: a mão longa e esguia do músico, brilhando com gemas, não será vista para distrair os sentidos do público da combinação de sons gloriosos. No grande futuro, as personalidades fundir-se-ão num todo magnífico: tal como a nobre Catedral não fala do entalhe paciente, do desgaste minucioso de cada trabalhador, mas dirige-se ao espetador como uma grande completude, uma mistura de vários pensamentos e labores numa obra sublime.

São as estrelas, coletivamente, que fazem a maravilha dos céus. A Natureza é comunal. Sede como a Natureza. A Comunidade é a representação mais verdadeira do Céu, cada um trabalhando para o bem do todo. Que discórdia fazemos quando gritamos mais alto que os nossos semelhantes! Mas um tom sustentado: ah! isso é glorioso. Se subirdes a uma grande altitude, atraí todos para vós; ensinai-lhes o caminho pelo qual subistes às alturas — agulha elevando-se acima de agulha, pico acima de pico, tudo numa grande unidade — como a cordilheira Alpina das montanhas, o menor acrescentando ao maior. Isso é vida verdadeira, vida artística, vida musical, vida eterna.

A música é a linguagem dos Deuses. É adoração. Gostaríeis de desvendar os mistérios da Vida Futura? A música é a chave. No futuro, comunidades inteiras pensarão, respirarão e falarão música. Tal como os homens lutam por ouro agora, lutarão para atingir a perfeição musical. Deixai-me cantar a minha Pátria. O ponto mais próximo da vida espiritual na terra é a comunidade musical da minha Pátria: Onde a vida de toda a cidade está centrada na música; onde as crianças balbuciam em números harmoniosos; onde a recreação do dia e o trabalho do dia é a música; onde o rei é tão simples como o cidadão e, para desenvolver as capacidades divinas da música, essa arte mestra, sacrifica a etiqueta da vida de corte, o lazer e a indulgência contingentes à sua posição; e com o interesse de um verdadeiro rei e pai do seu país, devota a sua riqueza ao desenvolvimento harmonioso do seu povo.

A música é um trabalho de vida, não uma recreação de uma hora. No futuro haverá centros musicais, onde todos os amantes da música se congregarão; onde a riqueza da nação, em vez de ser gasta em desfiles inúteis, será usada para fornecer música para o povo. Uma vida de felicidade Arcádia seguir-se-á, e a terra tornar-se-á uma contraparte das esferas espirituais. A melodia mais simples que possais cantar coloca-vos *en rapport*

com a vida Espiritual. Todo o músico e compositor é um médium. No momento em que uma pessoa levanta a sua voz em canção, é elevada para uma atmosfera espiritual.

A música foi desviada da sua esfera legítima e posta a gorjear débeis cantigas de amor, tal como a sua arte irmã, a Pintura, prostituída a um fim ignóbil; quando deveria expressar os feitos heroicos de cada nação e as aspirações do povo; reviver das eras das trevas os tons em que o cego Homero entoou a sua Ilíada aos gregos que o ouviam. Deixai a música cantar-vos sobre as lutas de uma grande Nação pela Liberdade. As óperas do futuro serão registos históricos, revelações do coração mais íntimo da humanidade; não o trabalho apressado de uma única noite, mas dias e semanas serão de bom grado dados a ouvir estes dramas da história do mundo, que a Música do Futuro revelará.

Prossegui, então, meus estudantes de música, no vosso nobre trabalho. Um grande renascimento em todas as esferas da arte aguarda o mundo. A lendária idade de ouro está prestes a raiar. Os ciclos da eternidade recuarão para vista. Os centros magnéticos do mundo Espiritual foram alcançados. Essa vasta fonte de inspiração está aberta à humanidade. A América, a potência mais jovem da terra, brotou diretamente das esferas espirituais e tornou-se a pioneira das nações mais antigas. Ela ensinou-nos como falar com os mortos poderosos, o universo interminável de espíritos. O povo da minha Pátria segue os seus passos. O Espiritualismo está a espalhar-se pela Alemanha, e médiuns de todas as partes do mundo acorrerão ao meu país para ouvir a Música do Futuro, que músicos espirituais executarão nos centros de arte da Alemanha e da Baviera.

OUTRE MER! OUTRE TERRE!
ALÉM DO MAR! ALÉM DA TERRA!

LONGFELLOW

O amado Poeta da América tentou escrever um poema, semelhante em ritmo a "Hiawatha", através do Médium, retratando nele a sua partida para, e entrada na, vida Espiritual. Mas o verso pareceu combinado com outras influências que não a sua e Longfellow, a pedido de amigos, reescreveu-o na forma em que agora aparece.

DEVEREI eu, que nunca recusei escrever no álbum de uma criança, abster-me de escrever neste álbum de autógrafos espirituais? Não; eu escreverei, afinarei a minha harpa para cantar. Mas posso ser constrangido a cantar as minhas velhas canções de novo, a invocar a musa de dias passados. Não pode um músico regozijar-se com a sua própria música? A alma de

Wagner respondeu às estrofes de "Niebelungen Liede" e "Parsifal" tão simpaticamente como se ele próprio não as tivesse composto: pois toda a verdadeira poesia e música é uma inspiração, e nós, poetas, apenas ecoamos os carrilhões tocados nas Esferas Espirituais.

Gostaria, como os bardos de outrora, de deambular de lareira em lareira e entoar a Lírica e a Épica da vida Espiritual. Por que cenas estranhas passei desde que deixei o meu querido e velho lar na terra. Dir-vos-ei com que temor indefinível aguardei o sinal de Caronte, que me havia de transportar através do rio escuro? Muitos a quem eu amara tinham partido com ele longos anos antes. Esposa e amigo ele me havia levado; as minhas repas tornaram-se branqueadas pela idade enquanto esperava pela sua vinda. Iriam os meus entes queridos reconhecer-me na Terra Melhor, agora que eu envelhecera e encanecera? É verdade que, enquanto me sentava sozinho no crepúsculo que se acentuava, muitas vezes "As formas dos que partiram entravam pela porta aberta; os entes amados, os de coração fiel, vinham visitar-me uma vez mais". Sentia a sua presença sombria, mas algo intangível dividia-nos. Ansiava encontrá-los face a face, como nos dias de antanho.

A convocação chegara. Eu ia para junto deles. Subitamente, tornei-me insensível à terra e ao que me rodeia. Entrara no túnel escuro e gelado, a morte, que forma uma passagem através do espaço do vosso mundo para o próximo. Como algum viajante perdido, deambulando por entre a neve que cai sobre as montanhas glaciais da Suíça, emerge subitamente sobre as planícies ensolaradas da Itália, assim eu, da escuridão que me cercava, saí impetuosamente para uma corrente magnética de luz através da qual, de alguma maneira incompreensível, flutuei, tal como parecemos flutuar pelo ar nos nossos sonhos noturnos. Uma letargia, que por alguns segundos escravizara os meus sentidos, passou, e dei por mim a olhar para uma paisagem adorável. Um vasto parque estendia-se diante de mim, coberto com uma verdura semelhante ao musgo, ornamentado com árvores etéreas cujas miríades de pequenas folhas, agitadas pelo ar magnético, quebravam-se como o orvalho de uma fonte contra o céu.

Enquanto me movia pelo ar, torres e agulhas, minaretes e edifícios, assemelhando-se aos da terra, passavam diante dos meus olhos, enquanto aqui e ali se erguiam grandes estruturas semelhantes a catedrais de uma substância pálida, rosada e semitransparente, parecendo-se não pouco com palácios de gelo, brilhando nos raios do sol poente. Receava que o que via pudesse vir a ser uma fantasmagoria — uma bela miragem que se dissiparia; mas era real: era uma terra beatificada, tal como um espírito é um ser humano glorificado.

Então acorreram à minha memória, como vagas de face branca que quebram sobre o mar, recordações de todos os meus amigos que tinham partido da terra durante os anos da minha estada ali. Isto foi acompanhado por um anseio indizível de ver a minha querida esposa e companheira dos primeiros anos. Enquanto estava neste devaneio, rompeu no ar um som como água corrente, como o riso jubiloso de crianças. Vinha mais e mais perto, resolvendo-se num dilúvio de música. Era como se a melodia de Rossini e Bellini, com as estrofes majestosas de Handel e Mozart, estivessem unidas numa única e grandiosa sinfonia.

Substituída esta abertura, um grande coro de vozes ergueu-se, cantando palavras familiares ao meu ouvido; palavras que, ao tocarem o coração do grande público, provam as simpatias divinas do coração humano e o elo que une o homem à imortalidade; pois estas foram as palavras que cantaram: —

"A vida é real, a vida é fervente, E o túmulo não é o seu fim; És pó, e ao pó voltarás, Não foi dito da alma assim."

Ouvir, no límpido ar espiritual, estas palavras proféticas da minha musa, cantadas com a música das esferas celestiais, encheu a minha alma de uma alegria inefável.

Então reuniram-se à minha volta os meus amigos; estavam todos lá — pessoas que eu vira serem levadas para a sepultura em anos passados; amigos da juventude e da idade adulta agruparam-se em volta de mim. Falámos juntos. Deram-me os parabéns pela minha chegada à Terra Melhor. Em doce conversa levaram-me a uma "cidade de ouro", uma cidade iluminada por luz não terrena, nem do sol nem da lua, pois o Deus do Amor lhe dá luz. Nesse Lar da Alma, uma efulgência magnética ergue-se de corações amorosos e verdadeiros que ali habitam; de miríades de almas benevolentes que iluminam os lugares escuros da terra e guiam o Espírito do Homem, sempre em busca e em ascensão, para um estado de Harmonia e Amor!

UM TRIBUTO A THOMAS CARLYLE

JANE CARLYLE

O Médium estivera doente em Paris, durante dois ou três dias frios de primavera, e estava deitado na sua almofada num estado de espírito desanimado quando uma voz peculiar e rápida lhe falou: "Tens de te levantar e encontrar papel e lápis; depois podes voltar para o teu leito e eu escreverei algo para ti". Tão urgentemente foi a exigência do Espírito reiterada, vez após vez, que o Médium foi forçado a ceder. Esse espírito ansioso revelou ser a Sra. Carlyle e, desta forma curiosa, o público foi favorecido com a sua comunicação.

NÃO se supõe que as pequenas discórdias da terra agitem as asas dos anjos, e estou ciente de que, aos olhos da maioria das pessoas, serei pensada como alguém que se baixa do alto estado espiritual a que ascendi, através do cetro do Rei Morte, ao tomar parte na controvérsia agora existente sobre as peculiaridades de Carlyle e o seu tratamento negligente para com a sua esposa (eu própria). Mas esforçar-me-ei por corrigir a História, dando o meu testemunho póstumo quanto à bondade e ternura não registadas do grande Gigante.

Que era niveladora esta em que se vive e em que se morre! Um homem não está seguro nem quando chega ao Céu. As pessoas deleitam-se em derrubar o ídolo que têm estado a adorar, e a mesma voz que o aclama como um deus, no momento seguinte denuncia-o como uma coisa de palha, uma entidade sem alma. No seu fervor para provar que são demasiado perspicazes para serem enganados, e nos seus esforços para obter um equilíbrio nos pratos da Justiça, inclinam-se demasiado pesadamente para o lado oposto e lançam mais poeira e lama para os pratos do que o necessário.

As pessoas acreditam que todos os erros são corrigidos no mundo Espiritual e que nós, os seus habitantes-anjos, temos apenas de dobrar as nossas belas asas enquanto o grande Juiz coloca todos os nossos inimigos do Seu lado esquerdo e, finalmente, os envia para servirem de combustível às chamas do Inferno.

Infelizmente, ou felizmente — de acordo com a vossa moral —, esta crença, como tantas outras fábulas, não tem base na realidade, pois nós, que deixámos a *terra firma* e voámos para a Terra dos Anjos, somos compelidos ou a ignorar a opinião pública, como os mortais comuns quando esta é contra nós, ou a corrigir-nos perante a posteridade, desempenhando o papel do Fantasma em Hamlet! Foi esse o papel que escolhi desempenhar e, como tenho apenas a arma de uma mulher com que combater, começo, como o meu sexo costuma fazer, por afirmar.

Portanto, consequentemente, afirmo que Thomas Carlyle foi sempre atencioso para com o meu conforto e felicidade. O homem externo parecia frio e obtuso por vezes, mas a alma era gentil e cheia de remorsos. O seu grande corpo nem sempre harmonizava com a ação do seu espírito. Como o casco pesado de algum navio, tão colossal no seu próprio peso que não pode responder imediatamente ao leme; mas quando se move, é o movimento de um gigante. Assim acontecia com Carlyle: a sua amizade por mim aumentou com os anos; a morte não a diminuiu.

Ele era um médium para o mundo Espiritual. Através dele, eles derramaram verdades sobre a terra que nunca deixarão de beneficiar a

humanidade. Ele era oposto a fingimentos e ao autoengano e, ao procurar evitar esses males, conduziu-se de uma maneira que o público interpretou como fria e egoísta. Demasiado anatomista para o seu próprio bem terreno, analisava os seus sentimentos tão de perto que não só não se permitia capa alguma para cobrir uma deformidade, como chegava a fazer parecer uma deformidade onde ela não existia, por excesso de zelo.

No mundo Espiritual, o seu intelecto claro e inquisitivo, o seu coração caloroso e alma amante da verdade colocam-no numa esfera muito acima dos seus críticos. Sinto-me feliz por dizer que ele está com espíritos sábios, bons e exaltados, pois os julgamentos do céu não são como os julgamentos da terra. As aparências enganam na terra. Uma maneira educada e suave, embora esconda um coração falso e seja mera escória, passará por ouro puro, enquanto o ar brusco e o comportamento rude, que cobrem um coração amoroso, são postos de parte como inúteis. Carlyle estava acima e para além dos seus detratores.

Fico perturbada com a publicação de todas estas cartas, que não são como um espelho verdadeiro da alma, mas assemelham-se a um pedaço de vidro verde e desigual que distorce a imagem apresentada. Assuntos que ocorrem na terra afetam o mundo Espiritual, tal como eventos que transpiram na Inglaterra afetam a América, e vice-versa. É um velho ditado que a história não pode errar e que o tempo, que arrefece as opiniões aquecidas dos homens, traz por fim o julgamento correto à mente do público. Carlyle deseja ser julgado sem favor.

Tomai uma faca e dissecai-o como quiserdes; mas será que essa dissecação, por mais que esquadrinhe o corpo, descobre a alma? As emoções interiores de um homem, que são o seu verdadeiro eu, nunca são definíveis. Não podem ser escritas em papel nem faladas. Os seus melhores pensamentos só poderiam ser lidos através da clarividência. Os seus julgamentos falados eram muitas vezes duros, mas os seus pensamentos eram gentis.

Como abutres, os homens lançam-se sobre a presa caída! Se Carlyle ainda estivesse sobre a terra, teria a sua vida sido escrita e comentada como tem sido? Por que é que o público guarda roupas velhas que um homem já não serve e insiste que elas são a sua medida verdadeira? Que qualquer homem leia uma carta escrita por si mesmo há dez ou quinze anos e não reconhecerá a sua própria autoria. Quão pouco dos nossos melhores pensamentos conseguimos colocar numa carta, e quanto de estranho ao nosso verdadeiro sentimento nelas se infiltra!

As visões e críticas terrenas são transmitidas através dos fios espirituais mal são publicadas. Carlyle e eu temos um belo lar na montanha. Sentando-me perto dele muitas vezes, ou voando ao seu lado sobre as montanhas púrpuras, comungo com ele sobre as coisas da terra; sobre este Livro da sua Vida, que criou tal burburinho. Gostaria que o Médium o tivesse lido, mas ela não o fez. Disse-lhe que procuraria um médium, conhecido de todos os espíritos literários, de quem ouvira D'Israeli e Macaulay falar, e através dela proclamaria quão bom ele fora para mim e quão enganadas as pessoas estavam ao julgarem pelo exterior.

Os julgamentos de Carlyle eram duros porque ele lia os motivos dos homens clarividentemente e via muitas vezes que eles não eram movidos pelo alto princípio que professavam. Ele não queria ser considerado um herói; a sua vida foi uma desilusão porque as pessoas esperavam que ele se tornasse um líder, um mestre, ao passo que ele apenas expressava pensamentos que lhe chegavam por inspiração: pensamentos que sentia fortemente, mas que eram dados, como todo o verdadeiro ensinamento do Mundo dos Espíritos é dado, para serem aceites ou rejeitados de acordo com o plano de desenvolvimento, e não para serem forçados ao ouvinte com ameaças de aniquilação para aqueles que discordassem.

Emerson, o Americano, e Hawthorne, e Parker, Longfellow, Darwin, Stanley e Coleridge visitam-nos de tempos a tempos. Então temos um banquete intelectual. Se não é "Conversa de Mesa", é "Conversa de Caramanchão", pois sentamo-nos sob as videiras e árvores do Céu e falamos sobre o Céu e os seus habitantes: sobre as maravilhas poderosas que nos rodeiam e sobre a terra e o seu povo. Temos árvores muito curiosas aqui, bastante diferentes das da terra, cobertas com numerosas e pequenas folhas transparentes, algumas de uma cor vermelha dourada, outras de um tom prateado pálido, que emitem luz como uma luz solar suave e um odor como o de rosas e pinheiros. Depois temos árvores cantoras, como as árvores das lendas de fadas, cujas folhas, ao abrirem-se e fecharem-se ao ar magnético, emitem algumas notas doces, não muito diferentes do trinado de um pássaro.

Carlyle recuperou inteiramente a sua juventude e está ativamente ocupado a estudar as vidas e o desenvolvimento espiritual dos grandes mestres da terra; de Cristo e daqueles que o precederam. Ele diz-me que sentiu a minha perda, após perceber que eu partira realmente de junto dele, da forma mais aguda, e que eu parecia estar no quarto com ele quase constantemente; que a minha personalidade nunca se perdeu ou se tornou um mito para ele. A verdade é que eu estava com ele: eu costumava sentir a sua dor no coração, como parte de mim própria, no mundo Espiritual.

Sinto-me feliz por ter esta oportunidade de falar sobre ele e de o elogiar perante aqueles que amam as suas obras; perante os poucos que realmente se dão ao trabalho de pensar e analisar o caráter de um homem. Ele era impaciente com a natureza humana porque os homens, que são realmente Deuses, se ananicam em pigmeus. Quem poderia simpatizar com a sua alma inquieta e aspirante, ansiando por conversar com o próprio Júpiter do Olimpo? Espíritos mediúnicos como o dele nunca são compreendidos na terra: eles escarnecem dos assuntos de peso que afetam a generalidade da humanidade. A influência das Esferas Espirituais está sobre eles, embora não o saibam. Têm uma presciência do seu lar eterno e irritam-se sob os males do tempo; tal como a águia enjaulada, farejando o ar do seu ninho no topo das nuvens, bate contra as barras da sua prisão em esforços vãos para alcançar o seu lar há muito perdido!

AFORISMOS ESPIRITUAIS

BENJAMIN FRANKLIN

O Sr. Burns, o Editor, escreveu da Inglaterra para o Médium, residente em Paris, perguntando se ela poderia induzir o espírito de Benjamin Franklin, que introduzira o Espiritualismo Moderno no mundo, a informar o público sobre o porquê de tantos médiuns serem detetados em fraude e por que motivo bons médiuns, como os Irmãos Davenport, tinham degenerado em exibidores dos fenómenos, renunciando ao mesmo tempo às verdades que outrora tinham fomentado. Franklin apareceu — um espírito genial e de alma plena — mas apenas responderia às suas perguntas através dos seguintes aforismos, nos quais esperamos que o enigma seja exposto ao leitor.

É um axioma bem conhecido que a fraude gera fraude. A força psíquica de um duvidador determinado convoca espíritos mentirosos.

Ide a um círculo espiritual determinado a apanhar o médium em fraude e, nessa mesma sessão, o médium mais fiável agirá como o "diabo".

Tende a fé que Cristo teve, e os espíritos materializar-se-ão nos vossos púlpitos e mesas de leitura. Duvidai deles, e eles lançar-vos-ão sinos e pandeiretas e dirão que os médiuns o fizeram.

Toda a Arcana da Natureza, espiritual e material, pode ser aberta pelo homem que procura, com investigação paciente, penetrar nos seus mistérios.

O conhecimento espiritual, tal como as pedras preciosas escondidas nas entranhas da terra, só pode ser alcançado através de um revolvimento paciente do solo.

Não tenteis uma amizade espiritual com espíritos que vos degradariam moral ou espiritualmente. Um homem é conhecido pela companhia que seleciona, e médiuns que fraternizam com os espíritos de charlatães árabes e malabaristas egípcios devem ser recebidos como exibidores de fenómenos divertidos que demonstrarão verdades espirituais apenas como um macaco trapaceiro demonstra a origem do homem.

O espírito que grita o vosso nome através de um trompete e vos saúda familiarmente pode lisonjear a vossa vaidade, mas não pode transmitir à vossa mente grandes pensamentos nem preparar-vos para uma vida mais nobre nas Esferas Espirituais.

Os espíritos são as almas da humanidade. Entre eles há charlatães, mendigos, assassinos, ladrões, simplórios, misturados com almas boas e puras: seres inteligentes, leais, honestos e simpáticos.

Não desanimeis quando descobrirdes que o vosso médium de estimação é uma fraude: houve falsos profetas em todas as eras do mundo.

"Não te aflijas por causa dos malfeitores" tem sido a oração dos aspirantes às verdades espirituais desde tempos imemoriais.

Nenhum homem pode navegar o ar num barco de criança. Navegar os céus espirituais requer também os aparelhos da ciência.

O papagaio de papel e a chave de Franklin destrancaram as abóbadas elétricas do céu, iniciaram as batidas de Rochester, revelaram o telégrafo elétrico e o telefone, e descobrirão os segredos da Vida, da Morte e da Imortalidade.

Foram precisos cem anos para desenvolver o telégrafo elétrico. Dai-nos cem anos para desenvolvermos os nossos médiuns espirituais.

O espírito que tira o casaco do médium enquanto as mãos deste estão atadas atrás das costas é provavelmente um malabarista chinês ou hindu que, embora realize uma proeza de prestidigitação, não deve ser recebido como um guia em assuntos espirituais ou morais.

Os grandes estadistas e pensadores que partiram da terra não se entretêm a realizar truques curiosos para divertir e despertar o espanto da humanidade.

Para o Mundo Espiritual são vertidas diariamente hordas de espíritos selvagens da Ásia, África e Europa: os fanáticos da Índia, os selvagens da floresta, os assassinos, bêbedos e meio-idiotas que enxameiam a terra. Recebei cada um de acordo com o seu grau, e não formeis uma amizade espiritual com aqueles que vos tentariam a beber, a praguejar ou a agir de forma inverídica.

Aceitai ensinamentos puros e nobres, embora venham de uma fonte ignóbil, tal como o viajante sedento bebe água fresca e pura de uma taça suja. Lembrai-vos de que um vaso de ouro pode conter veneno mortal.

As verdades nunca mudam, embora possam assumir uma nova veste e a manifestação delas se altere. A semelhança imperfeita, fixada por Daguerre numa placa sensível, prefigurou o retrato fiel de hoje.

Experiências rudimentares apenas provam as possibilidades de desenvolvimentos futuros. Se tivésseis uma lente suficientemente poderosa, poderíeis ver o vosso rosto repetido biliões de milhas no espaço. Assim as verdades são repetidas e transmitidas através das longas eras a partir das Esferas Espirituais. Assim, na ciência espiritual, a imagem feia e distorcida produzida hoje será substituída pela fotografia nítida no futuro.

Não podeis forçar os céus, através de uma tempestade de artilharia, a escutarem as vossas preces. Falai à Natureza na sua própria linguagem, e ela ouvir-vos-á.

O consumo de haxixe e de ópio produz uma forma baixa de transe espiritual e introduz o infeliz folião nos antros degradados da sociedade espiritual.

Pode ser opcional para vós comunicar ou não com espíritos por intermédio de um médium, mas é uma lei da vida que eles devam acompanhar-vos e influenciar-vos. Das vossas próprias ações e cultura depende a classe de espíritos que vos acompanha.

Ao fechardes os olhos não podeis impedir que a luz do sol vos aqueça, tal como ao denunciardes o Espiritualismo não podeis impedir que os espíritos vos influenciem.

Aquele que apenas aceita ser alimentado por contos de fadas em assuntos espirituais, descobrirá que a "Noiva-Espírito" — que o presenteia com um caracol das suas repas douradas e fia finas malhas de renda perante os seus olhos maravilhados, extraindo do espaço jarda após jarda da textura de teia de aranha — é apenas uma sereia humana com máscara e cabeleira, uma "representação contrafeita" de alguma Aspásia espiritual.

Louvai o John, um rapaz de escola, por virar as pontas dos pés para fora, e todos os rapazes imitarão o John e gritarão: "Nós também viramos os pés para fora". Louvai um espírito por falar através de um trompete, tocar banjou ou mostrar um rosto fantasmagórico através da janela de um gabinete, e os médiuns que assistiram à sessão sentirão: "Eu também posso fazer isso"; e, da próxima vez, imitarão a realidade.

Ide ouvir uma famosa cantora de ópera e regressareis a casa cantarolando a ária, achando que os tons da vossa voz soam exatamente como os da *prima donna*. Um médium descobre dentro de si o poder de ler nomes escritos em bolas de papel amontoadas promiscuamente. Esse dom atrai uma multidão maravilhada; imediatamente a sua vaidade é despertada e ele sente: "Fui eu próprio que fiz essa coisa maravilhosa, não há espíritos nisto". Da próxima vez, ele surripia um papel e lê o nome ele próprio, e depois confessa! Sai de cena.

Na Igreja Cristã, diz-se de um homem, outrora membro, que degenera, que "ele caiu da graça". Quão frequentemente um pobre médium cai da graça. Incapaz de resistir à lisonja do mundo, simula os grandes dons que ao princípio eram genuínos e, tornando-se uma fraude aos olhos do público, termina como uma farsa, falhando em distinguir o falso do real.

Um homem que se transviaria sob os nobres ensinamentos do Espiritualismo, ter-se-ia transviado, como Judas, sob os puros ensinamentos de Cristo.

Se enaltecemos o exemplo de Cristo porque ele era um Deus, quanto mais o deveríamos admirar por ele ser um homem.

Todas as possibilidades do Céu e do Inferno estão encarnadas no homem, tal como a oitava incorpora as mais grandiosas composições musicais para uma orquestra completa.

ERA PRÉ-HISTÓRICA

EGIPTO

A comunicação que se segue foi transmitida por espíritos de um período pré-histórico. No ano de 1880, enquanto a médium visitava a região romântica ao redor do Lago George, tornada famosa durante a Revolução Americana, entrou em transe num dos pinhais que circundam o lindo lago. O controlador desejou que ela visitasse o Egipto, para que assim ela pudesse entrar em perfeita harmonia com os espíritos daquela antiga nação. Ela visitou a Europa em 1852 de acordo com a orientação que ele deu, mas não pôde viajar até o Egipto, que logo se envolveu em guerra com a Inglaterra. A comunicação ficou inacabada.

Eu sou o Sol de Manhã. Antes das pirâmides terem sido formadas, eu já existia. Durante séculos tenho percorrido os campos do espaço eterno. As ideias do Grande Invisível só podem ser obtidas no topo da montanha ou nas planícies do deserto. Na mente do Vidente, habitando no meio de uma grande cidade, os pensamentos são obtidos da parte dos homens, não do plano eterno; não do grande Arquiteto Mestre. Para conhecer a verdade conforme ela existiu no passado, devemos procurá-la no Egipto e na Índia: na vasta solidão das montanhas elevadas da Índia, ou nas planícies ilimitadas do Egipto coroado pelas pirâmides.

Os espíritos que conversam com os homens hoje-em-dia vêm das cidades apertadas, das casas confinadas ou dos palácios mesquinhos dos tempos modernos; mas os espíritos que existiram antes da chamada era Cristã, conduzi-lo-ão a um espaço mais amplo e revelar-lhes-á um panorama que será uma contrapartida dos céus mais elevados.

Visite Tebas. Veja as ruínas do poderoso templo que foi erguido para o poder criativo do Invisível. Compare-o com as catedrais e as diminutas igrejas que a cristandade da Índia hoje eleva, onde encarcera a própria ideia que tem da sua Deidade e do seu Jeová.

A essência do culto, nos dias dos séculos passados, quando eu pisei a terra, venerava o Princípio Invisível, com os seus poderes mais sublimes. Não como hoje, com uma mente constrita, imbuída de ideias de divindades inferiores, ao oferecer metade dos seus atributos ao Invisível.

Nos tempos antigos, a alma que passara da vida material para a espiritual, podia voltar e reencarnar numa outra forma humana, conquistando assim sabedoria através da experiência de muitas vidas. Durante séculos, as dinastias Egípcias foram varridas da vista pelas nações rústicas e físicas, que,

na ordem de natureza, surgiram no globo, e que durante séculos têm vindo a abrir caminho para o que é chamado de civilização. Agora, o estado de erupção vulcânica, se é que posso chamá-lo assim, diminuiu. O Egipto, com a sua Esfinge, com as suas Pirâmides, ergue-se à nossa vista; para reencarnar de novo após o lapso desses poderosos ciclos de tempo, e para revelar os mistérios de um Mundo Invisível, que têm estado ocultados da visão mortal. Essa corrente poderosa e renovável, que varreu ao redor da humanidade, vai levá-los em frente até que vocês observem literalmente os templos do Grande Desconhecido, e tenham entrado espiritualmente na misteriosa Pirâmide, que leva às Esferas Superiores.

A TOLICE DO CULTO AO HERÓI

THOMAS CARLYLE

28 de Agosto. Tendo o Juiz Edmonds expressado o seu pesar e desapontamento pelo atraso na publicação do livro, seguiu-se o espírito de Carlyle, que deu a seguinte comunicação, observando, ao terminar, que deveríamos juntar as pontas e retalhos e fazer o que pudéssemos com eles. O ponto que visava era mostrar que as coisas são tão irreais na vida terrena como supomos que sejam na vida Espiritual, e que nós, na terra, estamos na verdade a viver uma vida espiritual. Carlyle não pareceu satisfeito com a sua comunicação e deu a segunda parte com grande rapidez e seriedade.

O MUNDO espera que um homem das letras apresente uma boa aparência. Ele deve ser esculpido de acordo com algum modelo que tenham em mente e, se o descobrem num estado de espírito comum ou com roupas de casa, ficam desgostosos, e ele cai subitamente na sua estima como autor de génio.

Visto que a minha autobiografia me mostrou ao público com o carácter de um escocês caseiro, com todos os atributos do meu solo natal eriçados à minha volta, deixaram de me considerar como uma das maravilhas do século dezanove; e agora, se eu remover ainda mais os meus invólucros e aparecer como um fantasma vindo do túmulo, temo perder inteiramente o meu prestígio, e que o nome de Carlyle se perca para as gerações futuras.

Infelizmente! Que a humanidade prefira o irreal ao real, e exija que um homem se envolva na veste teatral de uma estátua, em vez de aparecer no seu traje natural! Esta tendência para o culto ao herói, e de criar uma imagem irreal de algum carácter notável, é um resquício de barbarismo e não deveria pertencer à civilização do século dezanove.

Os antigos assírios representavam os seus heróis com corpos de leões e asas de águia. O Museu Britânico está cheio destas monstruosidades, que não pertencem nem ao céu, nem ao inferno, nem à terra. Esta mesma forma monstruosa de deificar homens tem sido seguida na descrição do Céu; e a ideia heroica de céu, o céu geral que é imaginado pelo chamado Cristão, está tão próximo do céu real como o corpo esculpido de um crocodilo, com cabeça de ave, está próximo do dos Reis Egípcios da antiguidade.

Os maiores traços do carácter de Cristo, supondo que ele tenha sido um Deus, foram os seus traços humanos. Os Cristãos tentam magnificá-lo numa espécie de ser impossível; assim o mundo me teria idealizado, se eu não tivesse levantado a cortina e os deixado ver o que havia dentro das janelas da minha cabana. O mesmo se passou com Dickens. As pessoas liam os seus contos e imaginavam algum homem ideal como autor dos mesmos. Depois de lerem o registo da sua vida, deixaram de ler os seus livros. Ele era o mesmo homem, os seus livros eram os mesmos. E assim, quando alguém regressa do mundo Espiritual, muitos diriam: "Ele não falaria nesse tom", porque as suas observações não correspondem ao homem imaginário que eles criaram.

Sinto-me irritado e mortificado com o clamor a meu respeito e sobre os meus feitos, que a minha "partida" suscitou; embora, de acordo com as conceções ilógicas de espírito que a maioria das pessoas detém, as minhas veias devessem correr leite e água ou um "nada aéreo"; e eu devesse testemunhar esta guerra literária sobre mim sem mais sentimento do que um ídolo de pedra. Mas deixei de lado as minhas luvas de lã, e já não me sento junto ao fogo a cuidar do meu corpo sem sangue, como nos meus últimos dias: revivi e ergui-me do "Vale de Ossos Secos", e sinto tudo o que é dito e pensado sobre mim. Tornei-me comunicativo, quase tagarela. Devo dizer ao mundo o que tenho estado a fazer; assim acreditará que é o meu fantasma que murmura tão alto.

Vi e conversei com Frederico, o Grande; com Voltaire e Rousseau; com Napoleão Primeiro; com o sanguinário Robespierre; com Marat e os líderes da primeira Revolução Francesa; com Richter, Goethe e Schiller; com Byron, Coleridge e Shelley. Vi até os espectros de Sócrates, Platão e Cristo.

Eu não estava em harmonia com a época em que vivi; as suas trivialidades irritavam a minha alma. Eu pertencia ao passado. Schiller e Goethe eram os meus amigos íntimos. Eu era como uma pedra meteórica, arremessada na terra por uma tempestade elétrica: fora de lugar, e sem solo onde me fixar; olhado com espanto, e não compreendido pelas pessoas à minha volta. Existem alguns indivíduos na terra cujas vidas são contrapartes de um fenómeno que ocorre no mundo físico, pois são como conchas estranhas e

algas de um mar tropical, que são trazidas pelas águas para uma costa do norte — tipos isolados por si só, fora de consonância com o que os rodeia.

As harmonias que procurei na terra, encontro-as na Terra dos Espíritos. Se eu tivesse compreendido a mediunidade, poderia ter sido um homem mais contente e compreendido a causa da minha inquietação. Eu era um médium e não o sabia. O meu primeiro trabalho, "A História da Revolução Francesa", no qual tinha trabalhado e que foi destruído pelo fogo, como pensei então por um destino adverso, foi reescrito com a ajuda dos espíritos, e foi o meio que primeiro me colocou *en rapport* com influências invisíveis, e me fez dar ao público uma obra de poder muito superior à primeira, cuja perda eu lamentara.

Cresci para viver com os poderosos pensadores da Alemanha, França e Inglaterra. Eles mantinham conversação na minha presença e despertavam as minhas faculdades mentais e espirituais até à sua capacidade máxima. Que raça de Titãs espirituais poderia habitar as Ilhas Britânicas, se os seus filhos imortais abandonassem a caça à raposa e a aceitação de credos que moem a alma e o corpo, e investigassem as leis que governam a vida Espiritual! O passo de miríades de pés espirituais invisíveis está a fazer tremer o seu tecido social; este balança de um lado para o outro. Os clamores por ajuda — dos seus artesãos pensativos, dos silenciosos lavradores do seu solo, dos mineiros enegrecidos que respiram veneno nas entranhas da terra — reverberam pelas Esferas Angélicas!

Coortes de espíritos, da Rússia, Alemanha, França e Itália, uniram-se para auxiliar as multidões em luta e famintas do que se chamam as "classes baixas", para uma posição de independência. Não apenas na Inglaterra e na Irlanda está este movimento espiritual em progresso, mas em todo o globo mortal. Na China e no Japão, Rússia, França, Alemanha e Itália, ouve-se o som do toque a rebate superno. Pode ele ser esmagado pelo poder de calcanhares reais? Quem pode forjar as correntes para segurar o homem que o poder espiritual libertou de uma masmorra? A batalha não é apenas contra a Terra, mas contra o Céu; contra os Poderes do ar e exércitos invisíveis vestidos com a panóplia das hostes espirituais: Onde, ó Imperadores, Reis, Lordes e Cavalheiros impensados, está a arma que os abaterá?

Ó rude Escócia! lar da minha infância: o espírito dos teus montanheses e camponeses; o teu amor pela liberdade; a pobreza do teu solo; as tuas montanhas escassamente dotadas de elementos para cultivar alimento, salvaram-te da rapacidade dos ricos e nobres. Os teus sinos de igreja tocaram a sua teologia dura, sem quebrar o espírito de Esperança dominante no teu povo. Tu acalentaste os dons da "SEGUNDA VISÃO", e assim mantiveste um verão perpétuo de comunicação com os habitantes do Próximo Mundo. Agora

abre os teus braços para receber o novo Cristo do século dezanove — o ESPIRITUALISMO!

A CAUSA E O TRATAMENTO DO CRIME

JAMES T. BRADY

Um amigo do Sr. Brady, tendo encontrado o Médium em França, onde ela residia, solicitou que fosse dada uma comunicação da parte dele para este livro. O pedido foi atendido, mas como o Médium adoeceu por altura em que o encontro deveria ter lugar, o amigo foi obrigado a deixar a cidade, e a comunicação foi-lhe dada a ela sozinha, antes de recuperar inteiramente a saúde. Posteriormente, após o regresso do cavalheiro a Paris, o artigo foi-lhe submetido para leitura. Ele afirmou que não o achava suficientemente característico de Brady para justificar a sua publicação, e pensou que deveria ter sido misturado com outras influências, o que foi o caso, visto que o Sr. Brady foi obrigado a pedir ao Juiz Edmonds e a outros que o ajudassem a controlar o Médium. O Editor considerou melhor apresentá-lo ao público, para que este julgue os seus méritos e a semelhança com o seu autor acreditado.

FUI impelido pelos desejos de um amigo que estudou direito sob a minha instrução a adicionar o meu testemunho ao que já foi dado sobre a vida real no Próximo Mundo, e a demonstrar pela minha comunicação que os espíritos não perdem a sua individualidade, nem a aprendizagem que os marca na terra. Muitos que me conheceram perguntarão: "O que terá James T. Brady a dizer por si mesmo?"

Outros exclamarão: "Lembramo-nos dele, era um grande advogado criminal e amigo de um bando miserável de patifes!" Isso é verdade. Tive de defender muitos homens acusados de quebrar a lei; além disso, conhecia todos os nova-iorquinos proeminentes de há dez ou doze anos, e devo confessar que eram um "bando de patifes". Acompanhei as suas vidas desde o momento em que deixei a terra até ao dia de hoje, e ajudei muitos a saírem de problemas. Casos obscuros e intrincados sempre tiveram um fascínio para mim. O crime é um estudo para mim agora tanto quanto o era na terra. Embora a ignorância e a pobreza produzam desordens sociais, uma proclividade natural para atos perversos é a causa de muitos atos terríveis.

Fui abençoado com uma natureza social e simpática vasta, e através dela fui levado a ajudar os meus semelhantes quando em dificuldades. Juízes e advogados são acusados de aceitar subornos quando as suas simpatias são despertadas e se esforçam por salvar um homem da forca. Erremos pelo lado da misericórdia. Um juiz humano deve refletir o seu grande protótipo, o Juiz Todo-Poderoso de todos; mas um juiz como o velho Juiz Jeffreys, de Inglaterra,

parece ser o tipo de juiz que muitas pessoas desejam, as quais acreditam na punição e não na reforma.

Durante toda a minha longa experiência em tribunais de justiça, descobri que o homem que puníamos muitas vezes não era tão culpável como o homem que deixávamos ir livre. Recordo a sensação criada no mundo Espiritual pela entrada de Wm. M. Tweed, cuja terrível punição e final miserável, após uma curta mas brilhante carreira de fraude ao seu Governo, deveria provar aos homens que a retribuição segue a má ação. Ele sofreu mais do que muitos que foram cúmplices da sua culpa, pois a justiça humana é um assunto unilateral, e aquelas pessoas de quem ele foi instrumento escaparam à punição visível; mas se as suas vidas interiores pudessem ser lidas, ver-se-ia que estão diariamente a ser punidas, pois a violação da lei, humana e divina, traz consigo a dor.

Ele não era intrinsecamente um homem devasso, mas ele mascarou a sua consciência, como demasiados homens fazem, dizendo a si mesmo que beneficiaria a humanidade com a riqueza que adquirisse, defraudando outros e traindo a sua confiança. Homens que se desviam de princípios que sabem ser corretos são como navios desviados do seu curso por tempestades: não obedecem ao leme e são forçados por ventos adversos e mares cruzados, sob uma influência após outra, contra as rochas, acabando naufragados.

Um homem chamado para um cargo público tem muitas vezes associados que lhe são impostos, cuja influência magnética e psicológica sobre ele é má. Espíritos de mente perversa e não evoluídos são atraídos para o grupo. As pessoas raramente têm consciência de quanto são influenciadas secretamente pelos seus associados. A ação subtil de uma mente sobre outra é uma verdade que só pode ser compreendida por estudantes da ciência espiritual. Os homens são como ovelhas; onde uma vai, a outra segue, mesmo que isso as leve à perdição. Os indivíduos têm geralmente o poder da psicologia pessoal e, para fins de ganho, podem convencer-se de que o errado é o certo, embora o seu eu-espiritual interior lhes diga a verdade; e a isso chama-se consciência.

Eventos que ocorreram em Nova Iorque imediatamente após, e alguns anos antes de eu partir, apresentaram-se vividamente à minha memória enquanto conversava com este Médium em Paris, atraído para lá pelo amigo de quem falei. Retorno à carreira de Fisk e Stokes, aos problemas do Juiz Burnard, aos jogadores de Wall Street, à terrível luta por riquezas que decorre nos altos cargos, aos criminosos de baixo nível e homens fracos que clamam por justiça. Deveis remodelar o vosso código de leis se quiserdes distribuir justiça a todos, e varrer os vossos tribunais, e o sistema de julgamento por júri deve ser revisto. Nunca encontrei doze homens imparciais que fossem capazes de decidir um caso importante. Um júri condenará muitas vezes um sujeito

desleixado e sem um tostão por causa da sua aparência, mas deixai que um homem de posição — um ministro, um clérigo — venha a julgamento e, embora tenha seduzido uma rapariga e a tenha assassinado para esconder o seu pecado, eles deixá-lo-ão ir livre de culpa!

O tratamento de criminosos pelo Estado e pela sociedade está inteiramente errado. Não se baseia em princípios de sabedoria ou justiça. O Governo não deveria cunhar dinheiro a partir do trabalho criminoso. A punição deveria ser educativa, e os fundos excedentários acumulados dos ganhos dos criminosos deveriam ser aplicados em seu benefício e distribuídos como incentivos ao bom comportamento, sob a forma de solo, terra, implementos agrícolas, ferramentas mecânicas, vestuário, alimento ou dinheiro, de acordo com as suas necessidades e capacidade de aproveitar as vantagens oferecidas.

O efeito benéfico sobre a sociedade, causado pela modificação das leis da pena capital, pode ser visto ao retornar às páginas da história de Inglaterra, quando homens eram enforcados por roubar, há cem anos. Um pobre diabo naqueles dias, consumido pelo escorbuto a bordo de um navio, seria enforcado como um "sujeito abandonado" se roubasse uma batata que fosse para afastar a terrível doença; era considerado além de qualquer ajuda neste mundo ou no próximo. Observai como, a partir de um núcleo de tais párias miseráveis, surgiram aquelas prósperas colónias inglesas da Austrália, que são hoje o espanto do mundo e os lares de milhares de homens tão bons como aqueles que nunca escaparam de um tribunal de justiça.

Dai ao pior dos homens uma oportunidade e ele poderá tornar-se um santo; e colocai um homem bom em más condições e ele tornar-se-á provavelmente um pecador. O Espiritualismo, com os seus ensinamentos de progressão, foi enviado das esferas angélicas para iluminar os homens quanto à falsidade das doutrinas da depravação total e inspirá-los com o desejo de se reformarem do plano animal para o plano espiritual inteligente, para que a sua existência no mundo Espiritual possa ser de utilidade e prazer em vez de dor e desordem.

Desejaria apenas que homens pobres e mal guiados, que anatematizam os seus semelhantes e imaginam os tormentos que a ira divina trará sobre as suas cabeças pecadoras noutro mundo, se despojassem destas ideias nefastas e investigassem as leis do desenvolvimento progressivo, para que se preparem a si mesmos e aos seus discípulos para o usufruto do mundo Espiritual como ele realmente é. A única maneira de ser feliz na terra ou no mundo Espiritual é deixar de desejar levar os seus semelhantes ou inimigos à justiça. O homem pobre adora acalentar a ideia de que haverá alguma compensação para ele no mundo Espiritual pela sua pobreza na terra, e que o

homem rico, quando lá chegar, estará pior do que Lázaro; esse é um doce bocado que ele se deleita em mastigar na sua pobreza. Achais que tal ideia poderia ajudá-lo a avançar no céu? Não! Arrastá-lo-ia para uma condição pior do que o inferno, e muitos estão nessa condição, lamento dizer. Para desfrutar do céu, deveis deixar de ser juiz de um homem sobre o outro; cada indivíduo deve fazer o melhor que puder, independentemente do que os outros façam; então poderá viver contente no Paraíso.

E no entanto, para produzir ordem na sociedade, é necessário fazer leis e aplicá-las. Colocai juízes íntegros nos cargos, como o Juiz Edmonds, e não os forceis a resignar porque são Espiritualistas, e o bom efeito do seu tratamento para com os criminosos será sentido em todo o estatuto social. É uma política fútil executar homens e enviá-los para o próximo mundo, pensando assim livrar a terra deles; pois eles regressam com vigor redobrado, se ignorantes, para terem a sua vingança e influenciarem os seus companheiros de farra na terra a cometerem maiores ultrajes contra a sociedade. A Inglaterra pensa em aplacar o espírito irlandês de rebelião através do extermínio. Subornou um informador e enviou uma dúzia de homens para o mundo Espiritual com base na informação dele, supondo que dessa forma poderia erradicar os Invencíveis; mas, como na fábula clássica dos "Dentes do Dragão", descobrirá que mil espíritos armados surgem para a perturbar, a partir da semente assim semeada.

O que cortais na terra, ergue-se com vigor redobrado lá. Se o mundo pudesse ler a história corretamente, perceberia que o crime é contagioso e que um homicídio perverso é sempre sucedido por outros mais horríveis, porque o mal não é erradicado pela morte ou execução na forca. Não temos prisões no mundo Espiritual, mas temos localidades educativas, reformatórios e colégios; mas os dois mundos estão tão intimamente interligados que não podemos produzir uma mudança radical nos homens maus até que o mundo comece o seu processo de reforma. As prisões da terra são relíquias das idas trevas e dos dias da Inquisição; não acompanharam o avanço da civilização. Enquanto as escolas públicas da América são a sua coroa de honra, as suas prisões são a sua desgraça.

INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS NO MUNDO ESPIRITUAL

PETER COOPER

Fundador do "Cooper's Institute", Cidade de Nova Iorque.

Peter Cooper, um dos benfeitores de Nova Iorque, viveu até ultrapassar o seu nonagésimo ano na posse plena das suas faculdades. Ele, em espírito, visitou o Médium em Paris, enquanto ela caminhava nos jardins do Trocadéro, e expressou prazer ao ver através dela os belos edifícios gregos que, disse ele, não eram diferentes de alguns dos templos de saber no mundo Espiritual. Ele envolveu o médium com uma aura de felicidade tranquila e benigna.

ATRAVESSEI em segurança, mas que mundo estranho este em que entrei, vastamente diferente de quaisquer preconceções que eu tivesse formado, embora estivesse de algum modo familiarizado com o Espiritualismo e os seus ensinamentos.

Vejo vida por todo o lado à minha volta: uma vida ocupada e feliz. Espíritos voando de um lado para o outro em missões de amor ou misericórdia; muitos têm uma luz como um sol irradiando das suas cabeças e figuras. Pode-se ver estas luzes a grande distância; brilhando em várias cores e diferentes graus de magnitude, assemelham-se à glória representada pelos antigos pintores em redor da Virgem e de Cristo.

Quando se movem na tua direção, e a uma milha ou duas de onde estás, a luz parece abrir-se, e reconheces nela algum amigo querido, ou algum indivíduo conhecido por ti através de gravuras ou semelhança fotográfica, aproximando-se para falar contigo, pois embora não seja necessário estar perto dos amigos para falar com eles, os espíritos geralmente desejam estar em proximidade estreita com aqueles que amam. O telefone é conhecido e está em uso desde tempos imemoriais no mundo Espiritual. O meio de transmitir o pensamento entre espíritos cultivados e altamente desenvolvidos é através de um processo mental. O pensamento gera eletricidade, a qual, como o relâmpago, transmite a ideia e fotografa-a noutra mente recetiva.

Cada invenção na terra que beneficiou a humanidade parece ter brotado deste mundo Espiritual. Lembro-me de ter lido, há anos, em "Strange Visitors", sobre uma visita à casa de Henry Clay, e de como ele comunicava com partes distantes do seu edifício por meio de fios elétricos. Esse foi o prenúncio de uma invenção desde então desenvolvida na terra, que ajudará a tornar a humanidade uma única família harmoniosa. O carro movido eletricamente, pelo qual Irving deslizava sobre as estradas espirituais, será em breve familiar a todos os habitantes da terra; eles atravessarão o globo como nós atravessamos os campos do espaço.

Estou espantado ao encontrar o número de templos de saber que aqui existem. Foram-me mostrados alguns cem vezes maiores do que o Instituto que estabeleci à minha humilde maneira na terra. São de forma circular, ou moldados como um íman, com um corredor externo para diferentes entradas, e um pátio interior, com fontes lançando essências deliciosas e de perfume revigorante, enquanto árvores e estranhas plantas com flores embelezam os parques pelos quais estão rodeados. As árvores, aqui, são diferentes das árvores terrenas, sendo as folhas de cores variadas, assemelhando-se à folhagem outonal da floresta americana.

Quando falo de templos de saber, não me refiro a meras escolas para o estudo da aritmética, geografia, escrita, etc., que pertencem ao plano terreno. Estes colégios Espirituais destinam-se a desenvolver a alma do homem e ensinar-lhe as suas relações com a humanidade; a instruí-lo nas maravilhas dos céus siderais, transmitir-lhe conhecimento sobre os habitantes do sol, da lua e das estrelas, os numerosos mundos no espaço ocupados por várias tribos de homens. Para auxiliá-lo, também, na experimentação em química e ciências, pelas quais ele pode explorar a extensão máxima do universo; para instruí-lo em economia política e leis que governam a humanidade, para que ele possa desenvolver meios de melhorar a condição da parcela não evoluída e desamparada da humanidade.

Destas grandes universidades Espirituais são promulgadas todas as doutrinas progressistas que sobressaltam a Cristandade. Todos os estudiosos e clérigos que se afastam das doutrinas ensinadas pelas Igrejas estão em comunhão espiritual com os líderes destas instituições Espirituais.

Foi desta fonte superior que Shelley recebeu a sua inspiração e escreveu, sob ditado espiritual, a sua "Queen Mab", a qual, aos dezanove ou vinte anos, causou a sua expulsão de um colégio inglês e deu origem a uma nova era de pensamento. Aqui Theodore Parker recebeu a luz que iluminou as suas obras. Aqui a ciência de comunicar com a terra foi desenvolvida pela primeira vez. Desta região, Darwin, Wallace, Varley, Crookes, Tyndall, receberam as ideias que tornaram os seus nomes famosos.

Dos meus esforços terrenos para dar instrução gratuita à juventude da América em gravura, pintura, desenho e artes afins, fui escolhido para trabalho semelhante no mundo Espiritual. Encontro que chegue o que fazer aqui. Números enormes de jovens chegam diariamente às esferas Espirituais. Muitos são ignorantes de todas as artes e ciências, e não tiveram oportunidade de desenvolver as suas naturezas mentais e espirituais. Formei uma escola para lhes ensinar como educar os seus talentos inventivos e construtivos, pois o poder de construir e edificar é divino.

Os espíritos mais infelizes são aqueles que estão ociosos e não sabem o que fazer com a vida; que não têm ideia de empregar o tempo em labores úteis. A velhice é uma bênção. A experiência traz sabedoria. Estou grato por ter vivido o tempo que vivi na terra. Comecei agora a tornar-me mais jovem, mas é a juventude de uma árvore adulta, renovando as suas folhas e seiva com a primavera.

ESPIRITUALISMO, UM LIBERTADOR

ROBERT BRUCE

Antigo Rei da Escócia

Um amigo foi solicitado a sugerir alguns nomes de quem seria útil receber comunicações para este volume. O de Robert Bruce foi dado entre outros, e a seguinte mensagem foi recebida em resposta.

VIM de um mundo longínquo. Pertenço ao passado remoto. Fui chamado Bruce, Rei da Escócia. Sou de um outro povo que não aquele que existe nos dias de hoje. Vivi numa era semibárbara, entre uma raça de homens guerreiros, acreditando na supremacia dos reis por direito divino. No entanto, fui um amante da liberdade, e fui escolhido então pelo mundo Espiritual para inspirar um desejo de liberdade nunca extinguível nos corações do povo escocês.

Cinco séculos vieram e partiram desde que liderei o meu pequeno bando em Bannockburn, e novamente, desde o advento do Espiritualismo neste Século Dezanove, fui escolhido por uma hierarquia invisível como um líder para a Inglaterra e a Escócia, para impressionar o povo preso à Igreja e à *Kirk* com as verdades da comunhão Espiritual.

Um homem elegi como o meu machado de guerra, que é James Burns: ele possui o destemor e a persistência dos antigos escoceses, que quando viam uma verdade não tinham medo de a reconhecer. Lentos a mudar, mas uma vez convencidos de um erro, nenhumas considerações de conveniência os impediriam de adotar o correto.

Sinto um parentesco com a América — reivindico fraternidade com o seu povo, pois tal como ela resistiu à tirania dos antigos governantes ingleses, assim eu e os meus seguidores resistimos às usurpações daquele reino poderoso; e assim o Espiritualismo resistirá aos seus opressores e formará uma organização ou corpo independente e poderoso, que atrairá para sob a sua bandeira toda a família humana.

Isto não é apenas para hoje, mas para todos os tempos. Não pode ser espezinhado. Nenhuns éditos de reis nem tribunais de justiça têm poder para o suprimir; nenhumas maldições da igreja nem denúncias sacerdotais silenciarão o espírito da Verdade que nele reside. É apoiado por poderes invisíveis: sustentado por hostes de um mundo superior; não demónios, mas almas inteligentes, amantes de Deus, de vida íntegra, purificadas, santificadas (segundo a linguagem eclesiástica).

Tal como o grande líder americano, George Washington, trabalhou até ver que a América se tornara uma nação independente, temida pelos seus oponentes, um refúgio para os oprimidos, um defensor dos direitos espirituais e físicos do homem, um advogado e apoiante do desenvolvimento progressista — assim eu, seguindo o seu nobre exemplo, trabalharei na terra pela Causa do Espiritualismo, tanto na Inglaterra como na Escócia, até que este se torne um poder reconhecido e seja recebido pela Igreja e pelos seus detratores como um igual e amigo, de quem procurarão conhecimento; uma fé em cuja proteção amorosa encontrarão defesa contra as superstições do Passado e as dúvidas do Presente. O que deve ser feito agora é que os Espiritualistas se mantenham firmes pela Causa que esposaram.

O DESTINO DO AUTOCRATA

CZAR DA RÚSSIA

Outro nome sugerido foi o do falecido Czar da Rússia, Alexandre II, cuja experiência forma um contraste com a do anterior.

ACREDITEI em Espíritos. Se tivesse seguido o conselho que me foi dado por eles, estaria a viver na terra hoje. A minha posição e influência política impediram-me de seguir os seus ensinamentos. Não quis escutar os avisos que me deram. Achei necessário manter o povo submetido por meios fortes. Acreditei que era indispensável, e bani muitos dos meus súbditos para as regiões desoladas da Sibéria, enquanto a minha própria consciência me dizia que estava a agir mal. Vozes espirituais avisaram-me, mas resisti aos seus apelos, pois estava cercado por circunstâncias, por cortesãos e costumes, e pelos usos tirânicos dos meus antecessores.

Mas o destino não escuta tais desculpas fracas. A Justiça não lhes pode dar ouvidos. O desenvolvimento progressivo da mente proferiu o grito de — "Abaixo a tirania". Eu não lhe dei atenção. A minha punição foi rápida e segura; e não terminou com a minha partida imediata. Mesmo agora, quando entro na esfera terrena, experimento as terríveis sensações físicas pelas quais passei no momento terrível da explosão; a minha cabeça parece um vulcão represado.

Fui obrigado a passar muitos dias no clima frio da Sibéria, em regiões desoladas no mundo Espiritual, forçado pela minha própria consciência a visitar essas terras selvagens e suportar alguma porção da miséria que infligi a outrem.

Vejo, do meu ponto de vista no mundo Espiritual, as massas da Rússia num estado de agitação feroz, embora escondidas da vista, semelhante à condição dos elementos nas entranhas da terra quando se ouve o estrondo baixo que pressagia o terramoto vindouro.

Mal pensei naquela manhã memorável, enquanto andava na minha carruagem, inspirado por sentimentos de orgulho no meu exército poderoso, com as suas aclamações soando nos meus ouvidos, que o povo que eu mantinha em correntes tão fortes e subjugação estava num estado de revolta; e estava prestes a arremessar-me do meu trono, pela dinamite subtil, para as fronteiras do mundo Espiritual.

Não me admiro agora que os homens sejam traidores do seu Soberano. Não me admiro agora que o assassino conspire silenciosamente contra a nobreza; pois a dinamite mortal não é mais cruel do que os tiranos da Rússia têm sido para com o seu povo.

Finalmente, o meu sucessor foi coroado Czar da Rússia; e que ele seja mais digno da sua posição do que eu provei ser. Se ele escutar os clamores do seu povo por justiça, então o vulcão sobre o qual ele se encontra não eclodirá. Se ele recusar escutar a voz de aviso, será removido, como eu fui, súbita e violentamente da vida.

Adeus, adeus! Voltarei novamente. Sinto aqui um descanso ao segurar a vossa mão.

CONDENAÇÃO DA PENA CAPITAL

LORD FREDERICK CAVENDISH

Outro contraste político é oferecido pela curta mas grávida mensagem do estimável Nobre que foi assassinado no Phoenix Park, em Dublin. A lição a ser derivada dos testemunhos destes Governantes não deve ser esquecida por todos os que ocupam posições de responsabilidade no governo das nações.

O GOVERNO Inglês vingou o meu homicídio, mas isso não me ajuda, ao enviar estes "Invencíveis" irlandeses de cabeça quente atrás de mim para o mundo Espiritual. Eles causarão mais dano ao Governo aqui do que poderiam

ter feito se tivessem sido autorizados a viver e tivessem sido presos ou banidos para sempre. Devo dizer que é um grande erro do Governo.

Com Carey e toda a ninhada, teremos o suficiente de "pintainhos da Mãe Carey" para prenunciar uma tempestade, pois, segundo a linguagem dos marinheiros, eles são os precursores! Não consigo ver bem a saída da dificuldade, mas sei isto: que enquanto as pessoas forem executadas e enviadas para o Próximo Mundo, o problema e a discórdia reinarão na terra. Terá de ser abandonado, este ato de matar um homem porque ele matou outro. Quanto à Irlanda, ela terá de lavar em lágrimas de sangue a sua conspiração secreta contra pessoas inocentes.

Eu tinha intenção de ajudá-la. A minha esposa expôs nobremente as visões dela e as minhas sobre o assunto, quando fui cruelmente atacado e trucidado. "Oh, a sangrenta partida!", como diz Hamlet. Gostaria de chamar a atenção de Sua Majestade a Rainha, e dos nobres Lordes do Parlamento, para a injustiça de subornar homens para traírem os seus companheiros assassinos para a morte!

Desprezamos instintivamente um informador, e no entanto a lei dá oficialmente um prémio a um criminoso por trair os seus companheiros criminosos. É um precedente chocante para os malfeitores.

Paris, 20 de Julho de 1883.

ESTADO ESPIRITUAL DA ALEMANHA

KARL FRIEDRICH ZÖLLNER

O Professor Zöllner deu a sua comunicação com dificuldade. Um país estrangeiro e, talvez, a língua estrangeira, interferiram com o fluxo perfeito das suas ideias.

ESTAVA na véspera de desvendar mistérios que desafiaram o escrutínio de todos os olhos científicos. Esperava decifrar o problema da vida. O inescrutável estava ao meu alcance, quando o Poder que preside a estes mistérios velados me varreu da terra!

Apressei-me com alacridade para o Próximo Mundo porque pensei, com a acuidade que tinha adquirido, que poderia operar no Mundo dos Espíritos e forçar os meus professores universitários e estudantes, que se riam de mim e duvidavam das minhas experiências, a ficarem estarrecidos perante os atos convincentes que eu realizaria contra a sua filosofia materialista. Mas encontro-me sob um conjunto diferente de leis daquelas que me governavam na terra;

sujeito a uma ação aparentemente involuntária que me impele de um ponto no espaço para outro, tal como o coração impele o sangue através das veias.

Impelido por esta força, segui o Médium até ao Novo Mundo da América e espero alcançar, através das minhas palavras neste livro, onde falhei em tornar-me visível.

Diz-se que a mente alemã está tingida de misticismo. As nossas lendas apontam para influências boas e más, para poderes no ar guiando as nossas ações. O povo da minha Pátria é mediúnico; eles compreendem a doutrina das afinidades. Sentem quando o perigo está próximo, tremem com uma influência misteriosa quando um inimigo se aproxima. Muitos dos nossos sensitivos podem dizer o que está a ser feito numa casa a milhas de onde estão. Os escritos de Goethe simbolizam o nosso estado espiritual.

Lado a lado com as nossas perceções de influências intangíveis, cresceu um espírito de ceticismo. O nosso fracasso em demonstrar o que os nossos instintos percebem resultou numa escola materialista de filósofos, que exigem prova sensorial do imaterial. Essa prova é concedida hoje. Dei ao mundo as minhas experiências.

Que qualquer investigador honesto se coloque em ligação com o espaço, por meio de um médium, e encontrará uma prova tangível do poder invisível. Uma mão fria talvez lhe toque, quando nenhuma mão terrena está perto; ou ouvirá sons no ar, batidas estranhas, que responderão inteligentemente às suas perguntas. Não afirmo que cada pessoa possa invocar estes fenómenos, pois existem pessoas peculiares a quem chamo intermediários, que são dotados com o poder de comunicar com os mortos; mas em cada família pode encontrar-se um, pelo que cabe a todos procurar como eu procurei.

Como todos os Materialistas, eu tinha um desejo latente de acreditar num estado futuro. Desejava que a existência de inteligência fora do mundo físico fosse provada. Descobri que o espaço era permeado por uma força inteligente; a isso dei o nome de "uma nova dimensão no espaço".

Os Oráculos de Delfos estão silenciados, mas o poder que outrora os animava vagueia pelo ar supersensível. O Mago passou do mundo civilizado, mas as figuras cabalísticas que abriram os seus segredos estão ao alcance de cada estudante da natureza.

O ceticismo parece não conhecer caminho do meio. Professores Científicos, em vez de examinarem honestamente as alegações do Espiritualismo, assumem a hipótese de que a vida não existe se não for

cognoscível aos sentidos sob condições que excluem manifestações espirituais.

O mundo culto duvidou por muito tempo da existência da antiga cidade de Troia, afirmando que não passava de uma lenda homérica, um mito criado por um Poeta. Hoje, os seus longos argumentos, refutando a existência de tal cidade na antiguidade, foram lançados aos ventos pelas pesquisas e descobertas do douto e intuitivo Doutor Schliemann. Um destino semelhante seguirá os falsos argumentos dos Materialistas, pois as descobertas do dia presente desenterraram o Próximo Mundo.

ORIGEM ASTRONÓMICA DOS FENÓMENOS ESPIRITUAIS

CROMWELL FLEETWOOD VARLEY

Esta comunicação foi dada incógnita, e apenas através de exigência urgente foi o nome anexado.

VISTO que me dizem que este livro não é escrito com o propósito de estabelecer um credo, mas para revelar a experiência e opinião individual da vida no mundo Espiritual, darei as minhas visões sobre o assunto.

Das observações que fiz durante o curto tempo que habitei as Esferas Espirituais, afirmarei que descobri que existem várias cinturas magnéticas circundando a terra, semelhantes em aparência geral às cinturas que rodeiam o planeta Júpiter. Estas são habitadas pela pior classe de espíritos que partem da terra diariamente e a cada hora, por espíritos presos à terra, e por aqueles que são mantidos por laços de afeto a amigos na terra.

Além destas zonas, fui informado por espíritos exaltados que existe fora da esfera espiritual da terra um vasto Mundo Espiritual, atravessando o coração mais íntimo do espaço como um cometa, emitindo uma luz espiritual vaporosa, como a cauda nebulosa de um cometa. Este grande Mundo Espiritual prossegue o seu curso através do espaço sem trilhos, fazendo o seu circuito e reaparecendo na atmosfera da terra a cada dois mil ou mil e oitocentos anos.

Quando as suas camadas magnéticas sublimadas tocam a terra, ocorrem perturbações tanto espirituais como físicas. O sistema planetário torna-se agitado pela vizinhança deste estranho orbe magnético. A terra estremece e treme, o mar recua dos seus limites. Montanhas vulcânicas vertem fogo e fumo e lava derretida, enquanto distritos inteiros da terra são engolidos pelo mar, e novas ilhas são formadas.

A Terra torna-se espiritualmente excitada, e os fantasmas tornam-se visíveis, a partir da projeção da aura magnética espiritual na atmosfera terrestre. A mente humana torna-se perturbada por estas influências e começa a explorar de novo o misterioso Reino do Espírito. Disputas e discussões teológicas, quanto ao poder da alma de ter uma existência prolongada após a decadência do corpo visível, tornam-se frequentes.

Ouvem-se sons preternaturais, ocorrem agitações estranhas na estrutura humana e um sentimento de dúvida e suspense prevalece sobre a humanidade. Ocorre um sentimento geral de rutura, de alguma desagregação estupenda. Revoluções e guerras rebentam, a partir da condição espiritual perturbada. A vaga perceção de harmonias espirituais, que a proximidade deste mundo sublimado produz, dá origem à insatisfação com a ordem prevalecente da vida humana. O desejo de obter uma relação mais equilibrada entre a condição física e espiritual do homem resulta em desordem e inquietação.

Há mil oitocentos anos, quando este Espírito-cometa atingiu a Terra no seu voo periódico, Cristo, o grande médium ou mediador, como é chamado — o significado é o mesmo —, nasceu. A estrela radiante vista no Oriente pelos magos era a luz magnética lançada por esta esfera espiritual. Jesus, sentindo e conhecendo a vizinhança desta aura espiritual, predisse um novo céu e uma nova terra. Espíritos encontraram-no no alto das montanhas e caminharam com ele nos olivais solitários. Ele tornou-se um com eles. Ele profetizou, ele ressuscitou os mortos.

Percebendo que os ritos no Templo, instituídos para espiritualizar o povo, se tinham tornado letra morta, uma mera questão de forma; e que o povo estava a perecer por falta de alimento para o coração e pão para a alma; e que o sacrifício de touros, carneiros e bodes ao Deus-Espírito não alcançava os céus, mas tinha-se tornado uma capa para esconder a gula e as más ações, e que a observância das leis da Igreja era mais imposta do que as obras de bondade ou as ações plenas de alma — ele deu início aos seus ensinamentos espirituais. Fenómenos estranhos ocorreram na sua presença. A terra foi perturbada na sua crucificação. Após visitar o "purgatório", uma das cinturas espirituais que circundam a terra, ele ascendeu ao céu celestial ou grande sistema cometário, que naquela época estava ainda ao alcance da visão da terra.

Trinta ou quarenta anos é o tempo que este visitante celestial permanece contíguo à terra. No presente século, o Espírito-cometa apareceu e foi acompanhado por um avanço decidido na ciência espiritual. Em vez de no Oriente, foi na América que a influência deste grande corpo espiritual se fez sentir. Os segredos do Adivinho Egípcio tornaram-se universalmente

conhecidos através de Mesmer, e o número de "Intermediários" aumentou em proporção. O rasto do Espírito-cometa está a sair da atmosfera da terra. Maravilhosas invenções espirituais foram desenvolvidas na terra, projetadas do mundo Espiritual durante os últimos trinta anos, que é o tempo necessário para que esta enorme nebulosa passe através da atmosfera terrestre. À medida que recua, agita o ar com a sua vaga que se desvanece, mas em breve entrará nos campos do espaço eterno, e a humanidade perguntar-se-á o que aconteceu aos seus visitantes fantasmagóricos!

Os fenómenos espirituais diminuirão gradualmente, mas, como a vaga que recua do oceano, terão colocado a raça num plano mais elevado do que o que ocupava antes. Uma nova Religião tomará o lugar da velha Teologia, e resultará o desenvolvimento final dos homens em deuses, conhecendo o bem do mal, e o abrangimento de toda a terra com o conhecimento, tal como o mar cobre as areias do leito do oceano. Digo que os fenómenos diminuirão, mas os guardiões espirituais e os espíritos domésticos também, habitando nas cinturas que rodeiam a terra, permanecerão aqui para proteger e educar a natureza espiritual do homem.

Para além desta incursão periódica de seres espirituais do mundo do Espírito-cometa, ocorre a incursão mais frequente de espíritos menores vindos da cintura que abrange o globo. Esses espíritos estão num estado de desenvolvimento progressivo e mudança, e juntam-se ao vasto exército na esfera superior quando passam por uma experiência terrena necessária. São constituídos pela massa geral da humanidade, que diariamente passa da terra na ordem da natureza.

A perceção da inter-relação do mundo Espiritual com a terra tem existido desde que a vida do homem no planeta começou, mas como a generalidade da humanidade estava ocupada em feitos de guerra ou em desbravar o ermo e fundar impérios e reinos, alguns indivíduos foram postos à parte como sacerdotes para investigar os fenómenos espirituais. Uma classe de pessoas, a quem o meu amigo Zöllner chama "intermediários" ou médiuns, revelava os mandatos do mundo invisível àqueles cuja condição física impedia de receber a informação diretamente. Descobrindo que, através do jejum e da concentração das suas mentes em certas formas, podiam receber esta inspiração, os doutos formaram uma clique para reter estes mistérios do povo comum e retiraram-se em clausura para aumentar o seu conhecimento e guardá-lo, assim, de se tornar propriedade comum.

Quase mil oitocentos anos antes do advento de Cristo, nos dias áureos do período de maturidade egípcio, grego e judaico, os mesmos fenómenos ocorreram durante a visita deste Espírito-cometa. Espíritos caminharam e falaram e partilharam de comida na terra visivelmente. Os Oráculos estavam

ativos. Profetas e sibilas abundavam, e o influxo espiritual sobre a terra resultou, como sempre acontece, num salto em frente da humanidade na civilização. Tribos e nações, que tinham vivido como as feras selvagens, tornaram-se espiritualizadas. As artes e as ciências floresceram. Nasceram invenções, fizeram-se descobertas e uma nova religião foi fundada. Os homens deixaram de adorar crocodilos e touros, e adoraram uma Divindade invisível e protetora.

Assim, retrocedendo no tempo, pode ser traçada a ação deste visitante espiritual periódico, elevando a humanidade pela influência da sua aura e pela proximidade de espíritos evoluídos. Assim, também no futuro, séculos a partir de hoje, a partir de mil e novecentos, este mundo Espiritual alado retornará da sua missão a outras terras e, por um período de anos, pairará sobre o globo, disseminando luz e espiritualidade.

POLÍTICA EQUIVOCADA DA IGREJA

J. W. COLENSO

Esperamos que o leitor fique tão satisfeito com a comunicação do Bispo de Natal como nós ficámos ao recebê-la. É modesta e, no entanto, profunda. Foi dada ao Médium enquanto residia em Paris, França, no verão de 1883, na altura da derrota de Cetewayo. Supunha-se que o Bispo aludiria ao desastre do seu amigo, o Rei Zulu, mas não o fez.

EXISTEM tantos erros graves que precisam de correção na terra, que um homem interessado nos seus semelhantes não pode viver contente na vida Espiritual a menos que esteja a ajudar no bom trabalho da reforma.

É um grande erro das pessoas pensarem que o caminho antigo é o único correto, e atravessarem a ponte velha e podre porque os seus antepassados a atravessaram. A maioria dos homens seguirá um caminho batido embora este os leve a milhas de distância do destino; mas eu digo, bendito seja o pioneiro destemido que abre uma estrada nova, mais curta e melhor para o mesmo ponto. Ora, em Inglaterra, o Clero, que eu devidamente respeito, ganhou o hábito de correr num trilho viciado, e é difícil fazê-los tomar qualquer outro curso. Por que deveríamos arrogar para nós próprios que o nosso caminho é o único caminho para o Céu?

Chamo a atenção dos meus irmãos clérigos para a condição pouco cristã de uma comunidade que necessita da passagem de uma promulgação chamada "A Lei dos Sepultamentos". Olhai para as cenas terríveis que ocorrem em muitas paróquias, onde o Clérigo se recusa a permitir o enterro, no Adro, de alguém que dele difere em meras formas religiosas!

Chamai aos Zulus bárbaros, mas eles não são tão bárbaros como estes falsamente chamados "homens de Deus", sacerdotes cristãos. Este é o próprio espírito do fanatismo que acendeu os fogos da fogueira! que torturou os mártires da Igreja primitiva e crucificou Jesus de Nazaré.

O mundo Espiritual é perturbado por tais atos monstruosos, cometidos em nome de Cristo. É tempo de nós, sacerdotes mortos, acordarmos e sacudirmos os nossos ossos secos.

Olhai para a tenacidade com que a Igreja se agarra à antiga tradução da Bíblia, impregnada como está com as ideias prevalecentes dos antigos tradutores. Chamai o vosso senso comum em vosso auxílio e perguntai se agora, no vosso dia, não poderíeis fazer uma tradução mais fiel: se a mente, livre de superstição e fanatismo, e instruída em conhecimento técnico, não é hoje mais capaz de analisar os eventos do passado do que eram aquelas almas temerosas do tempo do Rei Jaime, que temiam que Deus as fulminasse por investigarem os seus mistérios?

O pioneiro destemido está ainda por vir na Igreja, aquele que apontará de forma sensata o caminho mais curto e melhor para a paz eterna, a felicidade na terra e a harmonia no além. Esta não deve ser alcançada pintando o inferno e a condenação como punição para aqueles que de vós diferem, ou que não acreditam em Cristo tal como vós o pintais — o que Deus proíba que façam —, mas sim apresentando a Verdade tal como ela é.

PALAVRAS DE DESPEDIDA DO EDITOR DO ESPÍRITO JUIZ EDMONDS

Em vida, o juiz Edmonds, foi um homem de uma calma persistência de propósito que possuiu, em grau acentuado, uma perspicácia aguçada, parecida com a de um advogado, que lhe permitia penetrar o rumo de um caso quase à primeira vista. Ele exibiu as mesmas qualidades admiráveis no decurso destes trabalhos, que ele supervisionou no espírito. Foi a seu pedido que o manuscrito foi levado a Londres para ser publicado, por ser composto em grande parte de contribuições Inglesas, e ele ter, em face de muitas dificuldades, aderido ao seu curso a esse respeito.

A Sra. Horn cruzou o Atlântico três vezes, para Londres, numa negociação necessária ligada ao produto desta Obra, e o Juiz alegremente lhe deu o seu auxílio nos arranjos e remoção de dificuldades.

Ele sempre fez parte do grupo na introdução de novos letrados do espírito nos nossos saraus, e a sua cortês e genial companhia fez com que as séances fossem sempre lembradas, como as conversas intelectuais que lemos que ocorreram nos dias de Johnson e Coleridge, ou dos Salons Francêses da Madame Roland, ou da Madame de Stael.

O meu trabalho está agora completo, e aqui lhe dirijo um agradecimento, Sr. Horn, e à médium, pela atenção que têm demonstrado para os convidados que lhes apresentei.

Procurei a ajuda dos indivíduos mais intelectuais e competentes do presente século, com a finalidade de representar ao público as diferentes fases da vida do Espírito. O Espiritualismo encontra-se em constante progresso. Profecias, feitas nos primeiros anos de seu início, estão a cumprir-se. Credos antigos estão a desaparecer. À luz dessas novas verdades, é impossível ao homem manter as sombrias superstições do passado. As principais mentes da Alemanha, França e Inglaterra estão a despertar para o facto de que os habitantes de outro mundo estão a bater às suas portas. A Igreja treme pelo seu culto mitológico, sob a voz desta Nova Dispensação.

A América sempre tomou a iniciativa nos movimentos progressistas, e este grandioso evento do século XIX, que abre a grande passagem a Noroeste para o Mar Polar da morte, tornando-a navegável, e desvendando os mistérios que mantiveram a humanidade num estado de medo e tremor durante séculos, tem ficado a dever-se à sua empresa e espírito de investigação.

Todas as eras tiveram os seus "Mistérios," em que o sacerdócio ensinou às pessoas a acreditar como estando ligadas ao seu estado futuro, para que pudessem, assim, fortalecer o seu próprio poder e alcançar uma influência sobre as mentes ignorantes e supersticiosas, ao professar serem os intermediários, os intérpretes desses pavorosos mistérios sagrados às pessoas, que eram incapazes de os sondar.

A nossa missão é esclarecer a humanidade e provar que os sagrados mistérios do Cristianismo, à semelhança das crenças supersticiosas do passado - presentes no eclipse, no terramoto e nas erupções vulcânicas - são o resultado de leis simples, e não milagres a serem recebidos com uma fé inquestionável.

Quanto à ocupação dos espíritos: o seu modo de viver os seus credos e as teorias que têm da vida; afirmações feitas por diferentes indivíduos no mundo do espírito irão variar de acordo com o seu desenvolvimento, a sua inteligência e a posição ou local que ocupam no Mundo Seguinte.

É verdade que o Mundo Seguinte é o espírito refinado deste, e por isso é um pouco semelhante, mas não mais similar do que o era a condição geológica inicial da Terra, quando se achava imprópria para ser habitada pelo homem, em comparação com a condição atual do globo. O processo de refinamento teve que ter lugar na vossa esfera antes do homem poder existir: do mesmo modo o mundo do espírito foi refinado na sua presente condição.

Daqui a muitos séculos, a Terra será refinada a condições que permitirão que as pessoas vivam visivelmente na vossa atmosfera, enquanto que agora podemos manifestar-nos apenas por breves instantes.

Prevalece uma ideia equivocada entre muitos quanto às diferentes esferas existentes no mundo espiritual. Supõe-se que essas esferas sejam estratos ou camadas, uma acima da outra. Senti-me inclinado a essa crença, enquanto eu vivia na terra, mas desde então descobri o erro que isso era. Um mundo espiritual é um vasto globo, muitas vezes maior que a Terra, por não poder dar o tamanho exato. As diferentes localidades desse mundo espiritual denominamos "esferas."

As pessoas que passam da terra, de acordo com o seu desenvolvimento, são atraídas para diferentes partes desse imenso globo, e a palavra "Golfo," aquilo que Dives viu (conforme representado na Bíblia), que o separou dos seus companheiros, é a condição que existiu numa localidade distante das outras, localidade essa a que todos os indivíduos necessitados de reforma, todos os homens dos antros baixos, ou mal-intencionados, todas as pessoas subdesenvolvidas são atraídas por uma lei fixa. É tanto sua casa e terra natal quanto a Região Polar é para os Esquimós. Eles podem progredir e desenvolver-se por meio da educação do mesmo modo que um Indiano comedor de caracóis pode sair da condição baixa em que se encontra para uma mais elevada e mais civilizada.

Mas o tempo e os seus próprios esforços, e não um milagre qualquer, produzirão essa mudança e resultado. Na terra há muitos locais onde vivem aqueles a quem chamamos "espíritos presos à terra." As suas habitações têm lugar na solidez das montanhas, ilhas desabitadas, grandes pradarias e planícies, e nas regiões polares. O frio e o calor extremos geram uma atmosfera espiritual interior desconhecida da química terrena, e que nunca aparece no vosso termómetro ou barómetro.

Uma comunidade espiritual habitou as montanhas da Ásia e da África desde a mais antiga existência do homem. As montanhas históricas da Grécia e da Itália tiveram os seus residentes espirituais, conhecidos dos clarividentes Gregos e Romanos e retratados na antiga mitologia. Mas à medida que a civilização avançava, e as estradas eram feitas sobre as colinas e vales, os

espíritos da Terra desertaram dessas montanhas, florestas e vales, para regiões mais abandonadas.

A prática da Igreja Católica de erigir uma capela ou santuário e crucifixo nos distritos solitários habitados por espíritos, para exorcizar os chamados espíritos vis, embora considerada uma superstição, baseava-se numa perceção instintiva das leis que governam os espíritos entre os dois mundos; pois o magnetismo das pessoas vivas perturba o repouso e a morada dos espíritos, e eles são obrigados a afastar-se quando a solidão se torna um lugar generalizado de recurso.

Durante a Idade das Trevas, quando o Cristianismo ensinou aos homens a crueldade ao invés do AMOR! nos tempos do Martírio e da inquisição, os espíritos presos à terra eram quase tão bárbaros quanto os selvagens e os canibais. A horrenda visão relatada por Dante, e as pinturas dos monges medievais e pintores inspirados, que representavam as torturas das almas condenadas, foram retiradas de visões parciais e passageiras relativas à condição dos espíritos, que passaram da terra em meio à rapina e ao assassinato, e às inúmeras crueldades da era, fértil em invenções para produzir dor e angústia.

Existe um significado espiritual em toda fábula. Todo credo que tenha conquistado um lugar nos afetos da humanidade tem um significado espiritual interior baseado nos princípios eternos da Verdade! Os quadros da vida após a morte retratados pelos Brâmanes Maometanos, os Egípcios, os Hebreus, os Gregos e os Romanos, continham este germe da verdade espiritual. A linguagem é simbólica, e as imagens da pós-condição da alma representadas pelos escritores Orientais das Escrituras, são simbólicas de estados mentais, e não de realidades.

É bem sabido por todos os observadores e estudantes de medicina que a alma é capaz de experimentar um sofrimento mais intenso do que o corpo. O desespero, o remorso e o desejo de vingança causam maior tormento do que a dor infligida ao corpo, de modo que os indivíduos recorrem ao suicídio e a todas as espécies de atos corporais para diminuir a angústia da alma. Por isso, como o espírito se torna muito mais suscetível à dor ou ao prazer extático quando liberado do corpo, os quadros clarividentes do Céu e do Inferno, conforme suportados pela alma, são emblemáticos desses estados, e não lugares verdadeiros; como, por exemplo, o Mar de Gelo descrito por Dante, o céu de huris* dos Maometanos, ou o lago de fogo ardente dos Cristãos.

Chegamos agora a um ponto na História do Mundo, em que o conhecimento prático tomou o lugar da especulação do ideal. A verdade pura usurpou o Reino do Romance. Uma mudança paralela seguiu-se no mundo dos

espíritos. Os anjos ou mensageiros da Terra-Espírita não mais se dirigem aos cidadãos terrenos em linguagem hiperbólica, mas por palavras sucintas e explícitas, livres das alusões metafóricas empregadas pelos profetas da antiguidade, eles dão à humanidade informação relativa ao Mundo Seguinte, sem adornos; uma informação que descreve um mundo de causa e efeito, e não um paraíso e céu miraculosos, não adaptáveis a seres de amor e pensamento, mas uma terra espiritualizada, para a qual a experiência mortal é dada ao homem, para o adaptar a viver com prazer ou dor, de acordo com o desenvolvimento e o uso aqui feito das vantagens materiais.

** Virgens prometidas aos Maometanos.*

VISITA AO MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESTRANHO

Esta descrição interessante surgiu sem ser solicitada e por um autor desconhecido. O Médium não conseguiu obter o nome do escritor. Se interessar ao leitor, como interessou ao transcritor, não poderá falhar em carregar consigo a convicção da sua verdade, e provar ser um fecho adequado para uma obra de tão momentoso interesse para a humanidade como esta, que intitulamos "O Próximo Mundo".

APÓS voar léguas no ar espiritual, que é uma condição magnética impercetível que permeia o espaço, senti-me fraquejar, e os Anjos pausaram o seu voo num hotel espiritual, uma casa a meio do caminho entre a Terra e o Mundo Espiritual propriamente dito. O edifício era de forma circular, de um material semelhante ao mármore branco, encimado por várias cúpulas, não muito diferente da mesquita de Santa Sofia ou da de São Marcos em Veneza. Parecia flutuar no ar como um balão, cintilava luz como uma estrela, e encheu a minha mente de admiração, não só pelas suas proporções magníficas, mas pelo seu desenho artístico.

Entrámos e encontrámos reunidos milhares de viajantes de todas as partes da terra, sendo servidos com refrescos sob as diferentes cúpulas que, vim a saber mais tarde, representavam as várias nações da terra. Jovens raparigas espirituais, vestidas com um material semelhante a renda branca, mantinham-se prontas para falar connosco e dar-nos conselhos, informações e orientações, conforme necessitássemos, e servir-nos, se é que se pode chamar servir ao que consistia meramente em tocar em alguma fibra telegráfica, que trazia perante nós, em pratos belamente ornamentados, a comida mais deliciosa e nutritiva imaginável. Como os tecidos do corpo de um espírito não são grosseiros como os do corpo terreno, a comida necessária

para sustentar a vida com eles é como a essência da comida terrena. O aroma das flores, a farinha infinitesimal do grão, o orvalho do sumo das frutas, os açúcares, os fosfatos, a albumina e as propriedades sustentadoras de vida que estão a ser continuamente destiladas no grande laboratório da Natureza. Copos de cristal de belas formas, como as de lírios, túlipas e campainhas, foram-nos passados cheios de um líquido amarelo pálido que sabia, como imaginámos, ao néctar ambrosíaco dos Deuses.

Como eu estava curioso em saber como os espíritos obtinham chávenas e cálices, uma das jovens donzelas de quem falei ofereceu-se, em resposta à minha pergunta, para me mostrar o processo maravilhoso pelo qual estas "coisas de beleza" eram construídas.

"Em primeiro lugar," disse a minha guia, "deves, por favor, lembrar-te de que a forma é desenhada pelo espírito para uso e beleza. Todas as formas que te são familiares na terra podem ser reproduzidas no Mundo Espiritual, porque são o resultado da conceção espiritual, revestida de matéria, que é um meio de tornar o espírito visível. O princípio espiritual da matéria torna-se matéria visível no Mundo dos Espíritos.

"As antigas formas gregas de vasos e jarros, tão graciosas e belas que foram copiadas era após era, não são senão a expressão das almas dos antigos artistas gregos, solidificadas e tornadas duradouras. O processo é eterno, pois é espiritual. Nós construímos da mesma maneira que vós, apenas com mais rapidez. Não é a vossa terra e todo o sistema planetário senão uma exibição materializada do pensamento do Grande Eu Sou?

"Aqui, se desejares um prato ornamentado de certa maneira, ele aparecerá perante os teus olhos. Porquê? Porque a tua mente foi suficientemente educada, pelo contacto com substâncias materiais, para te permitir dar forma exterior ao teu desejo. Certas combinações químicas, voláteis mas eternas, produzem areias e terras que, com calor e pressão, resultam em dar aos habitantes da terra a porcelana de Sèvres e da China, a louça de Dresden, o cristal de Veneza e a olaria da antiguidade. Aqui, produzimos o mesmo tipo, mais belo e por um processo mais rápido. Segue-me para que possas aprender."

Acompanhei-a a uma sala formada por cristais de diferentes cores. No centro erguia-se uma fonte, lançando o seu orvalho bem alto no ar. Um material branco, semelhante a creme, enchia a bacia por baixo dela. Ao tocar num fio elétrico, uma porção desta argila elevou-se num pedestal diante de mim.

"Agora," disse a minha instrutora, "coloca as tuas mãos sobre esta bateria elétrica e deseja distintamente qualquer forma de chávena, vaso ou prato que possas pretender."

Segui as instruções dadas e, imediatamente, apareceu sobre o pedestal um vaso de forma muito bonita, de desenho grego, que eu vira anos antes numa gravura; a mesmíssima forma que eu tinha na mente quando toquei no cabo elétrico.

"Como se consegue isto?", perguntei.

"Desta forma: A tua mente fotografou a imagem da urna grega, e o poder elétrico da tua vontade, agindo sobre o material sensível, cortou-o como o relâmpago fende uma árvore, mas fendeu-o na forma que desenhaste na tua mente.

"Para a mente ignorante e sem instrução, o processo e o resultado parecem magia. Eles não têm a arte, a educação ou a força de vontade para produzir, e espíritos mais esclarecidos produzem por eles até que tenham terminado a sua provação terrena. Pois são obrigados a regressar à terra e estudar nos estúdios e ateliês de arte.

"Neste Hotel, ou 'Palácio da Hospitalidade', que é o significado espiritual de hotel, instruímos os viajantes nos primeiros princípios da existência espiritual. Este edifício foi erguido por um americano benevolente e um nobre inglês, digno do seu título, que, achando que o nascimento no Mundo Espiritual era por vezes acompanhado de tanta perda e desconforto para o espírito como o nascimento na terra é para o ser humano, sem a devida provisão e previdência. O homem precisa de ser cuidado à sua entrada na terra, e assim precisa o seu espírito ao entrar neste mundo, para evitar que se torne anão ou deformado.

"Nas eras bárbaras, muitos espíritos sofreram misérias indizíveis, e as imagens assustadoras do Inferno surgiram das suas experiências ao lutarem com os elementos de um mundo desconhecido, e sujeitos a ataques de espíritos cruéis e não evoluídos.

"O advento de Cristo trouxe uma nova era. Ele ensinou os homens a cuidarem uns dos outros, para que, quando entrassem no Mundo Espiritual, sentissem interesse pelo bem-estar do seu próximo e providenciassem para o seu bem-estar. O homem que despreza os seus semelhantes torna-se um pária na vida Espiritual.

"Vês aqueles espíritos sombrios que entram e saem, envoltos na sua própria consciência? Eles não aceitam informações de ninguém. São aqueles

que estão sempre a denunciar a humanidade como má; muitos são Clérigos tolos, Doutores em Teologia, homens ricos, Lordes titulados e proprietários de terras tirânicos.

"Existem tantos mundos espirituais como estrelas no céu.

"Por que é necessário ensinar moralidade e leis de justiça, e instruir os homens em serem misericordiosos, se não há punição ou tormento eterno para as más ações?

"Porque não há pior punição do que aquela que a alma insatisfeita cria para si mesma. Harmonia, paz, refinamento e cultura mental, e o esforço para beneficiar a raça, são o *Ultima Thule* da Humanidade no mundo Espiritual."

"Mas," disse eu, "nem todas as pessoas são educadas no refinamento. No nosso país (América), nos bosques remotos, nas cabanas de troncos e nas casas de quinta, estão muitos bons pais e mães, que amam ajudar os aflitos, que têm bons corações embora lhes falte cultura. Eles sabem como preparar um jantar para o bom homem da casa, e os homens sabem como cuidar do gado, mas nada mais. Qual é o lugar deles num Mundo Espiritual refinado?"

"Se a vida consistisse meramente em comer e beber, em felicidade animal, e não em conhecimento, eles poderiam continuar para sempre no mesmo plano de desenvolvimento; mas a vida espiritual inclui crescimento. Nenhum homem pode ser inteiramente bom sem conhecimento e experiência. A bondade plácida que traz o conforto individual não é a bondade completa. O espírito é unilateral, como o do Brâmane; deve ser arredondado."

"Cristo ensinou," respondi eu, "que 'sempre que o fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fazeis'."

"Oh, sim! porque essa era a bondade ativa inculcada, fazer o bem às crianças. A menos que vos torneis como uma criancinha, prontos a aprender, questionadores mas recetivos, tendo confiança na humanidade, não podereis entrar no Reino do Céu."

"Quem me dera poder ver Cristo!", exclamei eu; uma espécie de fervor peculiar apoderando-se de mim, aturdido com tudo o que vira e ouvira.

"Acreditas em tal ser?", perguntou a minha guia. "Existem muitos Salvadores — um Jesus Cristo. Quererias vê-lo?"

"Sim!", exclamei jubilosamente.

"Levar-te-ei à sua cidade," disse a minha companheira. "É no Extremo Oriente, perto do sol nascente; pois embora o mundo inteiro abranja os seus discípulos, a sua morada é na Nova Jerusalém, onde os campos são sempre verdes e os riachos límpidos como o cristal. Segue-me: vamos."

Então estendemos as nossas mãos e pés e flutuámos pelo ar até nos encontrarmos sobre uma vasta cidade, rodeada por colinas. As ruas da cidade, que eram largas avenidas circulando-a em muitas direções, pareciam rios de luz solar, enquanto pairávamos sobre o lugar antes de descer. Palmeiras e oliveiras, romãzeiras, laranjeiras e limoeiros exalavam um odor delicioso. Jardins de rosas e lírios, e um arbusto estranho, para mim desconhecido, estendiam grandes flores cujas pétalas eram carmesim e púrpuras, com centros dourados. Pousámos no meio de um jardim.

A minha mente parecia cheia dos pensamentos mais sublimes; harmonias deliciosas flutuavam pelo meu cérebro; cada partícula no ar parecia uma estrela dourada. Estremeci com um êxtase estranho.

"O que se passa comigo?", perguntei à minha companheira. "Porque me sinto assim? Parece que compreendo a vida desde o princípio dos séculos. O mundo move-se como um panorama diante de mim. Sinto uma ternura indizível pela humanidade. Gostaria de recolher o mundo inteiro nos meus braços!"

"É a atmosfera de Cristo que estás a beber. Ela faz vibrar o teu ser. É assim que todos nos sentimos quando na presença próxima deste homem maravilhoso."

Avançámos e cruzámos um riacho. Um campo de lírios, até onde a vista alcançava, estendia-se diante de nós. No meio dele avistei uma figura vestida com vestes brancas, cingida na cintura à moda oriental. O seu rosto brilhava com uma luz pálida, como o luar sobre a água. O seu cabelo escuro era iluminado pela auréola, e os seus belos olhos pareciam orbes emitindo raios de amor. Ao caírem sobre mim, a minha vida passada pareceu abrir-se como um pergaminho diante deles.

Vendo-me a tremer de emoção, ele estendeu as suas mãos, tão belamente formadas, e, numa voz como acordes de música, gritou —

"Vinde a mim!"

Foi-me dado coragem e aproximei-me, soluçando.

"Oh! eu sinto que tu és o Cristo."

"Minha filha," disse ele, "tal como Maria, escolheste a melhor parte. Querias ver aquele que reuniria o mundo inteiro como a galinha reúne a sua ninhada sob as suas asas."

"Ó Cristo!", respondi eu, "eu costumava rezar-te quando era uma criancinha, como a minha mãe me ensinou, e desde então tenho-te rezado em tempos de grande aflição: Ouviste a minha oração? Podes ouvir todas as orações que te são feitas, de todas as igrejas da terra, de milhares e milhões de lábios?"

"Infelizmente, criança, a oração do formalista nunca me alcança. Poucas são as orações de igreja que ouço. Escuto, como após as chuvas e as neves do inverno escutas a voz da ave do início da primavera; assim eu escuto as orações de coração que me chegam daquela terra, girando ainda, metade na escuridão metade na luz: mas a petição simples erguida para mim em amor e fé, eu ouço e respondo.

"Olha para ali! Vês aquela flor, apenas erguendo a sua cabeça acima das outras por um breve momento? Aquilo é uma oração. Alguma alma solitária, abandonada e fraquejante, gritou: 'Eu sei que Cristo me ajudará! Ele perdoar-me-á!' Essa pessoa sentirá o perfume daquela flor, como incenso lançado sobre ela para abençoar a sua vida!

"Onde quer que Cristo pise," disse a minha guia, "flores brotam. Tal como na terra viste pessoas com quem as flores prosperam naturalmente, assim a aura que Jesus emite produz estes belos botões, pois é como amor e luz solar."

"Ó Cristo!", disse eu: "Vives sempre nesta cidade? Em todas as partes da Cristandade: na Inglaterra, França, Espanha, Rússia, América e nas Ilhas do Mar, as pessoas estão a adorar-te. Manténs-te à parte delas e habitas sozinho nesta cidade e jardim?"

Um sorriso inefável iluminou o seu semblante enquanto respondia:

"Filho! aqueles de quem falas não precisam de mim. Eles não me adoram a mim. Eles adoram as suas igrejas, as suas sinagogas, as suas catedrais, as suas vestes e sobrepelizes, os seus padres, o seu incenso, os seus meninos de coro, as suas casas de reunião, os seus credos — de Metodismo, Presbiterianismo, Batismo e todos os muitos 'Ismos' que foram erguidos em meu nome; mas a Cristo eles não adoram. Os princípios que eu ensinei, de amor e paciência, de viver uma vida de intuição em vez de externalismo, eles não praticam. Quando os homens aprenderem a fazer o bem, independentemente das formas, então serão meus discípulos; pois serão os discípulos do nosso Pai Deus; o princípio-alma de tudo o que é de bom.

"Contempla a terra! Como o seu povo geme sob fardos demasiado pesados para serem carregados; como são tributados para sustentar um falso Deus. São esses edifícios magníficos, que pontuam a superfície da terra, feitos para aquecer e abrigar os sem-abrigo, para educar os ignorantes, para confortar os pobres e necessitados? Não! Eles são erguidos para Deus e para mim, Jesus Cristo.

"Habitamos nós neles? Não é o seu odor doentio para os nossos espíritos? Deus está no ar. Eu estou nos campos. Eu amo as árvores, os riachos, as flores e as rochas. Eu não habito nas grandes catedrais. Eu passo pelas igrejas construídas ao preço do sangue da pobreza. Mas podes encontrar-me muitas vezes no casebre, e muitos suicidas solitários eu levantei da água e da lama. Oh! o meu espírito está perturbado, e eu gemo em angústia ao ver os erros que são praticados em meu nome.

"Olha para esta bela cidade! Ela foi construída pelos meus primeiros discípulos, pelos mártires e crentes numa religião imaculada; cujas vidas na terra tornaram a terra melhor; que viveram como eu vivi, para elevar a humanidade acima dos ensinamentos do fanatismo estreito para o grande rio da Verdade; por aqueles que viveram na terra muito antes da minha vida atribulada começar: por Sócrates, por Platão, Pitágoras, por Confúcio, por Zoroastro, por Moisés e pelos sacerdotes e devotos do Egito e da Índia — por todos aqueles que se esforçaram por elevar a alma do homem acima do plano animal."

"Ó Cristo!", exclamei eu, "nós devemos ter os meios com que fazer o bem. Tu não realizaste os teus milagres sem meios. Tu tiveste a água com que fazer o vinho. Tu tiveste os pães e os peixes com que aumentar o alimento da multidão: assim diz a Palavra de Deus."

"A Palavra de Deus! minha criança: toda a história é a Palavra de Deus. As lutas da alma humana para atingir a perfeição são uma Bíblia, um Livro sagrado, escrito ou não escrito. Eu tornei-me um com Deus, com o Grande Espírito do Universo. Os milagres que realizei foram o resultado do meu estudo silencioso da Lei Espiritual, que permeia o Universo da Lei Natural, e que cada médium ou alma recetiva pode produzir, procurando ajuda do Pai Divino, o Espírito da Eternidade."

"Querido Cristo!", exclamei aqui, arrebatado pelos meus pensamentos: "Posso perguntar se és de facto o Filho de Deus? É tudo verdade o que se diz de ti, e nasceste tu antes de apareceres na terra?"

Enquanto eu fazia esta pergunta, as flores em redor de Jesus acenaram com as suas belas cabeças e o ar emitiu um odor delicioso.

"Sim! criança, como todos os homens que fazem a obra do seu Pai no Céu. Nenhum pai na terra me reivindicou como seu e, na linguagem poética do meu país, eu era o filho de Deus. Em todas as eras, os sacerdotes apresentaram pretendentes de nascimento celestial. Inspirados por espíritos, eles selecionaram as melhores ferramentas que puderam encontrar para propagar a crença na Imortalidade. Eu não fui um impostor: fui inspirado por Deus, mas os sacerdotes, os meus primeiros instrutores, esperavam inspirar-me a erguer um reino terreno, a rebelar-me contra o Governo e a incitar o meu povo a quebrar as correntes romanas que os escravizavam.

Mas o Reino que eu fui inspirado a erguer era um reino espiritual. O nosso povo estava escravizado pelas leis mosaicas, mais penosas do que as correntes romanas, porque tinham perdido o espírito dessas leis e tinham-se tornado externalistas. Eles ensinavam que o Pai do Universo se deleitava no sacrifício de touros e bodes, esquecendo que Moisés instituíra cerimónias sacrificiais para os ensinar a serem generosos, e que aquilo que mais valorizavam, os seus rebanhos e o seu milho, deveria ser dedicado a elevar as suas naturezas espirituais.

"Tão cegos eram estes cegos guias de cegos, que ensinavam que o Sábado era para o uso especial deste Deus cruel, e vigiavam se eu curaria os doentes nesse dia, para me poderem acusar de quebrar a Lei de Deus.

"Que cada dia seja um Sábado para ti, ó meu Pai! e traga descanso, e paz, e harmonia, a toda a terra," gritou Cristo, estendendo os seus braços em bênção; e, enquanto falava, o seu fôlego pareceu aquecer a terra distante, e um brilho suave espalhou-se por toda a face do globo. O ar encheu-se de música, como de vozes humanas, de instrumentos de corda e instrumentos de sopro, e de toda a natureza; trespassando-me com uma alegria maravilhosa, como se o milénio tivesse chegado.

Enquanto eu estava, em êxtase com o que vira e ouvira, a minha guia tocou-me gentilmente, dizendo:

"Apressemo-nos a regressar à terra, para inspirar os médiuns e professores a ajudarem no regresso de Cristo à terra; para que, tal como ele habita no céu, possa ainda habitar espiritualmente na terra, no meio da paz, da abundância e da harmonia. Na terra ele foi a encarnação da benevolência espiritual, a personificação do aflato Divino: tal como nós somos a personificação de todo o pensamento dos nossos antepassados, Cristo foi uma personificação do pensamento do Espírito Altíssimo. Oh! que todos os homens compreendessem e obedecessem às leis do Universo, então a terra seria um Éden, e os seres humanos possuiriam os poderes de Cristo!"

Park Place, Saratoga Springs, N.Y., Dezembro de 1883.